



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL
PROF-ARTES

ERVETTON CARLOS ARAUJO

CONCERTO DIDÁTICO NA ESCOLA:
Uma experiência de aprendizagem musical a partir da prática coral

JOÃO PESSOA - PB

2023

ERVETTON CARLOS ARAUJO

CONCERTO DIDÁTICO NA ESCOLA:

Uma experiência de aprendizagem musical a partir da prática coral

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES – UFPB. Área de concentração: Área de Música. Linha de pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes, como requisito para obtenção do título de mestre em Arte pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes - ProfArtes da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carla Pereira dos Santos

JOÃO PESSOA - PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663c Araujo, Ervetton Carlos.

Concerto didático na escola : uma experiência de
aprendizagem musical a partir da prática coral /
Ervetton Carlos Araujo. - João Pessoa, 2023.

151 f. : il.

Orientação: Carla Pereira dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Educação básica - Aprendizagem musical. 2.
Prática coral. 3. Concerto didático. 4. Aprendizagem
cooperativa. I. Santos, Carla Pereira dos. II. Título.

UFPB/BC

CDU 373.3:78(043)

ERVETTON CARLOS ARAUJO

CONCERTO DIDÁTICO NA ESCOLA: uma experiência de aprendizagem musical a partir da prática coral

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES – UFPB. Área de concentração: Área de Música. Linha de pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes, como requisito para obtenção do título de mestre em Arte pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes - ProfArtes da Universidade Federal da Paraíba.

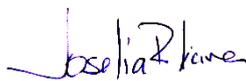
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carla Pereira dos Santos

APROVADA EM: 20/07/2023

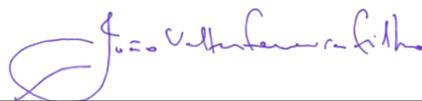
BANCA EXAMINADORA



Professora Dr^ª Carla Pereira dos Santos
Orientadora – PROF-ARTES/UFPB



Professora Dr^ª Josélia Ramalho Vieira
Avaliador interno - PROF-ARTES/UFPB



Professor Dr. João Valter Ferreira Filho
Avaliador externo - UFCG

**JOÃO PESSOA - PB
2023**

AGRADECIMENTOS

Agradecer se torna pouco para o que me foi proporcionado nesse trabalho. É uma palavra que, embora gigante no sentimento, ainda assim não é capaz de sozinha dar conta do que sinto. Porém, vou tentar, se utilizando dela (agradecer), externar minha gratidão pelo que me foi possibilitado.

Antes de tudo, minha gratidão será sempre a Deus, que me sustentou durante todo o percurso dessa pesquisa. Foi quem me amparou quando estive diante das minhas fraquezas, incapacitado de uma reação a altura das diversidades enfrentadas durante esse processo.

De uma forma muito especial, minha gratidão a minha orientadora Prof^a Dr^a Carla Pereira. Foi um ser de luz na minha caminhada no mestrado, da qual sou grato por toda paciência, disponibilidade e por sua serenidade e seriedade para com minha pesquisa. Foi por sua confiança e por acreditar em mim que obtive êxito e evolução nessa jornada que foi o mestrado. Obrigado por tudo.

Gratidão ao Profartes-UFPB e toda a sua equipe de docentes e técnicos pela disposição em ajudar e auxiliar em todas as etapas burocráticas da pesquisa.

Gratidão ao Coral Vozes da ECIT e os queridos integrantes por ter participado dessa pesquisa, se empenhado em mais uma missão musical e por toda colaboração que deram durante esse trabalho.

A gestão da ECIT Deputado Genival Matias, assim como a equipe docente e de apoio por me auxiliarem no trabalho e pesquisa junto ao coral, me dando todo o apoio necessário para que a pesquisa fosse realizada.

As escolas das quais foram realizadas as apresentações dos concertos didáticos e que se dispuseram em assistir, apreciar e colaborar com o trabalho dos alunos, que por vezes eram ex-alunos dessas instituições.

Esse trabalho acadêmico, é o resultado da crença que depositaram em mim, acreditando que eu poderia ir além do que imaginava, à exemplo da minha tia Camila (*in memorian*), que sempre acreditou em uma vida de estudo como forma de alcançar êxito na vida.

Meu agradecimento ao meu pai Ailton Sérgio (*in memorian*), que tinha um imenso orgulho de mim, das minhas conquistas e do que me tornei. Devo a ele tudo que sou, em essência, moral e garra, por vezes em teimosia.

Minha mãe por estar junto a mim, me dando força com a sua simples e poderosa presença, que me faz ter coragem para enfrentar todos os desafios. Sua paciência e simplicidade me trouxe paz e leveza nesse processo.

Agradeço a minha prima/irmã/madrinha Vilma Mussilene por sempre me apoiar, incentivar e ser uma fonte de inspiração, com uma história de vida regada de muita luta, dificuldades, conquistas, enfim uma pessoa de luz na minha vida.

Gratidão a minha esposa Emília e minhas filhas Maria Elena e Lívia. Por vezes não compreendiam as noites sem dormir, os dias inteiros isolados em um quarto lendo e escrevendo, mas foram fundamentais com todo o apoio e presença nessa etapa da minha vida.

Em síntese, agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para que a pesquisa fosse realizada, seja de forma direta ou indireta, mas que cooperaram para que eu pudesse chegar aqui.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo compreender e analisar como os alunos que atuam no coral aprendem música a partir do concerto didático, elucidando aspectos pedagógico-musicais que permeiam a prática coral e o concerto didático no que diz respeito à aprendizagem dos alunos que participaram do coral da escola como atividade musical. A Escola Cidadã Integral Técnica Deputado Genival Matias, localizada na cidade de Juazeirinho-PB, foi o campo abrangido por esse trabalho, e teve como objeto da pesquisa o Coral Vozes da ECIT. Para tanto, o trabalho realizado com o coral seguiu um plano de trabalho que contemplou toda a proposta, roteirizando as etapas da pesquisa, assim como a toda a aplicação das atividades pertinentes e organizadas para esse trabalho. Nesse sentido, a aprendizagem cooperativa pela concepção de Johnson, Johnson e Holubec (1999) foi o campo teórico que baseou a pesquisa, servindo como lente para enxergar os aspectos pedagógicos, sociais e de aprendizagem no coral da escola. Dessa forma, foi através da aplicação de atividades musicais respectivo ao canto coral, aliado ao concerto didático, que busquei, por meio de observações, entrevistas, registros audiovisuais, anotações e diálogo direto com os alunos participantes da pesquisa, explicar como ocorreu a aprendizagem musical dos alunos durante a prática coral e a construção do concerto didático. Neste sentido, a pesquisa seguiu pelo percurso da metodologia qualitativa, por meio de um estudo de caso. À vista disso, olhando para o caminho metodológico qualitativo, a pesquisa qualitativa auxiliou o trabalho da proposta em relação a investigação, exploração e análise pedagógico-musical, elucidando a questão da pesquisa, dispondo assim de instrumentos para a coleta de dados, cujo quais foram as observações, diálogos, notas de diário de campo realizados a cada encontro planejado, registros fotográficos, vídeos, emprego do plano de trabalho da pesquisa e entrevistas que foram realizadas com os alunos participantes do coral, no intuito de aferir as percepções sobre a aprendizagem musical dos integrantes do coral da escola. Como resultados, foi constatado que os alunos aprendem música no concerto didático a partir do próprio fazer musical, intrinsecamente ligado a uma atuação direta, em um processo de construção conjunta, ligado a um único objetivo: aprender e ensinar, por meio do concerto didático.

Palavras-chave: Escola de educação básica; Aprendizagem de música; Prática coral; Concerto didático; Aprendizagem cooperativa.

ABSTRACT

This research aims to understand and analyze how the students who work in the choir learn music from the didactic concert, elucidating musical-pedagogical aspects that permeate the choral practice and the didactic concert with regard to the learning of the students who participated in the choir of the school as a musical activity. The Escola Cidadã Integral Técnica Deputado Genival Matias, located in the city of Juazeirinho-PB, was the field covered by this work, and had as object of research the Coral Vozes da ECIT. To this end, the work carried out with the choir followed a work plan that included the entire proposal, scripting the stages of the research, as well as all the application of the relevant and organized activities for this work. In this sense, cooperative learning, based on the conception of Johnson, Johnson and Holubec (1999), was the theoretical field on which the research was based, serving as a lens to see the pedagogical, social and learning aspects of the school choir. In this way, it was through the application of musical activities related to choral singing, combined with the didactic concert, that I sought, through observations, interviews, audiovisual records, notes and direct dialogue with the students participating in the research, to explain how musical learning occurred. of the students during the choral practice and the construction of the didactic concert. In this sense, the research followed the path of qualitative methodology, through a case study. In view of this, looking at the qualitative methodological path, the qualitative research helped the work of the proposal in relation to investigation, exploration and musical-pedagogical analysis, elucidating the research question, thus having instruments for the collection of data, which were the observations, dialogues, field diary notes made at each planned meeting, photographic records, videos, use of the research work plan and interviews that were carried out with the students participating in the choir, in order to assess perceptions about musical learning members of the school choir. As a result, it was found that students learn music in the didactic concert from their own musical making, intrinsically linked to a direct performance, in a process of joint construction, linked to a single objective: to learn and teach, through the didactic concert.

Keywords: Basic education school; music learning; choral practice; Didactic concert; Cooperative learning.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABEM	Associação Brasileira e Educação Musical
AC	Aprendizagem Cooperativa
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ECIT	Escola Cidadã Integral Técnica
PROFARTES	Programa de Mestrado Profissional em Artes
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO CANTO CORAL NA ESCOLA	15
2.2 GRUPOS MUSICAIS ESCOLARES: ENSINO, PRÁTICAS E PROPÓSITOS	19
2.3 O CANTO CORAL NA ESCOLA.....	22
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	28
3.1 CANTO CORAL: ENTRE A PRÁTICA E A ABORDAGEM.....	29
3.2 CONCERTO DIDÁTICO: UMA FERRAMENTA DE ENSINO.....	32
3.3 A APRENDIZAGEM COOPERATIVA: CONCEITUAÇÃO E DIRECIONAMENTOS ..	36
3.4 A APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA CONCEPÇÃO DOS IRMÃOS JOHNSON E HOLUBEC (1999).....	41
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	49
4.1 CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA E O CORAL VOZES DA ECIT	49
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
4.3 PERCURSO QUALITATIVO	54
4.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	58
4.4.1 Observações.....	58
4.4.2 Plano de trabalho: encontros e apresentações	62
4.4.3 Detalhamento das etapas e encontros	65
4.4.4 Registros da observação.....	74
4.4.5 Registros audiovisuais	74
4.4.6 Entrevistas.....	75
4.4.7 Procedimento de análise de dados.....	77
5 ANÁLISE DOS DADOS	79
5.1 “JÁ ERA UM GRANDE AMANTE DE MÚSICA”: A APROXIMAÇÃO COM O CORAL	79
5.2 APRENDIZAGEM MUSICAL.....	83
5.2.1 “Saber a Cultura da gente é bom”	85
5.2.2 “Ficar junto e fazer a melhor coisa possível”: cooperação e relacionamento.....	94
5.2.3 “Nem parece que é uma aula”: percebendo o trabalho	101
5.2.4 “Acabei aprendendo mais no coral”: novas habilidades	105
5.2.5 “Vocês cantam e ensinam”: o concerto didático como modo de aprendizagem....	113
5.3 SIGNIFICADO DO CORAL PARA OS ALUNOS	125

5.3.1 “Me sinto parte dessa escola e parte de uma coisa grande”: pertencimento	127
5.3.2 “Eles valorizam o trabalho”: reconhecimento da equipe escolar	130
5.3.3 “Está me ajudando muito”: aprendizagem para além do coral.....	133
6 CONCLUSÃO.....	138
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICES	1456

1 INTRODUÇÃO

Embora instrumentista, na condição de trompetista, sempre tive um grande apreço pela música vocal, mais especificamente com o canto coral. Em minha formação, digamos informal, ouvia minha mãe cantar em casa e isso me encantava. Em 2002, me interessei em estudar música e ingressei na Banda de Música São José, uma banda de música que acabara de ser fundada nesse mesmo ano. Assim, passando pelo processo de estudar teoria musical e aprender a ler partitura, comecei a tocar trompa (*Sax horn* em Eb) e, após nove meses, mudei de instrumento, ficando com o trompete, instrumento que hoje estudo. Minha passagem pela Banda de Música durou dez anos e durante esse período, aprendi a tocar outros instrumentos, como o violão, por exemplo, instrumento que tenho grande apreço.

Muito presente na vida paroquial da minha cidade (Juazeirinho-PB), passei então a tocar violão e a cantar nas missas, fazendo parte dos grupos de animação da igreja e, pensando em uma forma de trabalhar com a voz na igreja, no caso com o canto, me dediquei a formar grupos corais com jovens e adultos para as animações das missas, onde eram trabalhados conteúdos como técnica vocal, dicção, alongamento, repertório entre outras coisas que são pertinentes ao canto coral. Esse trabalho com grupo corais foi realizado por quatro anos (2008 – 2012), me proporcionando uma rica experiência com o canto coral e a prática musical coletiva.

Em 2012, o canto coral se tornou mais evidente ao ingressar para a graduação em música na Universidade Federal de Campina Grande. Na licenciatura, conheci mais profundamente o canto coral e participei de grupos corais, à exemplo do Coro Masculino da UFCG (2014). Desse modo, durante a graduação por várias vezes assisti concertos didáticos e, me interessando por esse tipo de apresentação musical, fui observando, estudando, dialogando com professores e me envolvendo mais e mais, com o concerto didático. Assim, percebi então que se tratava de um recurso pedagógico musical, que se mostrava versátil e dinâmico para quem apresenta e para o público, buscando expor o conteúdo de forma clara e objetiva, se utilizando para isso da interação entre o músico e o público, podendo ser empregado em trabalhos posteriores.

No ano de 2018 quando assumi o cargo de professor de artes do quadro efetivo do estado da Paraíba, lotado em uma escola cidadã integral técnica na cidade de Juazeirinho, pude levar a ideia de concerto didático para a escola e assim realizei o primeiro concerto didático, através de uma oficina de violão popular que coordenei, fazendo as apresentações e abordando o contexto histórico, estilístico e autoral de cada música. A experiência foi positiva e decidi dar continuidade à proposta dos concertos didáticos na escola, propondo, em 2019, a disciplina eletiva “Pra cantar e Jacksonear”. Nessa disciplina, tive a ideia de inverter os papéis e deleguei

aos alunos a tarefa de fazer o concerto didático, ou seja, agora seria os próprios alunos que iriam fazer a abordagem do conteúdo nas apresentações, que no caso seria a obra musical de Jackson do Pandeiro¹, promovendo um aprofundamento na cultura musical paraibana.

Com essa proposta, por meio de um processo gradativo/construtivo, no decorrer da aplicação do projeto os estudantes foram imersos em um conjunto de conteúdos que convergiam para o resultado almejado através do conhecer e repassar (ensinar/expor). Os estudantes passaram a conhecer a história musical do artista em questão, tiveram aulas de técnica vocal, montagem de repertório e montagem da apresentação, tudo isso de forma direcionada, porém em consonância com a livre expressão do aluno, que ficou à vontade para opinar sobre o que estava sendo produzido musicalmente. Após concluído as etapas de absorção dos conhecimentos pertinentes à disciplina eletiva, o coral formado pelos alunos passou a fazer apresentações em forma de concerto didático, cantando, expondo e explicando a obra de Jackson do Pandeiro para outros estudantes da escola em que estudam, como também para outras escolas de cidades vizinhas.

Durante o processo de aplicação da citada disciplina eletiva, promovi a prática coletiva com diferentes conhecimentos que os alunos passaram a absorver. O engajamento dos alunos foi muito proveitoso, estabelecendo um ambiente propício ao aprendizado dos conteúdos musicais propostos. Assim, foi a partir da realização da disciplina eletiva com a prática coral e da experiência com o concerto didático, que passei a me interessar ainda mais pelo tema. Todavia, no decorrer do citado projeto pude observar a evolução dos alunos participantes, no que tange a aprendizagem, que foi sendo construída pelo envolvimento dos próprios alunos. Os participantes demonstravam desenvoltura nas apresentações, segurança na exposição do tema abordado pelo projeto do coral, bem como compreensão sobre o que foi trabalhado pela proposta do coral.

Dessa forma, tais observações não eram simples de se atribuir uma resposta sem um olhar aprofundado e direcionado, que elucidasse os aspectos envolvidos nesse processo. Assim sendo, surgiu então o questionamento sobre esse trabalho: como os alunos que atuam no coral aprendem música a partir de concertos didáticos? Dessa forma, mediante a questão que incitou a pesquisa e que demandava reflexões acerca de como ocorria o processo de aprendizagem dos alunos, bem como os aspectos pedagógico-musicais, o objetivo geral da pesquisa foi

¹ José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, nasceu em Alagoa Grande, na Paraíba, em 31 de agosto de 1919. Vindo de uma família de artistas populares – a mãe era cantora de pastoril –, sua história reforça a influência da cultura negra na música nordestina. Jackson é considerado um dos maiores ritmistas da história da MPB. Em 54 anos de carreira, foi responsável, ao lado de Luiz Gonzaga, pela popularização nacional de canções nordestinas.

compreender e analisar como os alunos que atuam no coral aprendem música a partir de concertos didáticos. Nesse sentido, os objetivos específicos foram analisar como ocorre o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com a prática coral; compreender o papel do concerto didático na aprendizagem musical dos alunos; analisar a função do canto coral na sala de aula, como prática significativa aos alunos.

Com base no explicitado anteriormente, essa pesquisa, motivada pelo projeto escolar “Pra cantar e Jacksonear”, teve o propósito de compreender mais profundamente o próprio objeto de nossa atuação na escola, do qual tem como *locus* o coral que é desenvolvido na Escola Cidadã Integral Técnica Deputado Genival Matias da cidade de Juazeirinho-PB. A pesquisa foi conduzida através da abordagem qualitativa, tendo o estudo de caso como método de investigação, permitindo o aprofundamento necessário para responder aos questionamentos levantados a partir da aplicação do citado projeto escolar. Essa condução, mediada pelo estudo de caso, concedeu uma abordagem focada com um olhar delimitado ao que a pesquisa se propôs a realizar.

Desse modo, à vista disso, a fim de se fazer uma investigação metodológica dos aspectos levantados pela aplicação do projeto escolar, que necessitam de respostas para as questões que permeiam a pesquisa, o desenvolvimento do trabalho foi realizado por meio do cumprimento de etapas que convergiram para a consolidação do trabalho por meio do delineamento da pesquisa.

Assim sendo, com o objetivo de propiciar a investigação da pesquisa, utilizei de ferramentas metodológicas que me permitiu coletar os dados gerados por esse trabalho, a saber, os instrumentos de coleta de dados, tais como as observações, entrevistas, o diário de campo e os registros audiovisuais, que possibilitaram fazer o levantamento das informações pertinentes do processo de aplicação da pesquisa. A análise dos dados obtidos, teve como foco compreender a questão da pesquisa, bem como os aspectos pedagógico-musicais que permearam o trabalho. Para tanto, a análise foi realizada de forma indutiva, a partir da interpretação dos dados levantados, e que teve como aporte a teoria fundamentada de Strauss e Corbin (2008). Sendo assim, foi possível começar “pela recolha de dados, revendo-os e explorando-os, e [assim ir] tomando decisões acerca do objetivo do trabalho” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 89).

Como referencial teórico e base de estudos o conceito teórico-metodológico da aprendizagem cooperativa dos autores David W. Johnson, Roger T. Johnson e Edythe J. Holubec (1999), nos deu o suporte teórico, possibilitando relacionar as informações coletadas durante a realização da pesquisa e o conceito levantado para fundamentar o trabalho, servindo

como uma lente para enxergar o processo da pesquisa, no que se refere ao trabalho coletivizado empregado nessa pesquisa.

Isto posto, a fim de situar a organização do texto que aqui será apresentado, esta pesquisa traz em seu escopo a revisão bibliográfica, que foi realizada contemplando trabalhos com base em temas do mesmo campo da pesquisa, bem como dos que se aproximam quanto à sua natureza, no que concerne as práticas musicais no âmbito escolar. A metodologia apresenta o percurso e os encaminhamentos dos quais a pesquisa foi realizada, apontando os instrumentos de coleta de dados, assim como os procedimentos para a análise dos dados a serem levantados e o plano de trabalho estabelecido para a aplicação da pesquisa. O texto traz também a fundamentação teórica, que norteou a pesquisa e que foi constituída a partir dos conceitos e estudos teórico-metodológicos em relação a aprendizagem cooperativa dos autores citados anteriormente e, por fim, a análise dos dados obtidos na pesquisa, abrangendo aspectos que, apenas com um trabalho aprofundado e um olhar reflexivo, pude trazer a compreensão sobre a aprendizagem dos alunos e discernir as particularidades apontadas nas informações extraídas da coleta de dados e que influenciaram diretamente na prática musical, empregada para essa pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na pretensão de compreender como acontece a aprendizagem musical dos alunos com o canto coral, associado ao concerto didático, foco dessa pesquisa, a construção da revisão de literatura desse trabalho se pautou por averiguar abordagens e o estado da arte sobre grupos musicais escolares e práticas vocais/corais na escola de educação básica. Dessa forma, o levantamento da literatura foi realizado levando em consideração trabalhos compreendidos entre os anos de 2006 e 2021, dando assim uma ampla visão sobre o tema dessa pesquisa, bem como temas subjacentes a prática coral no contexto escolar. Assim, a busca da literatura se deu a partir do tema em que esta pesquisa está pautada, nessa direção, tais trabalhos foram pesquisados em diferentes fontes repositórias, a saber Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM, banco de dados do Programa de Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes, repositório da Capes e de universidades, revistas e periódicos.

Dessa forma, durante o processo de busca das literaturas, pude aferir trabalhos com diferentes focos musicais, assim como livros, teses, dissertações, artigos, periódicos e revistas que, embora tivessem discursões diversas, no que diz respeito às perspectivas, foram relevantes para a percepção do que vem sendo discutido sobre o tema. Trabalhos com foco em grupos corais e instrumentais (bandas fanfarras, marciais, grupos de violão, entre outros), foram fundamentais para o entendimento de como essa temática vem sendo tratada e, em particular, no âmbito escolar. No que diz respeito ao concerto didático, encontrei trabalhos que buscaram evidenciar essa prática como uma ferramenta capaz de fomentar a interação e produzir conhecimento para o público de forma a proporcionar uma atmosfera pedagógica e de oferta de conhecimento.

Para uma melhor explanação e compreensão sobre as abordagens que foram levantadas, bem como o entendimento da literatura no âmbito em que a pesquisa está localizada, houve a necessidade de, primeiramente, compreender o que vem sendo discutido na área sobre essa temática e em seguida organizar essa literatura por temas correlatos. Sendo assim, apresentarei primeiramente os trabalhos encontrados sobre grupos musicais escolares com foco em instrumentos e depois os trabalhos específicos sobre práticas vocais e corais na escola.

Tanto no âmbito dos trabalhos relacionados aos grupos instrumentais, quanto vocais escolares, encontrei trabalhos que abordam a importância dessas práticas no contexto histórico, escolar, social, psicológico e pedagógico-musical. E será a partir dessas categorias temáticas que apresentarei minha revisão de literatura.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO CANTO CORAL NA ESCOLA

O canto coral no Brasil tem estado cada vez mais presente como atividade musical, trabalhado no contexto escolar, como ferramenta que propicia práticas vocais que perpassa por áreas de afinidade no âmbito musical, se revelando uma conjuntura pedagógico-musical que vem ganhando força em relação a sua presença no ambiente escolar ao longo da sua história e que vem sendo desenvolvida em variados contextos e espaços de ensino-aprendizagem musical.

Nessa direção, no que tange o canto coral em sua abordagem histórica, Brito (2018) em seu trabalho, abordou o canto coral pela perspectiva histórica, tratando do seu desenvolvimento no Brasil, através da implantação do projeto de educação musical de Heitor Villa-Lobos. A autora trouxe considerações acerca do canto orfeônico trabalhado por Heitor Villa-Lobos, buscando expor como se deu o emprego do canto orfeônico nas escolas brasileiras. Assim, a autora afirma que:

A história da prática coral no Brasil é marcada pelo programa de educação musical implantado pelo compositor Heitor Villa-Lobos. Fundado em 1912, o programa foi originado primeiramente em escolas do Estado de São Paulo, por meio do decreto nº 19.890 (BRITO, 2018, p. 02).

Dessa forma, o canto orfeônico foi expandido para outras cidades, à exemplo do Rio de Janeiro. Desse modo, o autor expõe como se deu o processo de implementação do canto coral, contemplando os desdobramentos ocorridos para que a prática coral ganhasse espaço no âmbito escolar.

Na perspectiva de expansão da prática coral, mediante o programa de educação musical pelo canto orfeônico, Silva (2007) realizou uma abordagem histórica, explanando sobre as atividades do canto orfeônico na Paraíba entre os anos de 1930 e 1940. A autora traz em seu trabalho uma exposição de como o canto orfeônico foi desenvolvido na Paraíba, sobretudo a atuação do educador, pianista e compositor Gazzi de Sá, que foi responsável por introduzir o canto orfeônico no estado paraibano. A autora destaca que:

O canto orfeônico na Paraíba foi idealizado em 26 de abril de 1932, ficando sob a responsabilidade do professor Gazzi de Sá elaborar a programação das atividades e encaminhá-las ao setor competente para as providências necessárias (SILVA, 2007, p. 43).

Desse modo, Silva (2007) enfatiza o trabalho pedagógico de Gazzi de Sá, frente ao desempenho nas atividades com a prática coral, dando relevância ao seu trabalho que, segundo a autora, não se concentrou apenas à capital João Pessoa, mas que se arraigou em todo o estado paraibano. Assim sendo, conforme a autora, Gazzi de Sá foi responsável também pela criação

do Conservatório de Canto Orfeônico, onde se inseriu também os serviços de grupos musicais, à exemplo de bandas e conjuntos musicais diversos. Silva (2007), ressalta que o desenvolvimento do canto orfeônico na Paraíba acontecia de forma paralela ao Rio de Janeiro, estando o professor Gazzi de Sá encarregado de conduzir o trabalho pedagógico dos demais professores pelo estado. Dessa forma, conforme a autora “os professores na Paraíba eram orientados por Gazzi de Sá, que também preparava os alunos nas escolas e os ajudava nas concentrações orfeônicas” (SILVA, 2007, p. 44). Contudo, salienta a autora, todo o trabalho de Gazzi de Sá com o canto orfeônico na Paraíba, foi realizado sob a ajuda e orientação de Heitor Villa-Lobos e de forma praticamente síncrona, com um curto espaço de tempo entre a execução do projeto de Villa-Lobos no Rio de Janeiro e o início dos trabalhos de canto orfeônico na Paraíba. Segundo Silva (2007):

Desde 1932, mantinha contato com Villa-Lobos, recebendo orientações para a realização do canto orfeônico na Paraíba; ou seja, desde o início do grande projeto de canto orfeônico no Rio de Janeiro, com Villa-Lobos, no Governo de Getúlio Vargas (SILVA, 2007, p. 41).

Dessa maneira, o trabalho de Silva (2007), expõe e exemplifica o alcance que o projeto de educação musical de Villa-Lobos com o canto orfeônico possuiu, abrangendo o Brasil por meio de um programa que oportunizou musicalmente alunos das redes de ensino público, abriu espaço para a formação de profissionais e promoveu concentrações com grandes apresentações, não apenas no Rio de Janeiro, mas, como exposto, na Paraíba, como destacado por Silva (2007).

Nessa mesma direção, Ferraz (2016) em seu capítulo do livro *Pedagogias brasileiras em educação musical*, organizado por Tereza Mateiro e Beatriz Ilari, fez uma abordagem da vida e obra de Heitor Villa-Lobos, trazendo considerações históricas acerca do canto orfeônico, bem como o seu processo de estabelecimento no Brasil. Assim, o autor fez uma exposição do canto coral em seu aspecto histórico, considerando a sua relevância para o contexto escolar, assim como para “a conscientização do brasileiro para o que era o Brasil” (FERRAZ, 2016, p. 30). Dessa forma, conforme o autor, propondo a Villa-Lobos a responsabilidade de ser diretor, a SEMA, ou seja, a Secretaria de Educação Musical e Artística, foi criada em 1932 pelo governo do Rio de Janeiro. O autor afirma ainda que:

O compositor não visava à formação de músicos, mas de indivíduos que soubessem apreciar música e tivessem no âmago de suas identidades o sentido de cooperação coletiva, patriotismo, civismo e disciplina. Além disso, o maestro tinha como objetivo socializar as crianças e “elevantar” o seu nível intelectual e cultural (de acordo com discussões da época, na qual a chamada alta cultura, ou a cultura cultivada pela elite, era vista como cultura elevada) (FERRAZ, 2016, p. 29).

À vista disso, Ferraz (2016) evidencia o enfoque da proposta de Villa-Lobos, utilizando o canto coral como forma de promover práticas musicais contextualizadas com as demandas educativas e sociais do governo da época, sendo a prática do canto orfeônico, o mobilizador dos ideais musicais e de política de governo.

Com essa mesma perspectiva histórica, encontrei no trabalho de Santos (2010) uma análise sobre a vida e obra de Heitor Villa-Lobos, com um olhar voltado ao seu percurso pedagógico e, respectivamente, sobre o canto orfeônico. Nesse trabalho, o autor enfatizou as experiências de Villa-Lobos no âmbito pedagógico, político e educativo, salientando no seu trabalho a concepção histórica em relação ao canto coral. O autor destacou que “é principalmente durante o período de 1930 a 1945 que se desenvolve a experiência pedagógica de Villa-Lobos” (SANTOS, 2010, p. 22), sendo respectivamente trabalho pelo maestro e compositor o canto coral, em sua forma orfeônica. Santos (2010) trouxe ainda considerações acerca do canto orfeônico, afirmando que:

As primeiras manifestações do canto orfeônico no Brasil só aparecem mais tarde, durante as décadas de 1910 e 1920. Este canto não se destinava à formação de músicos, mas à popularização do saber musical com o objetivo de elevar e civilizar o gosto artístico da população, contrapondo-se à música “popularesca”, característica do comportamento “bárbaro” das classes populares (SANTOS, 2010, p. 23).

O autor, por meio de sua explanação sobre Heitor Villa-Lobos, se empenha em expor o trabalho do compositor sobre o canto coral, descrevendo o percurso histórico das ações de Villa-Lobos. Dessa forma, é possível aferir, dentro desse contexto, que o canto orfeônico foi além das perspectivas musicais projetadas para sua implementação nas escolas do país.

Ainda dentro do contexto histórico do canto coral, encontrei no trabalho de Constantino (2018) uma abordagem voltada para as questões de aplicabilidade do canto orfeônico no que diz respeito à apreciação musical, sendo relacionada ao período de vigência do trabalho de Villa-Lobos quanto ao emprego do canto coral nas escolas do país. Constantino (2018), debruçou o seu trabalho no canto orfeônico, trazendo considerações sobre o aspecto pedagógico do canto orfeônico, recaindo o seu olhar sobre a apreciação musical como atividade pouco desenvolvida pelo canto no período de desenvolvimento do canto orfeônico, entre as décadas de 1930 e 1960. O autor também frisou que, mesmo com a fama de Heitor Villa-Lobos em relação ao canto coral, em sua forma orfeônica, empregado por ele de forma expandida no Brasil:

É importante mencionar que ambas as iniciativas [canto coral e solfejo] já se apresentavam nas escolas públicas paulistas antes mesmo do feito aglutinador de Villa-Lobos no país, que imprimiria às rotinas escolares a orientação disciplinadora (CONSTANTINO, 2018, p. 1819).

Dessa forma, percebe-se que, com muito do aparato histórico apontando para o trabalho do maestro e compositor Heitor Villa-Lobos, no que tange o canto orfeônico, essa prática vocal já vinha sendo trabalhada anteriormente à disseminação realizada por Villa-Lobos no país.

Relacionado a essa direção de Constantino (2018), com interesse pontual no aspecto histórico do canto coral, encontrei também o trabalho de Lemos Junior (2020). O autor fez uma investigação sobre as práticas do ensino de música e do canto orfeônico no Ginásio Paranaense entre os de 1931 a 1961, se utilizando de registros documentais da escola relacionada ao seu trabalho, do qual promoveu a análise histórica dos conteúdos trabalhados pela escola em destaque na sua investigação. Seu objetivo foi discorrer sobre a experiência desta disciplina, o canto orfeônico, em um contexto regional, buscando demonstrar a proximidade entre a história da educação musical com a história da educação, mediante o canto orfeônico. Lemos Junior (2020) ressalta em seu trabalho que “a partir do ano de 1931, a disciplina de música e canto orfeônico passou a ser adotada oficialmente nos currículos do curso ginásial das escolas secundárias brasileiras” (LEMOS JUNIOR, 2020, p. 03), afirmando que a inclusão da música de forma obrigatória se deu a partir do projeto de Heitor Villa-Lobos, sugerindo ao presidente da época, Getúlio Vargas, a implementação do canto orfeônico como disciplina obrigatória nas escolas do país.

Semelhante à Lemos Junior (2020), o trabalho de Santos (2010) também trouxe considerações acerca do canto orfeônico, em seu aspecto histórico, afirmando que o canto orfeônico teve sua aplicação no Brasil estabelecida anteriormente à proposta de Villa-Lobos, por outros professores que se dispuseram a empregar esse tipo de atividade vocal coletiva que, segundo Santos (2010), se difere do canto coral erudito por se tratar de “uma prática em que se organizam grupos de tamanho variável formados por conjuntos heterogêneos de vozes” (SANTOS, 2010, p. 24) e que não faz exigências técnico-musical aos participantes desse tipo de prática vocal, sendo trabalhado de forma coletiva, voltado para massas de pessoas, nesse caso, de alunos. Nessa perspectiva, Ferraz (2016) afirma que o canto orfeônico teve durabilidade mesmo após o encerramento das atividades pedagógicas de Heitor Villa-Lobos no governo Vargas em 1945, salientando que “o canto orfeônico continuou existindo nas escolas mesmo depois que Villa-Lobos foi desligado das suas atividades educacionais junto ao governo em 1945 e fez parte da educação escolar até 1971, quando foi então abolido do currículo” (FERRAZ, 2016, p. 33).

Partindo dessas constatações acima expostas, das quais abordaram o canto coral pelo olhar histórico e que trouxe ponderações acerca da sua implementação no âmbito escolar, pude

perceber como a prática vocal foi internalizada no contexto escolar, assumindo um papel importante do ponto de vista pedagógico, sendo abordado de forma histórica, aferindo as estreitas relações entre o canto coral e a escola. Dessa forma, olhando para o estado da arte, em relação a historicidade do canto coral, pertinente ao contexto escolar, esse levantamento de literatura nos fez compreender o que foi e o que vem sendo discutido acerca do canto coral, pelo viés histórico, e que se faz necessário conhecer as direções pedagógicas das quais a prática vocal estabeleceu em suas aplicações.

2.2 GRUPOS MUSICAIS ESCOLARES: ENSINO, PRÁTICAS E PROPÓSITOS

Ao olhar para os grupos musicais que se fazem presentes no ambiente escolar, podemos perceber a diversidade de práticas, formações e aplicações da qual conjuntos musicais são e estão sendo trabalhados e abordados na escola. Dessa forma, através da exploração de literatura pertinente ao tema desse trabalho, verifiquei o que vem sendo tratado sobre grupos musicais na escola. Desse modo, a partir da literatura, pude perceber que os grupos musicais, nos quais inclui-se os corais, têm estado cada vez mais presentes na escola, sendo aplicados com diferentes perspectivas, enfoques e propósitos.

É evidente o interesse de autores em tratar sobre as práticas musicais em grupo que atendem aos alunos a partir de diferentes formatos e formações que vão desde o cantar ao tocar e que contemplam propostas diferentes em suas aplicabilidades. Nesse contexto, para melhor compreender os trabalhos relacionados às diferentes temáticas e formações em grupo, que diretamente tem relação com minha temática, considero importante destacar de forma breve o que vem sendo tratado no âmbito do tocar, ou seja, dos grupos instrumentais na escola. Desse modo, encontrei no trabalho de Gonçalves (2020) a elaboração de uma proposta de ensino de teclado de forma coletiva, haja vista a demanda de alunos com interesse em aprender o instrumento. A autora decidiu por desenvolver essa proposta, de forma extracurricular, destinando seu trabalho aos alunos que solicitaram as aulas específicas do teclado. Gonçalves (2020) também contemplou em seu trabalho aspectos de interação entre a música e a juventude, destacando que:

A música tem papel central na vida dos jovens. Ela os ajuda a se socializarem, a se identificarem mutuamente e se descobrirem em uma fase tão marcada por mudanças – e faz parte do dia a dia das mais variadas formas (GONÇALVES, 2020, p. 29).

Assim, com um viés coletivo, no que tange o ensino de música, a autora trouxe ainda considerações sobre o ensino de instrumento em grupo no contexto escolar, ressaltando que os

grupos musicais, olhando para as questões de ensino, tendem a ter sucesso nas suas propostas, uma vez que esse formato facilita o processo de formação de grupos e atende de forma mais abrangente os alunos, em relação a quantidade.

Nessa mesma perspectiva, Oliveira (2020) traz em seu trabalho uma proposta de ensino de guitarra elétrica e, conseqüentemente, a formação de um grupo musical na escola. Em sua proposta, o autor teve como finalidade expor materiais didáticos para a utilização no ensino de guitarra em grupo, fazendo com que os alunos se desenvolvam musicalmente a partir dessa prática e da interação entre os participantes. O objetivo do autor foi estimular a participação e a continuidade dos alunos, desenvolvendo as habilidades para o fazer e o conhecer musical. Dessa forma, no decorrer do seu trabalho, Oliveira (2020) trouxe considerações sobre o ensino no formato coletivo na escola, salientando que “o ensino de instrumento em grupo é um formato que permite diversas possibilidades pedagógicas, sendo cada vez mais utilizado principalmente em aulas para alunos iniciantes” (OLIVEIRA, 2020, p. 36). Desse modo, o autor nos mostra como o ensino e formação de grupos musicais na escola se tornam eficientes no que diz respeito ao acesso e abrangência de trabalhos musicais escolares dessa natureza.

Ainda no mesmo direcionamento, Oliveira (2020) se propôs a apresentar em seu trabalho uma proposta de natureza teórico-prática por meio do ensino de flauta doce. Com essa perspectiva, o autor identificou contribuições relacionadas ao ensino de música na escola por meio do ensino coletivo de flauta doce, tendo como objetivo promover uma prática musical rica em experiências, otimizando o processo de ensino-aprendizagem e a democratização do ensino de música na sala de aula. Oliveira (2020) abordou ainda sobre os aspectos pedagógicos e sociais desse tipo de ensino, afirmando que “o pertencimento de grupo que a prática de ensino coletivo evidencia é de suma importância, pois o aluno percebe que compartilha das mesmas dificuldades que os colegas, evitando que assim que ocorra o desestímulo” (OLIVEIRA, 2020, p. 13). Assim, o autor expôs em seu trabalho os aspectos de contribuições e demanda pedagógica relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem voltadas ao ensino e, conseqüentemente, a formação de grupos musicais escolares.

Dentro dessa perspectiva de grupos musicais e observando a literatura específica que trata desse tipo de construto musical no contexto escolar, encontrei trabalhos que discorrem sobre experiências musicais de conjuntos trabalhados na escola. Silva e Wolffenbüttel (2018) produziram um trabalho que teve como objetivo partilhar experiências da banda marcial de uma escola da rede pública de ensino. Nesse trabalho, os autores apresentaram considerações acerca das contribuições que tal grupo musical pode trazer para os alunos, as metodologias existentes e a importância da existência de grupos musicais dessa natureza. Dessa forma, trazendo

informações acerca das bandas escolares e o fazer musical no espaço escolar, os autores destacam que “considerando-se as questões históricas e sociais, a banda marcial tem sido, na maioria das vezes, o primeiro contato de muitos alunos com a Música, principalmente estudantes da escola pública” (SILVA e WOLFFENBÜTTE, 2018, p. 06). Assim sendo, os autores ainda salientaram que:

Na banda, os alunos têm a oportunidade de ter o aprendizado musical iniciado através de instrumentos percussivos, tendo contato com uma ampla variedade de sons, timbres e diferentes formatos sonoros; a partir disso, os alunos começam a identificar sons graves e agudos, desenvolvem a percepção rítmica e situam-se diante de um aspecto pedagógico-musical de vastas possibilidades de fazer música e, até mesmo, relacionar estes aspectos musicais com o entorno e com seu cotidiano (Silva; Wolffenbüttel, 2018, p. 07).

Silva e Wolffenbüttel (2018) expuseram a importância de se fomentar a prática musical voltada para bandas escolares, ao mesmo tempo que esse tipo de prática musical, no espaço escolar, se torna significativo para os alunos participantes desse tipo de grupo. Assim sendo, os autores salientam a necessidade de estímulo e promoção de bandas escolares, como forma de oportunizar os alunos, desenvolvendo o aprendizado musical.

Nessa mesma direção sobre bandas escolares, o trabalho de Souza (2020) apresenta as relações das atividades de bandas escolares, que teve como foco três bandas escolares em escolas da rede pública de Goiânia-GO, e o rendimento escolar dos participantes desses grupos instrumentais. Tal pesquisa teve o objetivo de compreender os vínculos sociais e educativos dos alunos participantes das bandas associadas ao desempenho escolar, analisando se tais bandas escolares possuem papel relevante na vida escolar e familiar de cada participante. Souza (2020) trouxe ainda apontamentos sobre o trabalho desenvolvido nas bandas no contexto escolar destacando que “estudar essa relação pode ajudar a compreender, colaborar e a pensar em mais estudos que abordem a importância da atividade das bandas escolares na rede educacional [...]” (SOUZA, 2020, p. 21). Assim, o autor, por meio de sua pesquisa, expôs que para tal trabalho instrumental e, conseqüentemente, trabalho com grupos musicais escolares, demanda variadas formas de emprego de metodologias, o que necessariamente exige conhecimento de diferentes conceitos do âmbito pedagógico e musical.

Mediante a exploração e, respectivamente, a explanação do que vem sendo tratado pela literatura sobre os grupos musicais, foi possível perceber as relações entre a escola e as práticas instrumentais empregadas de forma coletiva. As práticas musicais de cunho coletivo, sobretudo os grupos musicais com diferentes modos de realizar, atuam com perspectivas que vão além do propósito do fazer e saber musicais, acentuando também o papel socializador, inclusivo e coletivo em suas ações.

Em vista disso, através dessa observação sobre o que a literatura vem discorrendo acerca de grupos musicais dessa natureza, ou seja, grupos musicais que se formam e se mantêm com suas atividades no âmbito escolar, pode constatar que os grupos que se enquadram nesse perfil pedagógico e metodológico, em relação ao trabalho coletivo, estão cada vez mais presentes na escola, exercendo atividades que transcendem o universo musical ao abordar aspectos não apenas musicais, como também sociais, por exemplo, e que por muitos são considerados periféricos, mas que são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem musical. Isto posto, dentro desse contexto de atividades coletivas, de acordo com o que a literatura apontou, estão incluídas as práticas corais, realizadas de forma diversificada em suas perspectivas, enfoques e práticas.

Todavia, é importante ressaltar que o explorar de trabalhos que abordam sobre grupos musicais no contexto escolar, foi fundamental para que eu pudesse ter uma visão amplificada sobre esse âmbito, estando os corais escolares inseridos nesse contexto, pois também se trata de uma prática musical realizada de forma conjunta e que está presente na escola, como um processo que viabiliza, além da aprendizagem musical, a oportunidade de um fazer musical que tem em sua essência o processo pedagógico-musical coletivizado. Isso é um destaque importante, sobretudo no sentido de que, no contexto escolar, muito embora pontualmente, ocorra trabalhos individualizados, a forma mais comumente utilizada é o trabalho em grupo, ou seja, processos de ensino de música compartilhados com um coletivo e que, em sua essência, proporciona vivências inerentes às práticas grupais, não diferente a prática do canto coral.

Nesse sentido, os grupos musicais, de uma forma geral, além de uma prática comum do contexto escolar, no que se refere a música, também comungam de aspectos relacionados ao canto coral que são destacados pelos autores que abordam sobre os grupos musicais instrumentais, sobretudo o caráter socializador, abordagens pedagógicas e processos de ensino e/ou aprendizagem, inerentes à natureza desse tipo de trabalho musical do ambiente escolar. Dessa forma, as semelhanças dos aspectos tratados pelos autores, convergem em um mesmo sentido, ao se reportar sobre práticas musicais de caráter coletivo, seja utilizando o canto ou instrumentos musicais diversos.

2.3 O CANTO CORAL NA ESCOLA

Focando o olhar para as práticas musicais que são realizadas em conjunto na escola, ou seja, as práticas coletivas, pudemos contemplar trabalhos que se voltam para esse aspecto. Desse modo, práticas vocais direcionadas ou trabalhadas no âmbito escolar são partes

constantes em pesquisas e/ou trabalhos que se voltam para esse mundo, no intuito de discorrerem sobre diferentes perspectivas, com enfoques pedagógicos, sociais e metodológicos, evidenciando assim atividades vocais que se firmam progressivamente no ambiente escolar.

Assim, por meio da observação na literatura que se volta para as práticas vocais no contexto escolar, encontrei o trabalho de Galdino (2016) que teve como objetivo analisar o processo de formação de um coral como atividade complementar para o ensino médio no Colégio Polivalente, na cidade de Ponta Grossa, PR. A autora fez abordagens dos conceitos de adolescência pela perspectiva histórica e social, relacionando a música e a sua importância para esse período de vida, considerando uma vivência musical significativa por meio da prática coral, bem como apresentou documentos e políticas públicas sobre o ensino de Arte/Música no Brasil e no estado do Paraná. A pesquisa teve como foco a formação de um coral na Escola Polivalente na cidade de Ponta Grossa/PR, de forma extracurricular como uma atividade complementar. Galdino (2016), mediante sua pesquisa, destaca também que:

Alguns fatores sociais poderão motivar os alunos de uma escola a aderirem à prática coral como por exemplo: estar mais tempo com amigos, a oportunidade de representar a escola em eventos trazendo um destaque entre os demais colegas ou um espaço para aperfeiçoar sua prática musical (GALDINO, 2016, p. 38).

Nesse sentido, o autor expõe aspectos sociais e psicológicos que são elementos intrínsecos e marcantes do canto coral com vistas a sua implementação no ambiente escolar, ressaltando também o viés coletivo estabelecido pela prática vocal na escola, voltado para adolescentes.

No mesmo contexto de Galdino (2016), Mestre (2018), em sua pesquisa, trouxe uma discussão acerca da presença da música na escola, abordando o tema pela perspectiva histórica com destaque à atividade coral na escola. Mestre (2018) teve como objeto de estudo o grupo coral regido por ele mesmo. Assim, o autor trouxe discussões sobre como a música foi se adentrando ao espaço escolar, traçando um caminho histórico, estético e social da música, mais especificamente do canto coral. O autor teve como objetivo fazer uma investigação sobre o canto coral no espaço escolar, enquanto experiência estética e social. Mestre (2018) salienta ainda que:

O canto coral escolar percorre um importante caminho de reflexão que abrange tanto o campo estético quanto o social, pois a música, para ser ouvida, experimentada ou vivida, não escolhe “gênero”, religião, classe social, cargo, instituição, tampouco privilegia esta ou aquela cultura ou dá preferência à cor da pele ou tribo. Em vista disso, é-lhe concedido o título de linguagem universal, sem muros ou barreiras, fazendo parte de toda a experiência humana, principalmente da do meio formal de ensino: a escola (MESTRE, 2018, p. 74).

O Autor ao trabalhar os aspectos abordados em seu trabalho de pesquisa, enfatiza o canto coral como forte prática musical na escola, ressaltando benefícios pedagógicos, metodológicos e estéticos quanto ao seu emprego. Isso nos apontou como o canto coral possui variedades de perspectivas, podendo ser trabalhado com diferentes enfoques, transcendendo o conhecer e saber musical.

Entre os trabalhos referentes ao canto coral na escola, encontrei o trabalho de Souza (2020), que buscou em sua pesquisa relatar o viés pedagógico-musical do canto coral em sua atuação no Colégio Waldorf Micael de São Paulo. Seu trabalho se pautou na pedagogia Waldorf e de estudos relacionados à prática musical na escola, bem como trouxe reflexões acerca do canto coral criativo, sendo sua principal linha de atuação para as discussões apresentadas pela autora. Dessa forma, em se tratando do canto coral, a autora afirma que o canto coral criativo se alicerça no protagonismo dos integrantes do coral, onde eles (as) interagem entre si, buscando um trabalho de atuação direta no qual a proposta é não apenas reproduzir músicas existentes, mas também criar o próprio repertório e os arranjos musicais. A autora buscou enfatizar a sua abordagem pedagógico-musical direcionando a discussão para o ensino médio que, segundo ela, há escassez de trabalhos relacionados a essa fase da educação básica, trazendo um olhar delimitado ao seu campo de atuação, compreendendo o canto coral no ensino médio. Em sua pesquisa, Souza (2020) também tratou da pedagogia Waldorf que, segundo a autora, visa a formação do educando de maneira integral, levando esse modo de pedagógico para o canto coral no ambiente escolar. Dessa forma, a autora destaca ainda que:

Um coral que não é somente intérprete de obras já compostas, mas que possui um campo aberto ao improvisado e à criação musical espontânea. Um espaço em que o/a coralista é autor das sonoridades e dos arranjos, enquanto o regente direciona as ideias e os anseios dos jovens e estimula a autonomia entre eles. Por conseguinte, transformando a relação hierárquica entre o regente professor e os alunos (SOUZA, 2020, p. 124).

Nessa perspectiva, ao inferir uma abordagem que expõe os aspectos pedagógicos constantes no processo de realização da prática vocal na escola, Souza (2020) aponta uma forma diferente de empregar o canto na escola, baseado na proatividade dos integrantes que se colocam como protagonistas do fazer-musical, estando diretamente ligados ao processo criativo no canto coral.

Ainda com o foco no canto coral presente no contexto escolar, Pavanello Junior (2016) em seu trabalho buscou verificar quais as contribuições da prática de canto coral na formação integral de estudantes do ensino fundamental a partir de suas experiências, enquanto professor

de música. Sua pesquisa teve como objetivo compreender as possíveis contribuições do canto coral, em diferentes aspectos da formação integral e que envolvem o contexto escolar. Pavanello Junior (2016) fez uma ponte entre o canto coral como prática musical ativa na escola e a formação integral do aluno, a partir das impressões dos alunos participantes da prática do canto coral da escola em que atua o autor. O autor salientou ainda contribuições promovidas pela prática vocal, apuradas da sua observação e análise do grupo investigado que, segundo o autor, tiveram relevante papel na formação dos alunos, a saber: o desenvolvimento escolar, o desenvolvimento intelectual, o convívio social e os saberes musicais. Desse modo, o autor destaca que:

[...] que o canto coral na escola é uma alternativa que contribui para a formação integral dos estudantes [...]. A música pode exercer papel fundamental no processo de ensino aprendizagem, buscando uma relação muito mais próxima entre o educando, o educador e o conhecimento” (PAVANELLO JUNIOR, 2016, p. 75).

Assim, ao investigar o aporte social e pedagógico como base para uma formação integrada do aluno, o autor mostra a prática do canto coral como veículo promotor de vivência e, conseqüentemente formação do aluno, saberes que convergem em processo que contempla diferentes dimensões formativas, em relação aos participantes desse tipo de prática musical.

Com um foco similar a Pavanello Junior (2016), Mendes (2013) investigou em sua pesquisa, o processo de ensino de música em duas escolas da rede estadual de ensino da Paraíba dentro do Programa Mais Educação, com o objetivo de conhecer e analisar as práticas educativas e vivências musicais desenvolvidas em oficinas de canto coral. Assim, trazendo considerações acerca do ensino-aprendizagem musical nas escolas, a partir do canto coral, o autor fez apontamentos sobre o programa mais educação, dentro da perspectiva musical, destacando o trabalho de duas escolas de cidades distintas, buscando compreender como ocorre a prática vocal nessas instituições. Mendes (2013) trouxe considerações acerca das duas escolas investigadas pela pesquisa, constatando que o fator social é algo muito forte e presente nas práticas do canto coral, promovidas pelo programa mais educação que, por vezes, facilitam o processo de ensino, no que tange o seu alcance e direcionamento aos alunos atendidos pelo programa. O autor destaca também que um fator importante, entre outros fatores levantados pela pesquisa, era a boa relação entre o regente e os participantes, que criava um ambiente confortável e facilitador da concentração nas práticas do grupo, em relação aos alunos atendidos.

Ainda com o mesmo apontamento, Vechi (2015) fez um estudo sobre as práticas musicais de professores de música atuantes no ensino fundamental nos anos iniciais em três

escolas do município de Itajaí-SC. Seu estudo teve como objetivo analisar como são realizadas as práticas musicais cantadas na perspectiva do professor. O Autor constatou que o canto é a principal prática realizada pelo professor, que o enfatiza como essencial para a aprendizagem de elementos musicais abordados em sala de aula. Vechi (2015) considera que “a utilização do canto na escola como um recurso didático para a aprendizagem musical é benéfica no sentido de ser um instrumento prático, viável para apresentações, de desenvolver a percepção musical, além de trabalhar elementos do som” (VECHI, 2015, p. 99). Dessa forma, considerando os aspectos abordados pelo autor, foi possível constatar que a voz se mostra não apenas como um instrumento acessível, mas também como uma importante ferramenta que abrange diferentes perspectivas pedagógico-musicais, enquanto prática musical empregada em sala de aula.

Silva (2020) em seu trabalho, elaborou uma proposta de ensino de música por meio do canto coral como instrumento articulador para a aprendizagem musical. O objetivo do autor foi utilizar a prática vocal como viabilizador de experiências, proporcionando um aprendizado que contemple práticas pedagógico-musicais voltadas ao canto coral. Para tanto, o autor utilizou a forma cânone como ferramenta mediadora desse processo de ensino-aprendizagem, sendo articulador de elementos musicais e de abrangentes possibilidades musicais, favorecendo a compreensão de estruturas da música, bem como a memorização e entendimento musical de forma simplificada e objetiva. Silva (2020) enfatiza que o canto coral é uma prática que auxilia o aprendizado musical, ao passo que compartilha momentos de interação social e permite que os praticantes desenvolvam o cuidado com a voz, absorvam e compreendam conhecimentos musicais trabalhados por esse tipo de prática musical.

Contemplando os trabalhos elencados por essa revisão de literatura, foi possível perceber que as práticas musicais, seja vocal ou instrumental, têm, progressivamente, se firmado no espaço escolar, buscando e sendo empregadas com formas de abordagem diversificadas. Foi a partir das constatações levantadas pelos trabalhos explanados que pude aferir, também, aspectos que transcendem e enriquecem o fazer-musical, promovendo experiências e conhecimentos musicais que convergem na interatividade social, emocional, cidadã e afetiva, edificando a formação dos indivíduos que estão inseridos em tais práticas musicais. Desse modo, nos trabalhos revisados, percebemos que os enfoques dos trabalhos se voltam para a promoção de práticas musicais que se diferem em suas perspectivas, contemplando diferentes modos e propostas, diligentes em agregar saberes e fazeres musicais com o intuito de possibilitar a aprendizagem musical nos espaços escolares.

Mediante a realização dessa revisão de literatura que aqui foi explanada, percebi também contribuições de cunho pedagógico, social e prático no sentido de poder observar o

que os meus pares estão discutindo e realizando através de práticas musicais na escola, sobretudo o canto coral. Com isso, os diversificados caminhos tomados pelos trabalhos levantados nessa revisão, também possibilitaram um amplo entendimento sobre o quê e como estão sendo tratadas as práticas corais na escola. Isso refletiu no meu enfoque, enquanto professor buscando evidenciar questões a respeito da aprendizagem musical no âmbito do canto coral, trabalhado na escola e que possui nuances no fazer e saber musical, capazes de fortalecer tais práticas, quanto às suas realizações.

Assim, nos trabalhos encontrados, percebi perspectivas diferentes, quanto às propostas de investigação em relação às práticas corais e que, concomitantemente, ampliaram minha compreensão e concepção no tocante às formas de se empregar o fazer-musical na escola, especificamente o fazer-musical no contexto do canto coral. No âmbito da construção de conhecimento sobre esse tema, também pude perceber a partir da literatura, que o olhar para as práticas, evidenciado na maioria dos trabalhos analisados, revelou uma maior preocupação em compreender os processos e as práticas de ensino e aprendizagem nos grupos musicais e corais no contexto escolar, no qual também está centrado o foco de minha pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresento as bases teóricas e conceituais que fundamentaram e alicerçaram a condução da pesquisa. Desse modo, destaco que a referência teórica utilizada serviu como uma lente para entender aspectos da aprendizagem musical verificada pelo processo de pesquisa e, respectivamente, do trabalho de intervenção pedagógica na escola, contexto da pesquisa. Em vista disso, o referencial teórico será apresentado sob duas perspectivas: a primeira com foco na compreensão das bases históricas e conceituais que fundamentam as práticas de canto coral no Brasil e a segunda abordando o conceito de aprendizagem cooperativa, mediante Johnson, Johnson e Holubec (1999), que alicerçaram a pesquisa de acordo com os seus trabalhos e conceitos, e possibilitaram perceber o processo de aprendizagem junto ao coral.

Nesse sentido, apresento também conceitos de outros autores sobre a aprendizagem cooperativa, a saber Spencer Kagan e Miguel Kagan (2009), Spencer Kagan e Jette Stenleve (2006) e Maria Izabel Cochito (2004), no intuito de explanar a aprendizagem cooperativa em diferentes perspectivas, porém com caminhos diversos e que tendem a manter pontos de convergência entre eles. Desse modo, esse processo de compreensão dos conceitos dos autores acima citados, foi muito importante no sentido de contemplar as diversas formas de aplicação, concepções e maneiras de trabalhos com que a aprendizagem cooperativa pode ser utilizada, vindo a estar a par dessa diversidade de perspectivas tratadas pelos autores acima citados.

Todavia, os autores Johnson, Johnson e Holubec (1999), elencados anteriormente, foram utilizados como o referencial teórico dessa pesquisa, dando o aporte necessário para que eu pudesse perceber e constatar os aspectos de aprendizagem, resultantes desse trabalho de intervenção pedagógica. Dessa forma, a aprendizagem cooperativa foi empregada no decorrer do processo de análise e também no trabalho de intervenção pedagógica, através de atividades direcionadas ao trabalho em grupo, de forma interativa e processual, no que tange a construção do concerto didático, entendimento dos assuntos abordados no coral e a realização das apresentações que buscou colocar os participantes do coral como protagonistas na construção do saber sobre o tema trabalhado no grupo: a música paraibana e seus artistas.

Nessa direção, as concepções trazidas pelos autores que fundamentaram a pesquisa, irão conduzir as análises posteriores, tendo como foco compreender o desenvolvimento musical dos alunos, no que se refere o trabalho de construção do concerto didático, entendido nessa pesquisa como um recurso de aprendizagem que possibilita ensino, experiência musical, ampliação do conhecimento musical e que estabelece relações positivas, no sentido de trabalho em grupo, a

partir dos autores Soares (2015) e Santos (2020), que trazem concepções e abordagens sobre esse tipo de apresentação musical.

3.1 CANTO CORAL: ENTRE A PRÁTICA E A ABORDAGEM

Ao voltar o olhar com o foco no canto coral, percebendo o seu emprego mediante a perspectiva coletiva, ou seja, como prática coletiva, mais especificamente no contexto escolar, podemos perceber a sua evolução e constituição como uma prática que abrange e trabalha com conjuntos de alunos, visto que, segundo Santos (2010), trata-se de uma prática em que se organizam grupos de tamanho variável formados por conjuntos heterogêneos de vozes (SANTOS, 2010, p. 24). Contudo, na perspectiva de prática coletiva, o canto coral, no Brasil, houve o canto orfeônico, como forma de implementação por Heitor Villa-Lobos, com o seu projeto de abrangência nacional e que tinha como objetivo, promover a prática coral, de forma coletiva, nas escolas do país, conforme destaca Faria (2011), ao afirmar que “entre as décadas de 1930 a 1960, o projeto do Canto Orfeônico de Heitor Villa-Lobos dava oportunidade a todos os alunos de escolas públicas brasileiras ao acesso à prática do canto coral” (FARIA, 2011, p. 21). Todavia, embora tivesse havido uma significativa ampliação do canto coral nas escolas do país, um aspecto era evidenciado: o caráter cívico e conservatorial no ensino do canto coral, quanto a sua forma de condução pedagógica e conteúdos abordados. Dessa maneira, Ferraz (2016) destaca que na proposta pedagógica, em seu programa de ensino de música “Villa-Lobos definiu a disciplina, o civismo e educação artística como finalidades da educação musical” (FERRAZ, 2016, p. 49). Nesse sentido, Santos (2010) aponta também que:

O 1º volume de *Canto Orfeônico* (marchas e canções de vários estilos, para a educação consciente da unidade de movimento), é todo destinado a esse fim. Afora essa feição didática, contém vários números de interesse artístico, além do caráter cívico de que estão impregnados alguns deles (SANTOS, 2010, p. 110)

Nessa perspectiva, todo o processo do canto orfeônico e, respectivamente, do ensino do canto coral, perpassa por um modelo de ensino proveniente da tradição conservatorial ou de um conservadorismo, no que se refere as maneiras de condução, ensino da prática coral e a proposta desse processo, como apontado por Penna e Ferreira Filho (2019) ao afirmar que, em termos de objetivos com a prática coral:

[...] a implantação do canto orfeônico em todas as escolas do Brasil não se restringia o ensino dos elementos básicos da linguagem musical e nem mesmo de um

determinado repertório, mas significava, sobretudo, um programa de desenvolvimento civilizacional (PENNA e FERREIRA FILHO, 2019, p. 621).

Assim, olhando para essa afirmação, isso nos direciona para uma proposta de canto coral que buscava tão somente uma prática musical que tinha objetivos cívicos e disciplinares, vindo no canto coral um canal para o plano educativo da sociedade brasileira. Tal proposta do canto orfeônico, não abrangia uma prática que proporcionasse uma experiência significativa, no sentido de ser conduzida com atividades diversificadas didática e metodologicamente falando. Ferreira Filho (2009) destaca que “as aulas de Canto Orfeônico consistiam, basicamente, em exercícios de afinação com o uso da *manosolfá* e no ensaio de repertório” (FERREIRA FILHO, 2009, p. 59). Dessa forma, a prática do canto orfeônico, em relação ao ensino, era despida de atividades que propiciassem vivência e desenvolvimento musical de forma ampla, no que tange aos aspectos sociais, culturais e interativa. Assim, o que se tinha era uma prática munida de tradicionalismo que perdurou por muito tempo e que trazia no seu processo de ensino-aprendizagem traços colonialistas, sobrepondo um modo à outro, como forma de expansão da cultura eurocêntrica, uma vez que as concepções do canto orfeônico, se referindo ao ensino, foram materializadas pela didática jesuítica, antes mesmo do maestro Heitor Villa-Lobos implementar o seu projeto de desenvolvimento musical pelo canto orfeônico.

Nessa direção, ao olhar para a forma de ensino de como o canto orfeônico era efetuado e, conseqüentemente, aparelhado com uma perspectiva de tradicionalismo ou conservadorismo existente e percebido na forma de ensino na educação escolar, de um modo geral, isso também nos remete ao colonialismo, no que diz respeito ao que se ensina, como apontado por Queiroz (2017), afirmando que a colonialidade:

[...] é construído na base cultural de uma sociedade, nas suas formas de ser, ver, perceber, fazer, valorar e pensar. Colonialidade é a hegemonia de conhecimentos, saberes, comportamentos, valores e modos de agir de determinadas culturas que, ao serem impostos a outras, exercem um profundo poder de dominação (QUEIROZ, 2017, p. 136).

Nesse sentido, a partir do exposto acima, os temas a serem comumente trabalhados seguem um padrão onde a disposição dos conteúdos musicais, em sua grande maioria, está alicerçados em outras culturas, à exemplo da música europeia, passando os alunos a vivenciarem, metodologicamente falando, padrões de outras culturas, se sobressaindo em relação a cultura da qual os alunos estão inseridos, conforme destaca Queiroz (2017) apontando que os conceitos, formas de ver e analisar o mundo foram firmados de forma unicultural, havendo assim a conseqüentemente inferiorização das demais culturas.

Dessa forma, a partir dessa perspectiva, corroborando com Queiroz (2017), Pereira (2014) aponta que “entra em cena a tradição seletiva, que separa a música superior de uma música de massa, profana, que são classificadas como não sendo realmente musicais” (PEREIRA, 2014, p. 94). Nessa perspectiva, entretanto, esse processo de colonialismo se une ao *habitus* conservatorial destacado por Pereira (2014) como uma forma de se conceber um produto final, lapidado aos moldes de uma prática de ensino que não considera dimensões existentes no processo de ensino aprendizagem, à exemplo da própria vivência dos alunos, quanto a cultura que estão inseridos, evidenciando que “o ensino tradicional de música está excessivamente relacionado com o produto, e pouco com o processo do fazer musical (PEREIRA, 2014, p. 101). Dessa forma, o autor destaca que com esse processo:

O habitus conservatorial garante aos currículos uma forma própria para o estudo da música erudita ocidental que não é aplicável às músicas populares e étnicas - e até mesmo às formas eruditas de música não ocidental. O trabalho com a cultura passa a lidar com produtos, no plural, mas não com a pluralidade necessária de processos (PEREIRA, 2014, p. 100).

Dessa maneira, levando em consideração os apontamentos dos autores acima e, olhando para as diferentes maneiras de ensino de música, que ao longo dos anos vem sendo empregada, como formas de sair da zona conservatorial de ensino, bem como da colonialidade sobre os aspectos culturais de ensino, no que tange a hegemonia cultural, referida anteriormente, nos direcionamos assim para o conceito de aprendizagem cooperativa. Contudo, se referindo à colonialidade tida também como um processo ocorrido paralelamente ao colonialismo, vista pela perspectiva da educação escolar, essa se faz presente ao percebermos uma taxativa didática e abordagem de assuntos que se apresentam como dominantes. Nesse sentido, conforme Quijano (2009), a colonialidade se difere do colonialismo, pois, respectivamente, o colonialismo é a sobreposição ou imposição da cultura de um povo dominante em detrimento do povo dominado, enquanto o colonialismo “se refere estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade” (QUIJANO, 2009, p. 75). Dessa forma, observando essa concepção, ao olharmos para o processo de ensino-aprendizagem, podemos perceber que a colonialidade deturpa esse processo, sobrepondo uma cultura que perpassa pela educação e que se arraiga no contexto escolar, sobretudo nos conteúdos, didática e metodologia.

Em contrapartida à colonialidade, quanto as práticas educativas no ambiente escolar, existem abordagens teóricas e práticas, no contexto do canto coral, que o sistematizam, abarcando aspectos que tornam a prática do canto dinamizada e contextualizada em diferentes

enfoques, à exemplo do enfoque social, interativo, cultural, criativo, entre outros. Assim, o canto coral é pensado como sendo um meio que proporciona liberdade para um processo dinâmico e significativo, no sentido de ensino e aprendizagem. Constata-se então diferentes abordagens que tratam sobre a prática do canto coral e que externam dimensões pedagógicas que transcendem o fazer musical. Conforme Andrade (2019), a prática coral oferece uma diversidade de modos a serem tomados, quanto ao ensino e proporciona diferentes maneiras de se realizar tal prática. Segundo a autora, as práticas corais “[...] confirmam a ideia de música para formação humana, de transformação social e valorização do indivíduo, o diálogo e a construção da coletividade, bem como a ampliação da experiência estética” (ANDRADE, 2019, p. 35). A autora trata de uma prática coral que possui dimensões transcendentais ao simples aprender musical e que se manifesta mediante um olhar aberto à criação, ao protagonismo e ao trabalho em grupo.

Assim sendo, quanto a esse conceito de natureza teórica-metodológica, iremos adentrar nessa concepção com um olhar pedagógico-musical pela perspectiva do saber e fazer musicais, nos dirigindo à prática do canto coral no contexto escolar. Posto isto, olhando para como foi empregada as práticas musicais no objeto dessa pesquisa, ou seja, o coral da escola e, respectivamente, na pesquisa que se apresenta e sua forma de promover aprendizagem musical para os participantes do grupo, a aprendizagem cooperativa se fará presente como condutora do processo de ensino aprendizagem, fundamentando o trabalho que se apresenta.

Desse modo, à vista da diferente forma implementada para o trabalho que está sendo realizado no coral da escola, tomando o concerto didático como condutor das práticas e apresentações do conjunto, foi nesse sentido que fundamentei a pesquisa, através da compreensão e explanação do conceito elencado com foco no aprendizado musical, relacionando o enfoque da pesquisa com os conceitos e estudos apontados pelos autores citados, procurando o entendimento sobre os aspectos pedagógico-musicais que permeiam a questão da pesquisa. Por conseguinte, a condução dos dados provenientes das declarações dos alunos entrevistados, bem como da prática dos ensaios e apresentações, foram realizados à luz da aprendizagem cooperativa, para compreender como os alunos participantes do coral aprenderam música mediante a prática musical do coral e nos concertos didáticos.

3.2 CONCERTO DIDÁTICO: UMA FERRAMENTA DE ENSINO

Também conhecido por outras nomenclaturas, tais como recital didático, apresentações didáticas, entre outras, o concerto didático é uma forma de apresentação musical que

proporciona a apreciação musical e exposição de conhecimento. Nesse aspecto, o CD² transmite conhecimentos musicais diversos de forma acessível, através da conexão formada entre um grupo musical e a plateia, que participa diretamente de toda a apresentação. Dessa forma, Santos (2020) afirma que “o concerto didático propõe possibilidades de escutas, sugerindo ao indivíduo que, pela apreciação, participe ativamente do processo de desenvolvimento dessas escutas” (SANTOS, 2020, p. 59). Assim, todo o processo de apresentação do concerto didático é realizado por canais de interação, tais como a música tocada, a comunicação de pessoas que expõem o conhecimento sobre determinado assunto musical e o envolvimento direto do público, que se beneficia no sentido de aprender sobre o que está sendo abordado no CD.

Isto posto, ao olharmos para processos de aprendizagem, a forma de apresentar algum conhecimento para indivíduos, mais especificamente no âmbito escolar, se torna fundamental para que se tenha êxito na compreensão. Desse modo, o fazer e aprender musical em um contexto coletivo, possibilitam experiências que permitem um ensino e aprendizagem fluidos, de modo que ambas as partes estabeleçam um vínculo sólido, absorvendo determinado assunto e fortalecendo o conhecimento construído, respectivamente. Assim sendo, em uma perspectiva de construção do conhecimento relacionada a um processo coletivo de aprendizagem, essa ação é estabelecida por meio de uma relação recíproca e espontânea, que resulta em um entrosamento entre indivíduos que buscam por compreensão de mundo. Dessa forma, conforme Madke, Bianchi e Frison (2013):

[...] o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular. Entende-se, assim, que é, portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos (MADKE; BIANCHI; FRISON, 2013, p. 08).

Dessa maneira, o processo de aprendizagem decorre de uma conduta interativa presente entre indivíduos. Essa conduta é mediada pelo professor que se atenta aos aspectos didáticos-metodológicos, orientando e aperfeiçoando o aprendizado adquirido. Isso se dá pelo estímulo realizado pelo docente que tem papel fundamental no processo educativo, instigando os alunos à uma participação ativa e conectada com os demais colegas.

À vista disso, ainda com o foco na aprendizagem e o aspecto interativo desse seguimento, o concerto didático, se revela como uma prática de interação entre partes, ou seja, grupos musicais³ e plateia, proporciona a construção do conhecimento a partir de uma relação

²A sigla CD será utilizada para se referir a concerto didático.

³Considerar como grupos musicais as diversas formações: grupos de violão, bandas escolares, corais, entre outros tipos de grupos.

mútua, onde o processo de aprendizagem decorre mediante experiências vivenciadas por ambas as partes: conjunto musical e público. Todavia, essa prática vai além do simples repasse dos assuntos apreendidos por indivíduos que explanam ou transmitem seu entendimento sobre determinado tema. Assim, o concerto didático perpassa por um processo didático-metodológico fundamental para o êxito na exposição de um conhecimento adquirido. Esse processo designa um trabalho que demanda coletividade como um fator primordial para que determinado grupo tenha sucesso no seu intento, tanto na aprendizagem como no ato de apresentação do que se foi aprendido.

O Concerto didático é algo estruturado com objetivo de possibilitar ensino, experiência e apreciação musical, de forma a interligar pessoas em uma apresentação musical que se utiliza da oralidade e da música para que haja entendimento e, conseqüentemente, aprendizagem. Assim, o CD possui caráter pedagógico, no sentido de uma ação que educa e propicia compreensão musical. Isso é destacado por Santos (2020), ao considerar que:

[...] o concerto didático como sendo um ato educativo, que se realiza em escolas e outros espaços (teatro, igreja, praça), não perdendo, porém, sua característica didática, por conter interatividade, transmissão de conhecimento de forma estruturada e obediência a padrões metodológicos que orientam a plateia (SANTOS, 2020, p. 65-66).

Dessa forma, o concerto didático, visto pela perspectiva pedagógica, abrange elementos que são evidenciados na realização das apresentações musicais, tais como a oralidade, organização da apresentação, relação professor-aluno e o planejamento de atividades. Esses elementos são demonstrados tanto na estruturação do CD, por meio de atividades direcionadas para a elaboração, quanto nas apresentações para o público, onde ocorre a consolidação da aprendizagem de ou dos que promovem o concerto didático, em detrimento do público que desfruta de uma ampla experiência, apreciando e conhecendo o que está sendo proporcionado.

Nesse sentido, o concerto didático, não diferente de outras formas de apresentações musicais, suscita de preparo que é realizado em decorrência de se realizar apresentações musicais, constituídas de uma maneira pedagógica, no que se refere a promoção de experiências de apreciação, interação e compreensão quanto ao público. Esse preparo, no contexto escolar, demanda um processo de atividades que possibilitam a estruturação desse tipo de apresentação, convergindo para o objetivo em comum: ensinar o que foi compreendido. No entanto, para que todo esse processo tenha êxito, o conhecer, o saber e o fazer musical são elementos trabalhados de forma a propiciar aprendizagem nos alunos. Portanto, o trabalho de estruturação do concerto didático exige alunos disponíveis ao processo e que, gradativamente, construam a apresentação.

Dessa forma, Soares (2014) destaca que “o concerto didático tem o potencial educativo-pedagógico e lida com apreciação considerada aqui como meio imprescindível para a compreensão musical.

Nesse sentido, outro aspecto intrínseco ao processo de ensino-aprendizagem na prática coral, e respectivamente ao concerto didático, é, exatamente, a formação de grupo, algo que é característico ao fazer musical com essa natureza. Em vista disso, grupos, considerando como recurso para a prática musical, são formados com o propósito de coletivizar experiências, atingindo um significativo número de pessoas nos mais diversos contextos, como apontado por Johnson e Johnson (2017) ao definir grupo como “número de indivíduos que se unem para atingir um objetivo. Os grupos existem por uma razão. As pessoas se juntam a grupos para atingir objetivos que não conseguem alcançar sozinhas” (JOHNSON e JOHNSON, 2017, p. 05). Assim, a criação musical coletiva, especificamente em apresentações didáticas, é precedida por um processo educativo que une pessoas em um objetivo comum.

No concerto didático, a preparação para apresentações se formaliza a partir da constituição de responsabilidades individualizadas que convergem para a meta do grupo. Essas responsabilidades são conduzidas pela necessidade e proposta de uma apresentação didática, por exemplo, que define o ou os oradores, o tema a ser estudado, o repertório a ser executado, a estética do grupo, enfim todo o aparato material e intelectual que devem estar presentes nesse processo. Dessa forma, cada indivíduo forma o grupo e o grupo forma o indivíduo, no que se refere a aprendizagem e o atingir o objetivo da proposta, nos mais variados contextos. Entretanto, esse processo pelo qual o concerto didático é estruturado, ocorre mediante orientação grupal e individualizada, quanto a prática em grupo, conforme Johnson e Johnson (2017):

A orientação grupal se concentra no grupo como um todo. Ao explicar as ações dos membros do grupo, os cientistas sociais enfocam as influências do grupo e os sistemas sociais mais amplos dos quais fazem parte. [...] a orientação individualista enfoca o indivíduo no grupo. Para explicar o funcionamento do grupo, os psicólogos se concentram nas atitudes, cognições e personalidades dos membros (JOHNSON e JOHNSON, 2017, p. 09).

Assim sendo, considerando o concerto didático estruturado no contexto escolar, a orientação grupal é a mais presente e pertinente ao processo. No trabalho precedente às apresentações didáticas, o grupo é orientado como um todo, visto que o objetivo é comum a todos. Desse modo, ao perceber esse construto pedagógico existente no processo de preparação do concerto didático, os alunos estabelecem relações que são inerentes a esse tipo de prática. São essas relações que conduzem o trabalho, de tal forma que as interações entre as pessoas de

um determinado grupo é que fazem com o que o grupo funcione, como salientado pelos irmãos Johnson (2017) ao afirmar que “os grupos funcionam à medida que seus membros interagem e, sempre que dois ou mais indivíduos se unem para atingir um objetivo [...]” (JOHNSON e JOHNSON, 2017, p. 14). Os autores, assim, apontam que a interação é elementar para que um conjunto de pessoas possam desenvolver, construir e alcançar um objetivo em comum, o que não é diferente com o concerto didático onde, considerando a atuação em grupo, a interação acontece para que se tenha fluidez e consistência no ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o concerto didático foi abordado e utilizado, como um recurso de aprendizagem que decorreu em duas vias: os participantes, que prepararam e se prepararam para a exposição dos assuntos compreendidos; e o público, do qual foi exposto o conhecimento adquirido pelos alunos do coral. Todavia, essa prática foi além do simples repasse dos assuntos compreendidos pelos participantes, que explanaram ou transmitiram seu entendimento sobre determinado tema. Assim, o concerto didático perpassou por um processo didático-metodológico que foi fundamental para uma exposição de êxito do conhecimento adquirido pelos alunos. Esse processo designou um trabalho que demandou a coletividade como um fator primordial para que o grupo tivesse êxito no seu intento, tanto na aprendizagem como no ato de apresentação do que se foi aprendido.

3.3 A APRENDIZAGEM COOPERATIVA: CONCEITUAÇÃO E DIRECIONAMENTOS

A cooperação na aprendizagem não é algo inédito ou, até mesmo, recente. As pesquisas sobre a aprendizagem cooperativa vêm sendo realizadas desde o século passado e tiveram forte intensidade, buscando assim a compreensão e aplicação dessa forma de se promover a aprendizagem como um todo. Segundo Kagan e Stenleve (2006) “a colaboração na aprendizagem em si não é nova, mas o que hoje é conhecido como Aprendizagem Cooperativa foi desenvolvido na segunda metade do século XX, especialmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980” (KAGAN e STENLEVE, 2006, p. 11 - tradução nossa)⁴. Dessa forma, muitos pesquisadores se dedicaram em explorar e analisar o processo de ensino-aprendizagem com base no conceito de cooperação, contrastando o desempenho acadêmico proporcionado pela aprendizagem cooperativa com as formas mais tradicionais de ensino.

⁴ Selve det at samarbejde om læring er ikke nyt, men det, som i dag går under betegnelsen Cooperative Learning, er udviklet i sidste halvdel af det 20. århundrede, især i 1960erne, 70erne og 80erne (KAGAN; STENLEVE, 2006).

Autores como Spencer Kagan (2009) e os irmãos Johnson (1998) foram pesquisadores que se destacaram quanto a teorização desse modo de aprendizagem. Contudo, a aprendizagem cooperativa possui diferentes direções quanto as suas formas de emprego nas instituições de ensino, à exemplo de David W. Johnson, Roger T. Johnson e Edythe J. Holubec (1999), que trabalham a aprendizagem cooperativa como uma forma de suprimir a competição individualista entre os alunos, no que tange o desempenho escolar, destacando que “a aprendizagem cooperativa substitui a estrutura baseada na alta produção e competição, que prevalece na maioria das escolas, por outra estrutura organizacional baseada no trabalho em equipe e no alto desempenho (Johnson; Johnson; Holubec, 1999 - tradução nossa)⁵. Dessa forma, esse tipo de abordagem pedagógica possui como foco uma aprendizagem construída por meio da cooperação entre os pares participantes desse tipo de experiência didática. Assim, vários autores tratam sobre a aprendizagem cooperativa, contudo o norte conceitual para a pesquisa aqui exposta, é a aprendizagem cooperativa abordada pelos irmãos Johnson (1999), Maria Izabel Cochito (2004) e Spencer Kagan e Miguel Kagan (2006), cada um trazendo apontamentos, perspectivas e abordagens e que irão embasar esse trabalho.

Nessa direção, é possível depreender, mediante os estudos de Kagan e Stenleve (2006), trabalhando a aprendizagem cooperativa por estruturas, que esse tipo de abordagem é uma maneira de construção do conhecimento por meio da interação entre pares e que perpassa as dimensões pedagógicas, atuando também no campo psicológico e social em suas práticas, para com os elementos que estão em cooperação. Dessa forma, segundo os autores, a aprendizagem cooperativa resulta em um desempenho acadêmico que abrange uma “maior tolerância entre os alunos em relação a colegas de origem social ou étnica diferente, maior rapidez desenvolvimento da linguagem, melhor autoestima e maior alegria de ir à escola” (KAGAN e STENLEVE, 2006 - tradução nossa)⁶. Dessa maneira, a aprendizagem da forma cooperativa abrange aspectos ligados à interação entre alunos, promovendo a construção de forma conjunta, do conhecimento.

Para Cochito (2004), a aprendizagem cooperativa é um processo de ensino que, em sua prática, não priva os alunos da socialização e engajamento pedagógico, em relação ao trabalho em sala de aula, uma vez que “a estrutura competitivo-individualista tende a acentuar as

⁵ El aprendizaje cooperativo reemplaza la estructura basada en la gran producción y en la competitividad, que predomina en la mayoría de las escuelas, por otra estructura organizativa basada en el trabajo en equipo y en el alto desempeño (Johnson; Johnson; Holubec, 1999).

⁶ [...] større tolerance hos eleverne over for kammerater med en anden social eller etnisk baggrund, hurtigere sprogudvikling, bedre selvværd og større glæde ved at gå i skole (KAGAN; STENLEVE, 2006).

diferenças pré-existentes entre os alunos” (COCHITO, 2004, p. 18). A autora, salienta que a aprendizagem cooperativa culmina em resultados plausíveis, quanto à sua aplicabilidade, perpassando pelos aspectos cognitivos, sociais e pedagógicos. Dessa forma, segundo a autora, a aprendizagem cooperativa confere:

Resultados acadêmicos mais elevados, maior compreensão dos conteúdos, competências sociais mais desenvolvidas, diminuição do estereótipo e preconceito relativamente à diferença, são algumas das dimensões em que a aprendizagem cooperativa, usada de forma consistente e continuada, se revelou superior a métodos de ensino e aprendizagem baseados na competição e/ou no trabalho individual (COCHITO, 2004, p. 18).

À vista disso, esse tipo de aprendizagem possui natureza construtivista, no que tange o processo de construção do conhecimento que, nesse modo pedagógico de aprendizado, forma-se a partir do próprio aluno. Dessa forma, Kagan e Stenleve (2006) afirmam que “um princípio completamente consistente em AC⁷ é o trabalho ativo de aprendizagem dos alunos que constitui os processos de aprendizagem, e que cada aluno, sem exceção, deve estar envolvido nesses processos de aprendizagem” (KAGAN e STENLEVE, 2006, p. 12 – tradução nossa)⁸. Assim sendo, do ponto de vista de construção do conhecimento, esse processo inverte os papéis, atribuindo ao professor a função de orientar, à medida em que é dos alunos que provém a construção do conhecimento, balizado por aspectos sociais, cognitivos e psicológicos, agindo assim de forma interativa com seus pares.

Kagan e Kagan (2009) define a aprendizagem cooperativa, pela perspectiva prática, trabalhando por estruturas que são empregadas em sala de aula com o intuito de promover a aprendizagem de uma forma abrangente, quanto a interação social. Dessa forma, os autores enfatizam que as estruturas são constituídas de etapas, que determinam a atuação dos alunos. Assim sendo, as estruturas “as estruturas AC são padrões de interação que ocorrem entre os alunos, na maioria das vezes em equipes ou pares” (KAGAN: STENLEVE, 2006, p. 13 – tradução nossa)⁹. Posto isto, segundo os autores:

Cada estrutura consiste em uma série de etapas, cada uma das quais define como o aluno entra em diálogo com os outros e com a substância. As próprias estruturas são livres de conteúdo, e a mesma estrutura pode, portanto, ser usada com conteúdo muito

⁷ Nessa parte do texto, os autores utilizaram a sigla “AC” para se referirem à Aprendizagem Cooperativa.

⁸ Et helt konsekvent princip i CL er, at det er elevernes aktive læringsarbejde, der udgør læreprocesserne, og at hver eneste elev uden undtagelse skal inddrages i disse læreprocesser (KAGAN; STENLEVE, 2006).

⁹ CL-strukturer er interaktionsmønstre, der foregår imellem eleverne, som oftest i teams eller par (KAGAN; STENLEVE, 2006).

diferente de muitos assuntos diferentes. A estrutura é uma espécie de andaime no processamento do material pelos alunos: eles discutem, analisam, resolvem problemas, desenvolvem ideias etc. e comunicar passo a passo para uma visão mais profunda ou domínio da substância e das ideias com as quais trabalham (KAGAN; STENLEVE, 2006, p. 13 – tradução nossa)¹⁰.

Para Kagan e Kagan (2009), “através da aprendizagem cooperativa, os alunos aprendem habilidades de resolução de conflitos e adquirem uma orientação de dar e receber que é essencial para relações harmoniosas e produtivas” (KAGAN; KAGAN, 2009, p. 16 – tradução nossa)¹¹. Dessa maneira, as estruturas construídas pelos autores, se apresentam como uma forma de os indivíduos refletirem sobre ideias apresentadas em sala de aula, mediante a interação e a construção de significados.

Direcionando o olhar para o campo nacional, tendo em vista a explanação acima ter sido ancorada nas perspectivas de autores estrangeiros, cada um com o seu ponto de vista e abordagem sobre a aprendizagem cooperativa, o ensino de música no Brasil, se utilizando da aprendizagem cooperativa, tem sido trabalhado mediante abordagens específicas quanto a sua aplicação, porém mantendo a característica de uma prática pedagógico-musical coletivizada. Assim, Vieira (2017) percebe a aprendizagem cooperativa no ensino de música como uma metodologia que insere o aluno em uma efetiva participação e construção da aprendizagem, introduzindo o aluno em uma circunstância de tutoria entre os pares em cooperação. A autora, trabalha a aprendizagem cooperativa pela perspectiva da coesão social, destacando que:

[...] a cooperação entre alunos ocorre não por motivos pessoais (recompensas individuais ao cooperar com o seu grupo), mas pelas suas relações de interdependência com o grupo, ou seja, pela preocupação com o próprio grupo” (Vieira, 2017, p. 59).

Vieira (2017) pesquisou os efeitos da aprendizagem cooperativa no ensino coletivo de piano, partindo do estabelecimento de estratégias de cooperação em grupos de alunos da licenciatura em música. Dessa forma, a partir de um experimento quantitativo, a autora identificou as nuances da aplicação da aprendizagem cooperativa, apontando resultados mais acentuados nos alunos ou grupos de alunos que foram inseridos em situação de cooperação, constatando efeitos positivos da aprendizagem cooperativa. A autora ressalta também o papel

¹⁰ Hver struktur består af en række trin, som hver definerer, hvordan eleven går i dialog med andre og med stoffet. Strukturerne i sig selv er indholdsfri, og samme struktur kan derfor anvendes med vidt forskelligt indhold fra mange forskellige fag. Strukturen er en slags stillads i elevernes bearbejdning af lærestoffet: de diskuterer, analyserer, løser problemer, udvikler ideer osv. og kommunikerer sig trin for trin frem til en dybere indsigt i eller mestring af det stof og de ideer, de arbejder med ((KAGAN; STENLEVE, 2006).

¹¹ Through cooperative learning, students learn conflict resolution skills and acquire a give-and-take orientation that is essential for harmonious and productive relations (KAGAN; KAGAN, 2009).

do professor quanto a sua conduta, enfatizando uma atuação distanciada e de facilitador das atividades de grupos cooperativos no ensino de música. Para Vieira (2017) “se damos aos nossos alunos as ferramentas corretas para o trabalho em grupo a ser executado, a função do professor de auxiliar os diversos grupos em sala de aula é extremamente mais fácil (VIEIRA, 2017, p. 192). Assim sendo, a aprendizagem cooperativa, na perspectiva da citada autora, viabiliza o processo de ensino de música, fortalecendo a atuação dos alunos, bem como a aprendizagem, por meio da interdependência do indivíduo em cooperação com o próprio grupo.

Na educação musical, Kebach (2008) enxerga a aprendizagem cooperativa em uma perspectiva construtivista e interacionista. A autora utiliza a cooperação como “um mecanismo cuja gênese se encontra na obrigação do sujeito a se descentrar” (KEBACH, 2008, p. 287), anexando ao aluno a ação de despir-se de sua visão individualista e compreender suas ações como uma rede criativa, gradativamente desenvolvida. Kebach (2008) ressalta que, mediante ações cooperativas:

[...] a atividade intelectual musical funciona através da coordenação de ações do próprio indivíduo e a vida social constitui um dos polos essenciais para que o sujeito organize suas ações em função das críticas (conflitos sócio-cognitivos) e não apenas invente coisas sem sentido, ou permaneça num sincretismo sem sínteses coerentes (KEBACH, 2008, p. 287).

A autora entende que a cooperação, no contexto da educação musical, se torna fundamental ao passo que propicia o compartilhamento e/ou troca de concepções, gerando uma ação equilibrada e coordenada, de uma forma geral, por parte dos indivíduos em cooperação. Assim, conforme Kebach (2008), o que caracteriza a cooperação no ensino de música é a construção gerada e praticada por diferentes pontos de vista que se tornam recíprocos pela circunstância da cooperação e da criatividade musical.

Conforme apresentado os autores acima mencionados e suas concepções acerca da aprendizagem cooperativa, todo esse arcabouço de definições e perspectivas foram importantes para que eu pudesse reter informações necessárias e definir qual entendimento eu iria seguir e fundamentar a pesquisa. Toda essa explanação e exposição teórica teve um fator significativo nesse processo de absorção de conceitos: perceber as variadas formas de trabalho coletivo, que colocam o aluno como protagonista da construção do conhecimento, dando destaque para suas ações individuais e em grupo.

Contudo, embora os autores apresentem a aprendizagem cooperativa como uma “agenda de metas” ou passo a passo a se seguir, quanto o seu emprego e, respectivamente, objetivos, cada autor se difere quanto a estruturação e aplicação da aprendizagem cooperativa. Dessa

forma, em termos de estruturação e aplicabilidade, bem como toda a conceituação e explanação sobre a AC, os autores escolhidos para embasar a pesquisa e, conseqüentemente, a análise dos dados, foram os irmãos Johnson e Edythe J. Holubec (1999) que foram de grande importância para que eu percebesse todos os aspectos inerentes ao trabalho de intervenção pedagógica desenvolvido na escola, mais especificamente, no Coral Vozes da ECIT.

3.4 A APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA CONCEPÇÃO DOS IRMÃOS JOHNSON E HOLUBEC (1999)

Considerando as concepções dos irmãos Johnson (1999), a compreensão sobre os aspectos levantados por eles nos mostra uma construção conceitual que abrange perspectivas elementares, no que concerne a aprendizagem. Todavia, as atividades em grupo são pontos essenciais e comuns, em relação à outras formas e concepções sobre a aprendizagem cooperativa e que também foram exploradas pelos irmãos Johnson e Holubec (1999). Contudo, os autores trazem fundamentos e enfoques que me auxiliaram em perceber as atividades, o comportamento e a condução protagonista dos participantes do coral, diante da intervenção pedagógica que estava sendo empregada ao conjunto.

Johnson, Johnson e Holubec (1999) tratam sobre a aprendizagem cooperativa com perspectivas que são desenvolvidas mediante um processo de distanciamento do professor, que passa a ser responsável pela organização e direcionamentos instrutivos, quanto ao que se quer alcançar. Dessa forma, para os autores o papel do docente é multifacetado, no tocante ao desenvolvimento e procedimentos cooperativos das atividades, cabendo ao professor o monitoramento das equipes, avaliar o nível de aprendizagem e estimular a determinar a eficácia da participação dos indivíduos nos trabalhos em grupo, assim, promovendo a autoavaliação de sua aprendizagem.

Nesse sentido, conceituando a aprendizagem cooperativa, os irmãos Johnson e Edythe Holubec (1999) definem essa prática pedagógica sendo um procedimento necessário à construção do conhecimento, estimulando um trabalho em equipe, do qual os elementos em cooperação possuem a responsabilidade de alcançar os objetivos do grupo, paralelamente ao seu desenvolvimento individual e que demanda atuação consistente. Dessa forma, segundo os autores:

A aprendizagem não é um evento esportivo ao qual se pode assistir como espectador. Requer a participação direta e ativa dos alunos. Assim como os alpinistas, os alunos escalam os pináculos do aprendizado com mais facilidade quando o fazem como parte de uma equipe cooperativa (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 05).

Dessa forma, ainda nessa perspectiva, a aprendizagem cooperativa, seguindo as concepções dos autores em evidência, constitui de um caminho que envolve os indivíduos em uma prática que estabelece um crescimento intelectual de forma exponencial, sem que haja o individualismo ou competição, ou seja, sem que os alunos procedam de forma independente e indiferentes aos resultados dos seus colegas. Sendo assim, essa forma de aprendizagem busca, segundo os autores, uma condução de atividades em que o grupo seja uma unidade responsável pelo êxito acadêmico dos alunos em cooperação, almejando progressivamente o desenvolvimento dos elementos que constitui o conjunto e que possui objetivos em comum. Nesse sentido, em relação a obtenção de resultados, os autores destacam que “a cooperação é trabalhar em conjunto para alcançar objetivos em comum” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 05), ressaltando que a “aprendizagem cooperativa é o uso didático de pequenos grupos em que os alunos trabalham juntos para maximizar a sua própria aprendizagem e a dos outros” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 05). Assim, o trabalho cooperativo estabelece percursos metodológicos que conectam os alunos de forma a obter resultados que culminam no êxito de todos os indivíduos, proporcionando assim, uma atuação sólida e responsável, no que se refere à participação e desempenho dos elementos de um grupo.

Os irmãos Johnson e Holubec (1999), considerando a aprendizagem cooperativa tendo como base de trabalho o grupo, destacam que na aprendizagem cooperativa, o processo compreende três tipos de grupos, a saber os grupos formais, os grupos informais de aprendizagem cooperativa e os grupos de base cooperativa. Cada um com particularidades que caracterizam as formas de trabalho pedagógico, no que tange os procedimentos e a condução de atividades. Desse modo, os autores fazem uma abordagem sobre cada tipo de grupo, expondo seus perfis de atividade cooperativa e que se desdobram em outros tipos de grupos.

Isto posto, os irmãos Johnson e Holubec (1999), definem os grupos formais como aqueles que procedem cooperativamente por um curto espaço de tempo, podendo ser utilizados em atividades pontuais. Dessa forma, os autores ressaltam que, nesse tipo de grupo “os alunos trabalham juntos para alcançar objetivos comuns, garantindo que eles e seus colegas de grupo concluam a tarefa de aprendizado atribuída” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 05), afirmando também que “qualquer tarefa, em qualquer disciplina e dentro de qualquer currículo, pode ser organizada cooperativamente” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999,

p. 05), assim destacando a versatilidade dessa forma de aprendizagem. Nesse sentido, os grupos informais de aprendizagem cooperativa, segundo os autores, possuem uma dinâmica mais sutil quanto ao emprego da cooperação. Nesse tipo de grupo, aos alunos é aplicada a cooperação de forma mais pontual, auxiliando o professor em atividades de ensino direto, com o intuito de fixar atenção do aluno no conteúdo abordado. A atividade cooperativa desse tipo de grupo é empregada de forma mais resumida, em relação ao tempo disposto, podendo ser trabalhada por alguns minutos a uma hora. Assim sendo, segundo os autores:

A atividade desses grupos informais geralmente consiste em um bate-papo de três a cinco minutos entre os alunos antes e depois de uma aula, ou diálogos de dois a três minutos entre pares de alunos durante o curso de uma master class. Assim como os grupos formais de aprendizagem cooperativa, os grupos informais servem ao professor para garantir que os alunos façam o trabalho intelectual de organizar, explicar, resumir e integrar o material nas estruturas conceituais existentes durante as atividades de ensino direto (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 06).

Outro grupo compreendido pelos autores são os de base cooperativa. Esses grupos, salienta os autores, funcionam por um longo prazo, ou seja, por pelo menos um ano e possuem membros permanentes que atuam de forma solícita aos demais participantes do grupo, tendo como objetivo proporcionar apoio mútuo entre os indivíduos. Dessa maneira, os autores ressaltam que esse tipo de grupo “permitem que os alunos estabeleçam relações responsáveis e duradouras que os motivarão a trabalhar duro em suas tarefas, progredir no cumprimento de suas obrigações escolares” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 06). Desse modo, a partir do emprego de atividades com esse tipo de grupo, que possui uma natureza mais expansiva, no que diz respeito tempo de aplicação, aos alunos é possibilitado um bom desenvolvimento cognitivo e, conseqüentemente, social, por se tratar de um processo que estabelece relações entre os participantes.

Ainda nessa perspectiva de grupos, os autores também se aprofundam quanto à classificação desses conjuntos e os elementos que identificam a aprendizagem cooperativa. Todavia, os autores salientam sobre a diversidade de grupos existentes quanto a cooperação e que são constituídos de acordo com o comportamento e condução das atividades cooperativas. Dessa forma, os irmãos Johnson e Holubec (1999) classificam esses grupos como grupos de pseudoaprendizagem, grupos de aprendizagem tradicional, grupos de aprendizagem cooperativa e grupos de aprendizagem cooperativa de alto desempenho. Assim, de acordo com os autores, essas classificações auxiliam o professor na identificação desses grupos e direcionando o processo de aprendizagem conforme a abordagem cooperativa conduzida pelo professor.

Em vista disso, os grupos de pseudoaprendizagem decorrem de forma individual, embora os alunos estejam inseridos em um conjunto e consideram que sua avaliação transcorre mediante a pontuação concedida pelo seu desempenho individual. Segundo os autores, como resultado desse tipo de grupo, “a soma do total é menor que o potencial dos membros individuais do grupo. Os alunos trabalhariam melhor individual” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 07). Dessa forma, os alunos realizam as atividades sem que ocorra a interação entre os pares, procedendo de forma insensível aos resultados dos demais indivíduos do grupo, não havendo assim a busca por um objetivo em comum.

No que diz respeito aos grupos de aprendizagem tradicional, considerando a instrução à trabalhar em conjunto, os alunos se envolvem de forma superficial não havendo o processo de contribuição do coletivo. A interação ocorre tão somente na explanação das tarefas que serão realizadas, sem que haja o estímulo em compartilhar o conhecimento com os demais indivíduos do grupo, assim “a predisposição para ajudar e compartilhar é mínima” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 07). Nesse processo, os autores afirmam que “o resultado é que a soma do total é maior do o potencial de alguns membros do grupo, mas os alunos diligentes e responsáveis trabalhariam melhor sozinhos” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 07). Dessa forma, alguns alunos usufruem dos esforços de colegas mais responsáveis, havendo então um baixo desempenho quando esses alunos mais empenhados se desestimulam ao perceber a exploração por partes dos demais colegas.

No que tange o grupo de aprendizagem cooperativa, os irmãos Johnson e Holubec (1999) destacam que o trabalho cooperativo nesse tipo de equipe é bem presente, estando os alunos disposto a atuarem juntos e que “seu desempenho depende do esforço de todos os membros do grupo” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 07). Os autores apontam também cinco características que envolvem a cooperação nesse tipo grupo, a saber a consciência de que o desenvolvimento do grupo depende do esforço mútuo e individual, os motivando a progredir no processo; a responsabilidade por desenvolver um bom trabalho incide em todos os membros do conjunto para atingir objetivos em comum; a produção dos resultados é verdadeiramente promovida pelo compartilhamento e incentivo entre os membros do grupo. Os autores afirmam que “eles se apoiam, tanto academicamente quanto pessoalmente, com base no compromisso e interesse mútuo” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 07); formas de relacionamento interpessoal é aprendido para que ocorra a o trabalho em equipe e, respectivamente, a realização das tarefas; por fim, a avaliação do desempenho do grupo é uma constante, discutindo a eficácia do trabalho, bem como a dos membros na perspectiva individual, para que juntos consigam garantir o aprendizado e trabalho em equipe efetivo.

Dessa forma, os autores salientam que “como consequência, o grupo é mais do que a soma de suas partes, e todos os alunos têm um desempenho melhor do que se estivessem trabalhando sozinhos” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 07). Assim sendo, tais características apontam para as formas de emprego da cooperação, bem como o comportamento e conduta dos alunos, em relação a execução de tarefas e o alcance de objetivos, como forma de buscar resultados efetivos no processo de aprendizagem do grupo e, conseqüentemente, dos indivíduos.

Por conseguinte, concluindo a classificação dos grupos, os autores especificam também o grupo de aprendizagem cooperativa de alto desempenho. Conforme os autores, esse tipo de grupo se diferencia dos demais grupos, inclusive o grupo de aprendizagem cooperativa, por seguir todos os parâmetros do processo de aprendizagem cooperativa. Dessa forma, o engajamento dos membros em cooperação do grupo é destacado por estar em grau superior ante os demais grupos mencionados. Desse modo, de acordo com os autores, o comprometimento dos alunos se expõe a partir da execução de tarefas, tendo como condução o inter-relacionamento e a alta eficácia na aprendizagem.

Assim, segundo os irmãos Johnson e Holubec (1999), “o interesse de cada membro no crescimento pessoal dos outros torna possível que esses grupos cooperativos de alto desempenho superem as expectativas e que seus membros aproveitem a experiência” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 07). Os autores salientam ainda que esse tipo de grupo é pouco comum, considerando que a maioria não alcança os critérios dessa categoria. Contudo, esse tipo de grupo possui em sua essência o emprego de um trabalho que necessita de uma condução consistente, por parte dos membros, bem como uma forte interrelação e o compromisso mútuo entre os integrantes.

Ante a explanação acima, os autores discorrem ainda sobre elementos fundamentais para que os grupos de aprendizagem cooperativa operem de forma fluida e eficaz. Todavia, a formação de grupos não garante que sejam cooperativos. Assim, os autores afirmam que a estruturação de tais grupos cooperativos se faz pela forma como o professor conduz as tarefas, mediante a integração dos membros no processo de aprendizagem. Dessa forma, conforme os autores, “um dos principais aspectos de sua tarefa é integrar os alunos em grupos de aprendizagem, diagnosticar onde os grupos estão na curva de desempenho, fortalecer os elementos básicos da cooperação e avançar os grupos até que se tornem realmente cooperativos” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 08).

Assim sendo, para que a cooperação esteja presente e sólida, o professor deve lançar mão de elementos a serem integrados na gerência de atividades, a saber a interdependência

positiva, a responsabilidade individual, a interação presencial, as práticas interpessoais e a avaliação em grupo. Dessa maneira, os autores ressaltam sobre o observar esses elementos com o objetivo de haver fluidez nas atividades em cooperação, integração entre os alunos e o bom desempenho quanto a aprendizagem.

Considerando a aprendizagem cooperativa como um processo que demanda consistência, no que se refere aos aspectos pedagógicos, de conduta e o desenvolvimento de habilidades sociais, os irmãos Johnson e Holubec (1999) apresentam a interdependência positiva como um elemento de conexão entre os alunos, no que diz respeito à consciência sobre os esforços de cada membro, do qual, a partir do empenho de cada indivíduo, o grupo é beneficiado. Desse modo, os autores afirmam que “essa interdependência positiva cria um compromisso com o sucesso dos outros e com o próprio, que é a base da aprendizagem cooperativa. Sem interdependência positiva, não há cooperação” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 09). Dessa forma, outro elemento essencial da aprendizagem cooperativa, apresentada pelos autores, é a responsabilidade individual e grupal. Todos os membros do grupo são responsáveis por fazerem sua parte de modo a não se desviar do processo e não tirar proveito dos esforços dos outros membros do grupo. Assim, de acordo com os autores:

A responsabilidade individual existe quando o desempenho de cada aluno é avaliado e os resultados da avaliação são transmitidos ao grupo e ao indivíduo para determinar quem precisa de mais ajuda, apoio e incentivo para concluir a tarefa em questão. O objetivo dos grupos de aprendizagem cooperativa é fortalecer cada membro individualmente, ou seja, os alunos aprendem juntos para que possam ter um melhor desempenho como indivíduos (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 09).

À vista disso, os autores ainda salientam que a responsabilidade individual e grupal procede da clareza sobre os objetivos do grupo, que deve proceder com o intuito de alcançar o êxito na aprendizagem de forma macro, enquanto grupo cooperativo. Dessa forma, esse elemento é observado nos membros e, conseqüentemente, no grupo, mediante a identificação do desempenho dos indivíduos, estando os demais integrantes dispostos a se ajudarem ante as tarefas e os objetivos a serem concluídas e alcançados, respectivamente.

Nesse sentido, outro elemento apresentado pelos irmãos Johnson e Holubec (1999) é a interação presencial. Esse elemento, conforme os autores, diz respeito ao compartilhamento de recursos, valorização uns dos outros, apoio mútuo e uma conduta de solicitude, por parte dos membros, envolvendo verbalização e não-verbalização, como processos interativos no trabalho do grupo, promovendo a aprendizagem uns dos outros. Dessa forma, conforme os autores, “ao promover pessoalmente o aprendizado uns dos outros, os membros do grupo assumem um compromisso pessoal uns com os outros, bem como com seus objetivos comuns” (JOHNSON;

JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 09). Assim sendo, o incentivo mútuo e o compromisso com a aprendizagem entre os indivíduos do grupo são a essência desse elemento, desenvolvida por um processo que facilite a aprendizagem entre os membros do grupo.

Em vista disso, as práticas interpessoais é outro elemento que deve se fazer presente no processo de aprendizagem cooperativa. Contudo, esse elemento enfatizado pelos autores concerne em aprender habilidades necessárias ao trabalho de cooperação entre os membros. Assim, “os membros do grupo precisam saber como liderar, tomar decisões, construir confiança, comunicar e gerenciar conflitos, e precisam estar motivados para isso” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 09). Tais habilidades auxiliarão os indivíduos a caminharem no trabalho em equipe, estando o professor disposto a desenvolver essas práticas com os alunos. Isto posto, outro elemento essencial da aprendizagem cooperativa é a avaliação que tem como função analisar o processo cooperativo, bem como o nível de aprendizagem do grupo. Essa avaliação é realizada mediante a identificação das atitudes dos membros do grupo. Dessa forma, os autores indicam que:

Essa avaliação ocorre quando os membros do grupo analisam até que ponto estão atingindo seus objetivos e mantendo relações de trabalho efetivas. Os grupos devem determinar quais ações de seus membros são positivas ou negativas e tomar decisões sobre quais comportamentos manter ou modificar. Para que o processo de aprendizagem melhore de forma constante, os membros precisam considerar cuidadosamente como estão trabalhando juntos e como podem aumentar a eficácia do grupo (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 09).

Diante do exposto, a aprendizagem cooperativa, conforme os autores, demanda a ação disciplinada do professor que atua de forma a orientar os grupos, conduzi-los e empregar os elementos explanados acima. Assim, os autores apontam também que tais elementos “não são apenas características de bons grupos de aprendizagem, mas também representam uma disciplina que deve ser rigorosamente aplicada para produzir as condições que conduzam a uma ação cooperativa efetiva” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 09). Dessa forma, a aprendizagem cooperativa, ressalta os autores, é procedida pelo desenvolvimento de habilidades que transcendem os aspectos pedagógicos, no que tange ao ensino e condução metodológica, indo também em direção aos aspectos sociais, trabalhando habilidades que são fundamentais para que a cooperação se faça presente e seja, solidamente, o caminho para o alcance de objetivos em comum e para a aprendizagem.

Diante de toda essa conjuntura teórica e de explanação do referencial, é importante salientar que todos os autores aludidos anteriormente, contribuíram significativamente para essa pesquisa. Colaboraram no sentido de me deixar inteirado dos diversos caminhos e

possibilidades metodológicas da qual a aprendizagem cooperativa pode propiciar. De modo igual, compreender sobre outros aspectos que foram abordados nessa pesquisa, nesse caso, o concerto didático e o canto coral, me orientaram para que eu pudesse me situar, de forma mais aprofundada, nesses campos musicais. Entretanto, como já indicado, os irmãos Johnson e Holubec (1999), foram os autores que nortearam essa pesquisa, com suas perspectivas e direcionamentos teóricos sobre a AC. Assim, os autores definidos como a referência central para essa pesquisa, auxiliaram no processo pedagógico contribuindo para que eu pudesse enxergar todo o trabalho que foi realizado, a partir de uma prática empregada com caráter coletivo e que buscou se efetivar mediante o envolvimento dos participantes, aspecto esse que é fundamental para que todo o processo pedagógico aconteça de forma significativa, proativa e fluida quanto à aprendizagem, conforme Johnson, Johnson e Holubec (1999).

Os autores elegidos como fundamentação da pesquisa, me deram o suporte teórico necessário para que a análise fosse realizada a partir das suas concepções sobre uma aprendizagem não apenas coletivizada, mas que estimula o aluno a uma participação direta, na construção do conhecimento. Isso se deu por meio de uma verificação da aprendizagem dos participantes, observando, à luz da aprendizagem cooperativa, todo o processo, no que tange os aspectos pedagógico-musicais, sociais, e emocionais dos alunos. Nessa direção, buscando alcançar os objetivos da pesquisa, a constatação de como ocorreu a aprendizagem será desenvolvida observando todos os registros de informação que foram coletados no decorrer da pesquisa, à exemplo dos registros em campo, observações rotineiras e as declarações dadas nas entrevistas realizadas com os participantes, que deram seu depoimento a respeito do trabalho de intervenção pedagógica realizado na escola, especificamente no coral Vozes da ECIT.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

4.1 CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA E O CORAL VOZES DA ECIT

A pesquisa possui como campo empírico o Coral Vozes da ECIT¹². Esse grupo vocal pertence à Escola Cidadã Integral Técnica Deputado Genival Matias (ECIT DGM) da rede estadual de ensino da Paraíba em Juazeirinho-PB. No percurso de descrição do campo empírico, irei me referir à escola pela sigla ECIT DGM e, apenas quando necessário usarei o nome completo da escola.

A escola foi fundada no ano de 1958 tendo como primeiro nome Grupo Escolar Marechal Almeida Barreto, sendo escola de 1º e 2º grau, ou seja, ensino fundamental e médio nos dias de hoje. No ano de 2020 passou a ser chamada de Escola Cidadã Integral Técnica Deputado Genival Matias, em homenagem ao deputado estadual Genival Matias de Oliveira Filho, falecido no mesmo ano e que era natural do município. Assim sendo, a escola, que até 2017 funcionava na modalidade de ensino regular, em 2018 passou a funcionar com a modalidade de ensino integral, ofertando cursos técnicos em administração e informática, sendo regida pelas diretrizes de ensino integral da rede estadual de ensino da Paraíba.

A ECIT Deputado Genival Matias está organizada a partir da gestão escolar, formada por três pessoas com funções distintas, ou seja, o diretor geral, coordenador pedagógico e o coordenador administrativo financeiro. Secretaria, possuindo 3 técnicos administrativos e uma secretária escolar, responsável pelas demandas documentais da instituição. O corpo docente da escola é composto por um quadro de 28 professores que estão divididos em áreas do conhecimento: linguagens, códigos e suas tecnologias, ciências da natureza e matemática, ciências humanas e a base técnica, tendo cada área um coordenador responsável pelo fluxo das demandas pedagógicas de cada área, atendendo um total de 342 alunos no município, da zona urbana e rural.

A escola também possui em seu quadro de disciplinas a arte como componente curricular obrigatório e que até o ano de 2020 era trabalhada de forma polivalente, abrangendo outras áreas da arte, à exemplo das artes visuais e cênicas, bem como a música, que era ensinada de forma mais tímida, não havendo muito tempo para um ensino aprofundado, no que tange a sala de aula. Contudo, as atividades musicais acontecem de forma extraclasse, formando grupos instrumentais (violão, flauta e percussão) e vocal, no caso o coral da escola. Essas atividades,

¹² Escola Cidadã Integral Técnica Deputado Genival Matias. O coral foi formado em homenagem à escola, assim sendo dado o nome do coral como Vozes da ECIT.

possuem um cunho totalmente prático, não sendo trabalhado a teoria de forma mais pontual em relação à prática no instrumento ou nas práticas vocais na escola, que se sobressaiu pelo fato do curto espaço de tempo dedicado a essas práticas musicais extraclasse.

Em vista disso, uma das práticas musicais na escola que se sobressaiu, em relação às demais, seja em sala de aula ou extraclasse, foi a prática vocal, materializada no coral Vozes da ECIT. Dessa forma, o coral existente na escola, do qual é objeto da pesquisa que se apresenta, foi formado no ano de 2018 com minha chegada à escola. Antes de tudo é importante ressaltar que esse grupo vocal foi formado a partir de observações realizadas por mim, a fim de perceber o que se tinha de material humano, ou seja, alunos para as práticas musicais que possivelmente poderiam ser convidados para formar e participar de algum grupo musical na própria escola e que já possuíam alguma predisposição musical, seja cantando ou tocando algum instrumento musical, facilitando o trabalho das práticas musicais, bem como potencializando o ensino de forma cooperativa entre os participantes.

A princípio o coral foi formado por 12 alunos, sendo 9 meninas e 3 meninos, sendo direcionada essa prática musical para os alunos do ensino médio. Dessa forma, os encontros do grupo eram realizados em horários de intervalos no decorrer do dia na escola, uma vez que a modalidade de ensino da escola é integral, preenchendo todo o horário dos turnos da manhã e da tarde com nove aulas consecutivas, o que nos restava como opção os horários de intervalos, à exemplo dos horários do café da manhã e do almoço, sendo esse último de maior tempo para os ensaios do grupo, possuindo um espaço de tempo de uma hora e vinte minutos. À vista disso, formado o grupo vocal da escola, o coral, o foco da turma era a montagem de repertório e estudo sobre técnica vocal, bem como apreciação das músicas de artistas que fariam parte do repertório do conjunto, para assim começar as apresentações, que foram promovidas na própria escola bem como em outras escolas da cidade e de cidades vizinhas.

O coral da escola a cada ano vai se renovando com a inserção de novos alunos para compor o conjunto e abrangendo participantes de todas as turmas da escola, seja do ensino fundamental ou médio. O grupo, que até então era trabalhado nos horários de intervalos da escola, a partir de 2019, passou a possuir um horário específico para os encontros, sendo elevado ao nível de disciplina, o que, em outras palavras, significa que a partir desse momento essa prática musical foi inserida na grade de disciplinas da escola, facilitando as atividades do coral que passou a dispor de duas horas aulas semanais em cada encontro. Nos anos de 2020 e 2021, em virtude da pandemia da covid-19, as atividades do grupo foram realizadas de forma remota, por meio de práticas musicais com jogos, explanações de conteúdo musicais e apreciação musical, para que o grupo não se dispersasse. Hoje, no corrente ano, o grupo está

ativo e conta com 15 alunos participantes, dos quais as informações estão dispostas no Quadro 1, funcionando de forma presencial, com o foco nas práticas vocais, trabalhando a música popular paraibana como tema, através do concerto didático, que desembocou na questão da pesquisa: saber como os alunos que participam do coral aprendem música através do concerto didático.

1 - Quadro de informações sobre os alunos do coral:

Integrante	Série que estuda	Toca algum instrumento musical	Experiências musicais anteriores	Tempo que participa do coral	Função no coral
Andreia	1º Série EM	Não	Não	Temporada 2022	Coro
Bárbara	2ª Série do EM	Não	Participou do coral e de bandas escolares	Temporada 2019	Apresenta sobre Genival Lacerda
Camila	2ª Série do EM	Violão	Curso de violão e apresentações culturais	Temporada 2022	Apresenta sobre Vital Farias
Débora	1º Série EM	Não	Não	Temporada 2022	Coro
Elias	2ª Série do EM	Violão	Curso de violão e apresentações culturais	Temporada 2022	Coro
Francisco	2ª Série do EM	Violino	Curso de violino (iniciante)	Temporada 2022	Apresenta sobre Zé Ramalho
Gisele	1º Série EM	Violão	Curso de violão e apresentações culturais	Temporada 2022	Apresenta sobre Chico César

Helena	1º Série EM	Não	Não	Temporada 2022	Apresenta sobre Hebert Vianna
Isaque	1º Série EM	Percussão	Participa de bandas escolares	Temporada 2022	Coro
João	1º Série EM	Não	Não	Temporada 2022	Coro
Kátia	1º Série EM	Não	Não	Temporada 2022	Coro
Lígia	1º Série EM	Não	Não	Temporada 2022	Coro
Mateus	1º Série EM	Percussão	Participou de bandas escolares	Temporada 2022	Coro
Naiara	1º Série EM	Percussão	Participou de bandas escolares	Temporada 2022	Coro
Otávio	3ª Série EM	Violino	Curso de violino e apresentações culturais	Temporada 2022	Coro

Fonte: Elaboração própria, 2022.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma ação investigativa na área educacional possui grande amplitude no que diz respeito aos aspectos pedagógicos que permeiam o trabalho de aprofundamento no objeto investigado. Na escola, aspectos sociais de um coletivo, em relação aos alunos, podem direcionar ou mesmo alterar o processo de investigação da qual o pesquisador se dispõe a fazer. Contudo, para esse contexto investigativo em que o pesquisador está dependente das circunstâncias pedagógicas de um determinado grupo, os caminhos metodológicos se mostram ferramentas de pesquisa que

conseguem suprir as necessidades encontradas no trabalho de análise de uma realidade pedagógica.

No que tange a pesquisa, esta está intrinsecamente ligada à necessidade de responder a questões de uma realidade que, em um dado momento, acontece sem que percebamos como está ocorrendo, seja um fato social, comportamental ou pedagógico, entre outros, que “[...] visa essencialmente a produção de novo conhecimento e tem a finalidade de buscar respostas a problemas e a indagações teóricas e práticas” ZANELLA (2011, p. 23). Dessa forma, a pesquisa resulta em uma atividade que expõe a compreensão de um determinado aspecto da realidade por meio de um processo investigativo. Nessa perspectiva, Silveira e Córdova (2009) explica que:

A pesquisa é a atividade nuclear da Ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real. (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 33).

À vista disso, em um primeiro momento, adequar-se ao que ou a quem se vai investigar, ou seja, ao objeto de estudo, é uma necessidade primária, visto que a partir desse ponto é que se pode escolher o percurso metodológico da qual a pesquisa irá ser desenvolvida. Assim, nesse contexto, GODOY (1995) afirma que:

[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Partindo desse contexto, a busca por elucidar aspectos de uma realidade, permite com o que o pesquisador se debruce no objeto de estudo, a fim de entender o (s) motivo (s) pelo qual algo ocorre, de forma a perceber não só o porquê, mas também como acontece tal processo. Dessa forma, o pesquisador, diante de uma indagação ou inquietação processual, explora as possibilidades investigativas de acordo com o trajeto planejado metodologicamente, visando respostas que irão explicar o fato da ocorrência de algo. Para tanto, dependendo da natureza da realidade a ser investigada, o processo de pesquisa de um determinado fato envolve nuances que podem impossibilitar o pesquisador de utilizar metodologias rígidas que não são flexíveis ao fluxo do objeto de estudo. Nesse caso, para esse tipo de situação, existem as abordagens de pesquisa que auxiliam o pesquisador a traçar planos para o desenvolvimento de um trabalho de investigação. São essas metodologias que viabilizarão o pesquisador a atender às expectativas

sobre o objeto de estudo, em relação aos aspectos processuais, ainda sem respostas, e que explicam determinados processos.

Outro fator importante para o bom desenvolvimento da pesquisa, é a escolha do tema a ser abordado. Essa escolha está inerentemente ligada ao contexto do ambiente a qual o pesquisador está inserido e que irá necessitar de suas experiências acerca do problema do que se quer resolver. Nesse sentido, “é também necessário que o pesquisador faça uma reflexão pessoal sobre suas habilidades, conhecimento, preferências, segurança, aptidões, interesses e afinidade com o tema” (ZANELLA, 2011, p. 48).

Partindo dessas definições e pontos de vista acerca da pesquisa científica e seus aspectos funcionais, o caminho metodológico científico que foi tomado como trajeto para o desenvolvimento dessa pesquisa se fez definido a partir da reflexão sobre o objetivo dessa pesquisa, cujo qual é compreender e analisar como os alunos que atuam no coral aprendem música a partir de concertos didáticos. Assim, olhar para o foco do trabalho e suas nuances pedagógicas que rodeiam o aprender e fazer musical dos alunos participantes do coral, foi decisivo para a escolha do percurso metodológico a qual esse trabalho de investigação foi inserido. Com a constituição dos objetivos, à luz da identificação do problema da pesquisa, o delineamento do trabalho se deu de forma específica conforme as necessidades e inquietações que a questão da pesquisa requisitava. Isso foi determinante para que a metodologia escolhida desse suporte no decorrer do trabalho, tendo aproveitamento no emprego das ferramentas metodológicas, bem como no levantamento dos resultados aferidos.

4.3 PERCURSO QUALITATIVO

Para a condução dessa pesquisa foi escolhida a abordagem qualitativa, mediante um estudo de caso. Esse caminho metodológico viabiliza aferir variáveis subjetivas, naturais da investigação de um fato de ocorrência não linear e que não podem ser quantificados, ou seja, posto em exposição como dados de acontecimentos contínuos, uma vez que as variáveis que surgem no processo de pesquisa dessa natureza não possuem esse caráter. Nessa direção, Silveira e Córdova (2009) esclarecem que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 33). Assim, percebo que a pesquisa qualitativa se encaminha de forma a suprir questões subjetivas que são o foco desse trabalho, que se propõe a averiguar dados pedagógicos e sociais e suas variações que permeiam

o trabalho investigativo e “preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados” (ZANELLA, 2011, p. 99).

A partir de um dado problema em que seus aspectos não explanados formam a dúvida a ser sanada, a abordagem qualitativa propicia a elucidação de tais aspectos, por meio da exploração proveniente do caráter dessa abordagem metodológica empregada pelo pesquisador. Desse modo, buscar compreender o fenômeno do qual a pesquisa se debruça é aplicar ferramentas metodológicas constitutivas de possibilidades que envolvem o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 14). Assim, partindo dessas explicações acerca do método qualitativo, podemos perceber que tal ferramenta favorece o entendimento interpretativo dos aspectos que circundam a situação problema da qual o pesquisador está inserido e disposto a resolver.

No tocante ao estudo de caso, ferramenta metodológica que permite um aprofundamento de forma empírica, vale ressaltar que se faz necessário que o pesquisador tenha uma integração e sintonia com o objeto de estudo, proporcionando uma melhor concepção do fenômeno que está sendo analisado. Nessa direção, Fonseca (2002) aborda que “um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social” (FONSECA, 2002, p. 33). Assim, a afinidade do pesquisador com o fenômeno analisado proporciona um melhor fluxo no que diz respeito aos procedimentos e tomadas de decisões, naturais de um processo de investigação. Nessa perspectiva, GODOY (1995) se refere ao estudo de caso como uma ferramenta que “tem por objetivo proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real (GODOY, 1995, p. 25).

Neste sentido, percebo que a escolha pela abordagem qualitativa, mediante o estudo de caso, foi determinante pelo fato dessa pesquisa possuir aspectos que exigem flexibilidade quanto aos procedimentos para análise e estudo do objeto. Em vista disso, a escolha pela pesquisa qualitativa se deu pelas possibilidades metodológicas abrangentes a qual a abordagem qualitativa propicia. Isso se dá por sua natureza investigativa e subjetiva que proporciona, mediante seus métodos, analisar especificidades, uma vez que “seu foco é a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar” (GOMES, 2007, p.79). Por conseguinte, o estudo de caso, como método qualitativo, possibilita inquirir, explorar e averiguar as especificidades do objeto de estudo.

Dessa forma, a definição do estudo de caso como método de pesquisa, foi tomada a partir do próprio objeto de pesquisa e a curiosidade em compreender os aspectos de ensino-aprendizagem dos alunos participantes da pesquisa. Essa foi também uma decisão determinada pelo objetivo da pesquisa, que se direciona ao um grupo musical existente na escola onde trabalho, ou seja, um coletivo de aspirações musicais e formas de aprendizado diversificado. Godoy (1995) afirma que o estudo de caso “visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular” (GODOY, 1995, p. 25). Essa afirmação deixou claro que a pesquisa deveria se utilizar dessa possibilidade metodológica, visto que a aplicação desse trabalho teria, nesse caso, um maior aproveitamento a partir da delimitação do objeto da pesquisa.

Neste sentido, faz-se necessário salientar que a escolha do trajeto metodológico da pesquisa, no que concerne o estudo de caso, não foi feita de forma aleatória ou sem uma observação e reflexão do próprio trabalho e ao que se propõe a pesquisar. Para Yin (2001):

Não existe fórmula, mas a escolha depende, em grande parte, de sua (s) questão (ões) de pesquisa. Quanto mais suas questões procurarem explicar alguma circunstância presente (por exemplo “como” ou “por que” algum fenômeno social funciona), mas o método de estudo de caso será relevante (YIN, 2001. p. 4).

Dessa maneira, compreendi que a ligação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa se torna necessária, pois, com a afinidade com o que se vai pesquisar, torna a pesquisa mais fluida e significativa, no sentido de exploração pedagógica, aferição de dados e condução do trabalho. Assim, foi a partir do contato contínuo com o objeto de estudo dessa pesquisa, que fui percebendo quais caminhos metodológicos iria tomar. Com o processo de estar promovendo práticas musicais com os alunos participantes do coral, as aspirações, definições e decisões metodológicas foram sendo tomadas de forma reflexiva e entendo o estudo de caso como o caminho para averiguar a questão do trabalho, bem como conduzir a pesquisa e as minhas ideias acerca do grupo focal. Dessa forma, seguindo esse contexto, conforme explica Fonseca (2002):

O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

Investigar a configuração do ensino-aprendizagem das práticas musicais de um grupo, requer um processo direcionado e focado em extrair as respostas pertinentes à questão da pesquisa. Assim, o estudo de caso possibilitou a compreensão de fenômenos de natureza

individual e/ou coletiva, nesse caso, o coral da escola. Nesse contexto, olhando para a pesquisa que me propus a realizar, foi também oportuno refletir sobre o fazer docente e sobre as ações investidas nesse processo. Dessa forma, SHÖN (1992) atesta que “é possível olhar retrospectivamente e reflectir sobre a reflexão-na-acção. Após a aula, o professor pode pensar no que aconteceu, no que observou, no significado que lhe deu e na eventual adopção de outros sentidos” (SHÖN, 1992. p. 77). Assim, isso se revela nas reflexões sobre atitudes e ações empregadas no contexto docente, no sentido de extrair e observar as possibilidades metodológicas que circundam o processo investigativo.

A partir do exposto, o estudo de caso se mostra como uma ferramenta que particulariza o objeto da pesquisa para colher as informações que possibilitaram chegar na resposta do aspecto em pauta. Assim, observando por essa ótica, percebi que particularizar o coral seria possível compreendê-lo de forma mais ampla, olhando para os aspectos que constituem a questão da pesquisa. Ventura (2007) afirma que “conforme os objetivos da investigação, o estudo de caso pode ser classificado de intrínseco ou particular, quando procura compreender melhor um caso particular em si, em seus aspectos intrínsecos [...]” (VENTURA, 2007. p. 384). Dessa forma, em busca da compreensão do objeto de estudo, foi preciso que no processo da pesquisa se estabelecesse a organização estrutural e conceitual do trabalho, guiando a coleta de dados para que se alcance o entendimento sobre as perspectivas e concepções aferidas no processo de pesquisa.

Nesse contexto, a opção pelo estudo de caso como caminho metodológico foi determinada por sua maior aproximação com as especificidades da pesquisa, assim como por sua disposição de possibilidades processual, no que tange a pesquisa e os encaminhamentos que foram necessários. Contudo, embora envolvido em todo o processo e por ser o coral um projeto musical por mim criado na escola, o distanciamento foi mantido para que o meu olhar como professor não se sobressaísse em relação ao papel de pesquisador. Dessa forma, o estudo de caso possibilitou, mediante as ferramentas dispostas por esse processo, ter um olhar para a prática que estava ocorrendo, percebendo as nuances pedagógicas, ao tempo que me afastava me inserindo em um lugar de neutralidade com o intuito de compreender a prática proporcionada aos alunos, bem como o processo de aprendizagem pelo qual o coral estava passando.

Unido a isso, as ferramentas de coletas de dados foram utilizadas para que se pudesse ter a compreensão pedagógica, no que diz respeito à aprendizagem no coral, como forma de levantar informações que me direcionaram ao entendimento do objeto de estudo em pauta. Para tanto, houve a necessidade de selecionar as diferentes formas de coleta de dados, utilizando de

observações, entrevistas e registros audiovisuais, que viabilizaram elucidar os aspectos pedagógicos que circundavam o trabalho.

4.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Tendo em vista o caminho metodológico que a pesquisa seguiu, se fez necessário, para a elucidação da questão da pesquisa, instrumentos para a coleta de dados que atendessem às demandas metodológicas as quais a proposta da pesquisa em pauta necessitou. Posto isto, foram utilizados instrumentos para a coleta de dados que foram analisados e compilados, com o intuito de responder ao problema o qual a pesquisa orbitou. Tais instrumentos para o recolhimento de dados foram definidos conforme a necessidade do trabalho e que foram fundamentais na coleta das informações acerca da pesquisa.

É válido reiterar que, em relação a coleta de dados dessa pesquisa, o uso dos instrumentos para a coleta de informações foi realizado prezando pelo distanciamento, enquanto pesquisador. Assim, por estar docente na escola e atuando de forma direta no trabalho com o coral, saliento a ciência da dificuldade de perceber os dados zelando pela distância necessária para a coleta dos dados e de analisá-los. No entanto, prezando por uma coleta e análise dos dados da pesquisa, sabia da impossibilidade de um olhar neutro quanto ao meu envolvimento com o grupo, objeto da pesquisa, mas mantive o distanciamento, fundamental para que a apreciação dos dados ocorresse de forma objetiva e imparcial.

Para essa finalidade, também tomei os devidos procedimentos éticos que envolvem o trabalho da pesquisa, no que tange as observações, entrevistas e identificação dos participantes do coral, bem como do contexto da pesquisa. Assim sendo, documentei priorizando a utilização das autorizações sobre o uso do nome da escola, bem como sobre o consentimento do aluno em ser entrevistado, mantendo o anonimato dos participantes entrevistados. Desse modo, as devidas autorizações foram concedidas, das quais seus modelos se encontram no apêndice B desse trabalho.

4.4.1 Observações

Mediante esse percurso metodológico, a observação é, portanto, uma forma de produção de dados que provém da pesquisa de campo e que pode ser utilizada antes ou depois das entrevistas, e de forma isolada. Contudo, tais observações foram sendo realizadas de forma gradativa, de acordo com os encontros do grupo. Nesse sentido, tendo em vista minha atuação

ter sido direta com o grupo e compartilhando dos momentos de aprendizado, por meio da explanação e emprego dos conceitos e informações pertinentes ao trabalho do grupo, observei em uma perspectiva de participação mais acentuada, ou seja, direta. Assim, nesse tipo de observação “o pesquisador é testemunha e co-autor” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009. p. 103). Do mesmo modo, PORTELA (2004) indaga que a observação participante é realizada através da “participação na vida cotidiana do grupo ou da organização que estuda; entrevistas ou conversa para descobrir as interpretações sobre as situações que observou, podendo comparar e interpretar as respostas dadas em diferentes momentos e situações” (PORTELA, 2004, p.2). Neste sentido, as observações foram realizadas no coral da escola durante os encontros, de forma a captar os dados e mensurá-los de uma forma mais aprofundada.

Dessa forma, por intermédio do citado instrumento metodológico, fiquei incorporado nas atividades propostas pela pesquisa, de forma a ter compreensão das representações, relações sociais e interações dos alunos quanto à aprendizagem musical proporcionada pelo tema. À vista disso, a observação me proporcionou uma estreita relação com o objeto da pesquisa, possibilitando possíveis percepções que me auxiliaram no entendimento sobre a questão da pesquisa, uma vez que estive diretamente vinculado ao conjunto.

A realização das observações seguiu uma organização estabelecida a partir da definição da quantidade de encontros e de apresentações estabelecidas no plano de trabalho, que será tratado de forma mais detalhada, mais adiante. Assim sendo, como consta no plano, foram doze encontros e cinco apresentações, que o coral da escola realizou. Assim, quanto a quantidade de observações que foram realizadas, estas seguiram a mesma quantidade de encontros e de apresentações, sendo determinado um total de dezessete observações, entre encontros e apresentações.

As observações foram iniciadas desde o primeiro encontro do coral, em abril e seguiram até o mês de outubro de 2022, mês que conclui as atividades do plano de trabalho, entre encontros e apresentações. Dessa forma, atuando de forma direta com o coral, me pus às observações que me proporcionaram captar comportamentos, condutas, relações, interações e aspectos do trabalho coletivo dos participantes. O convívio com o coral me possibilitou enxergar mais profundamente como os alunos caminharam durante as atividades empregadas, seja os encontros ou as apresentações. Todavia, o desafio estava em manter o distanciamento com o grupo, uma vez que, como já exposto, a minha atuação foi de forma direta, compartilhando conhecimento, organizando o trabalho e orientando o grupo, quanto ao trabalho interventivo que estava sendo realizado.

Assim, no decorrer da pesquisa, procurei me inteirar de como os alunos estavam atuando no coral, observando como os participantes procediam nas atividades que estavam sendo realizadas com eles. O propósito foi captar essa atuação e ver a conduta que tinham durante o processo de trabalho realizado. Dessa forma, nas notas, procurei descrever detalhes sobre o comportamento, a proatividade, a disposição e desempenho dos alunos, bem como as suas ações e falas. Nesse sentido, Guerra (2014) destaca que “a observação exige um contato face a face do pesquisador com o seu objeto de estudo” (GUERRA, 2014, p. 28), o que fez todo sentido, a partir do momento em que pude estar nesse processo de observação, diretamente ligado e participando das atividades do coral.

Dessa maneira, durante as atividades, procurei sempre registrar as observações nos próprios encontros, com o intuito de não deixar acumular os registros, bem como não perder detalhes dos momentos da observação, pois segundo Bogdan e Biklen (1994) é “mais importante e mais imediatamente útil no aproveitamento da sua capacidade presente” (BGDAN; BIKLEN, 1994, p. 170). Assim, os registros foram sendo feitos de acordo com o observado e sem atrasos nos registros, o que deixou o processo de observação organizado e conservando os detalhes percebidos.

Dessa forma, como naturalmente já estava inserido no contexto da pesquisa, foi a partir desse contato direto com o grupo que fui percebendo as nuances da participação dos alunos. Isso me rendeu um convívio constante, porém mantendo o distanciamento necessário enquanto pesquisador, e que facilitou todo o processo de observação. Nesse convívio, como destacado, a imersão no campo foi de forma intensa, pois, como já exposto, era o regente do coral, ou seja, quem organizava todas as atividades e apresentações. Assim, conforme a intensidade do convívio e das orientações sobre as atividades que os alunos realizaram, as observações foram sendo realizadas. Essa forma intensa de convívio e, conseqüentemente, de observações, me permitiu registrar momentos em que os alunos estavam ativamente participando das atividades do coral, captando *in loco* e no ato tudo o que considerava importante registrar para a posterior análise dos dados.

Nesse contexto, é válido ressaltar que no período compreendido entre abril e outubro de 2022 os encontros e apresentações não foram realizadas de forma linear. Tal processo foi realizado levando em consideração o calendário escolar, as necessidades da escola e os imprevistos ocorridos durante a pesquisa. Dessa forma, feriados antecipados, falta de merenda e água, falta de professores no quadro escolar, falta de transporte escolar e dias letivos com horários reduzidos, foram problemas que tiveram forte influência no processo, atrasando o

plano de trabalho da pesquisa, o que exigiu recorrentes alterações na organização das atividades dos encontros e das apresentações, incidindo no processo de observações.

Desse modo, as observações e registros seguiram a mesma dinâmica dos encontros e apresentações, ou seja, de forma não linearidade. Contudo, como estabelecido no plano de trabalho, não houve diminuição quanto ao número de encontros determinado, mas sim o aumento, passando de dez para quinze encontros. Essa alteração foi necessária para que pudesse suprir os ensaios para as apresentações e que foram solicitados pelos próprios alunos, para uma melhor performance.

Nos encontros, as atividades foram realizadas de forma coletiva, o que me demandou estar atento em todas as ações dos participantes. Atividades como apreciação musical, exposição das percepções sobre as músicas do repertório, abordagem sobre a biografia dos artistas, cantar e construir o concerto didático, foram essencialmente momentos em que todos os alunos estavam diretamente participando, ou seja, cantando, falando, gesticulando, expondo ideias, pontos de vistas e, coletivamente construindo a apresentação, o concerto didático. Isso me fez redobrar a concentração e a cautela, pois tratava-se de um coral com um considerável número de integrantes e que estavam participando ativamente das atividades. Assim, promover observações de forma a não perder esses momentos com os participantes foi um ponto de dificuldade à princípio, o que foi ficando mais fluido e habitual no decorrer dos encontros.

As observações, no que tange as apresentações, também foram realizadas conforme o plano de trabalho. Todavia, nas apresentações, as observações foram mais simples, quanto ao registro em notas. Isso porque nos encontros eu estava envolvido nas atividades, orientando e compartilhando conhecimentos musicais e diversos, à exemplo da comunicação, ou seja, esse processo de observações nos encontros era realizado paralelamente à minha atuação no coral como regente. Por outro lado, as apresentações foram atividades em que os próprios alunos realizavam, não necessitavam que eu conduzisse o concerto didático, mas sim, apenas acompanhá-los nas músicas do repertório. Dessa forma, nas observações eu ficava praticamente como plateia, assistindo ao concerto didático construído pelos alunos, ao tempo que registrava o que achava importante para a posterior interpretação dos dados.

Assim sendo, para que todas as observações pudessem ter sido realizadas, o plano de trabalho da pesquisa foi um ponto fundamental nesse processo. Esse plano foi elaborado como forma de nortear os passos do coral, mediante a intervenção pedagógica que estava em andamento. Dessa maneira, para bem entender as observações e, conseqüentemente, como se deu os encontros, irei apresentar como foi planejado as etapas e atividades do coral, bem como

as apresentações para a realização da pesquisa e as observações que foram realizadas mediante os encontros estabelecidos pelo plano de trabalho da pesquisa.

Assim sendo, a explanação do plano de trabalho a seguir, se revela um roteiro da aplicação dessa pesquisa e foi elaborada a partir dos objetivos dessa pesquisa, que busca compreender e analisar como os alunos que atuam no coral aprendem música a partir de concertos didáticos. Dessa forma, é importante ressaltar que cada etapa da pesquisa possui trajetos que intensificaram a proposta de forma a extrair o máximo possível da proatividade dos integrantes do conjunto, ou seja, do coral. Para tanto, irei expor a estruturação das atividades musicais promovidas nos encontros e apresentações, como forma de expor o processo de ensino-aprendizagem musical no grupo.

Dessa forma, como forma de organização e estruturação do plano de trabalho, para cada etapa foi atribuído um título, caracterizando-a quanto ao que será trabalhado durante cada fase constituída pelo plano de trabalho, ficando assim denominado: etapa um, uma prosa sobre a proposta e início dos encontros; etapa dois, ensaios e novos assuntos e; etapa três: voz a obra. Essas etapas materializaram todo o percurso planejado com o intuito de promover tanto a prática musical, quanto as observações e os demais instrumentos de coleta de dados, que foram fundamentais para a investigação.

4.4.2 Plano de trabalho: encontros e apresentações

Os trabalhos com o Coral Vozes da ECIT, objeto da pesquisa, para a temporada 2022, e, respectivamente, o trabalho com a pesquisa, se deu a partir da abertura de inscrições para que alunos da ECIT Deputado Genival Matias. Dessa maneira, foi realizada a divulgação do trabalho com o coral para os alunos de todas as séries que a escola atende, ou seja, ensino fundamental e médio, abrangendo alunos desde o nono ano do ensino fundamental à terceira série do ensino médio. Esse trabalho, em um primeiro momento, foi realizado de forma online através dos grupos de *whatsapp* das turmas, pois a escola ainda estava no período de aulas remotas. Contudo, ao voltar para a modalidade presencial do ensino, fizemos um novo processo de divulgação, porém dessa vez explanando a proposta do coral de turma em turma, com o objetivo de reforçar as inscrições para o coral e, respectivamente, o início dos trabalhos com o coral nessa nova temporada.

Ao voltar ao ensino presencial, a divulgação foi realizada por meio de um pequeno diálogo, como forma de expor aos alunos a proposta do coral e como seria realizado esse trabalho. Dessa forma, essa explanação sobre o coral foi realizada em todas as turmas da escola,

de forma paralela às aulas da disciplina de arte, da qual sou o professor titular, informando sobre as inscrições e apresentando, concisamente, como seria o trabalho a ser realizado. Esse processo de diálogo com os alunos da escola durou uma semana, sendo o suficiente para que todos os alunos da instituição ficassem a par da proposta do coral e o conseqüente trabalho que seria realizado no ano de 2022.

Dessa forma, o processo de inscrição se deu de forma online, mediante formulário, sendo inscrito quinze alunos que iriam participar do coral e trabalhar a proposta planejada para a temporada 2022 e, conseqüentemente, trabalhar dentro do processo investigativo dessa pesquisa. Para tanto, os alunos inscritos passaram por um processo de triagem para que pudéssemos identificar a qual turma pertenciam, como forma de organização e registro dos participantes dessa atividade musical. Isso se fez necessário para que pudéssemos especificar as turmas e o nível pedagógico a ser trabalhado nas atividades musicais que seriam empregadas aos participantes.

Assim sendo, realizada as inscrições pelos alunos, fizemos uma reunião com os participantes com o objetivo de explicar a proposta do coral de forma mais aprofundada, dando espaço para que os alunos pudessem sanar as dúvidas surgiram durante a reunião. Nessa reunião, apresentamos a forma qual iríamos trabalhar no coral, enfatizando o papel protagonista dos alunos e o processo pela qual iram passar, desde conteúdos musicais às apresentações que seriam realizadas pelo grupo. Dessa forma, a proposta apresentada para os alunos seguiria por um processo pedagógico-musical constituído de encontros que, gradativamente, fosse evoluindo o grupo e fizesse com que o aprendizado fosse sólido e significativo, do ponto de vista musical, incorporando também aspectos sociais e psicológicos, à exemplo do trabalho em grupo, a interação entre os participantes e os modos de se relacionarem dentro do coral.

Nesse sentido, a proposta apresentada aos alunos participantes do coral foi a de trabalharmos com música paraibana, mais especificamente músicas de artistas da Paraíba. Dessa forma, a condução das atividades no grupo foi direcionada através do trabalho com a música paraibana e seus artistas, do qual foi delineado/selecionado os artistas que seriam trabalhados durante as atividades com o Coral Vozes da ECIT. Assim, na explanação, os artistas selecionados foram Vital Farias, Genival Lacerda, Hebert Viana, Chico César e Zé Ramalho, como consta no programa do concerto didático que pode ser conferido no apêndice D. Esses artistas fizeram parte da proposta de músicas paraibanas a serem trabalhadas no coral e utilizadas tanto as músicas como os artistas como conteúdo musical, vindo a serem conhecidos do coral, em um primeiro momento.

Desse modo, com os artistas selecionados, as músicas que foram escolhidas para constituírem o repertório do coral foram Veja, Margarida (Vital Farias), À primeira vista (Chico César), Severina Xique Xique (Genival Lacerda), Meu erro (Hbert Viana) e Entre a Serpente e a Estrela (Zé Ramalho). Assim sendo, todo esse conteúdo musical que foi trabalhado pelo grupo, foi exposto aos participantes em reunião, no intuito de os deixarem conscientes do que seria visto por eles, bem como os conteúdos de cunho técnico-musical, à saber, técnica vocal, apreciação musical e o concerto didático, como forma de condução das atividades e apresentações do coral. Contudo, ao explanar a proposta para os alunos participantes do coral, deixei claro que todo o processo pedagógico-musical e, respectivamente, as atividades direcionadas ao grupo, seriam realizadas de acordo com o funcionamento da escola, no que diz respeito às diretrizes, sendo o trabalho do coral flexível à condução escolar, se atentando aos eventos escolares planejados e previamente marcados pela gestão escolar.

À vista disso, exposto o que seria trabalhado musicalmente e diligente ao funcionamento escolar da instituição (ECIT Deputado Genival Matias), informei aos alunos que tal proposta seria trabalhada, à princípio, em dez encontros/aulas. Cada encontro com duração de duas horas aulas, ou seja, uma hora e quarenta minutos, trabalhando os conteúdos de forma progressiva, avançando à medida que o aprendizado se tornasse sólido e evidente. Dessa maneira, complementando a proposta, como forma de consolidar o aprendizado, e concluir as atividades, além dos dez encontros, o coral também realizou cinco apresentações em forma de concerto didático, termo que gerou dúvidas nos participantes e que logo foi sanada ao ser explicada como uma forma de apresentação em que se trabalha, durante a apresentação, algum conteúdo que é exposto pelos componentes do grupo e que, nesse caso, seriam os próprios alunos que discorreriam sobre os conteúdos trabalhados no coral.

Dessa forma, a preparação para as apresentações também foi incluída como conteúdo a ser trabalhado no coral. Isso se foi necessário para que os alunos soubessem como seria os concertos didáticos, como fazer a apresentação de fato. Nesse sentido, os alunos ficaram cientes que os concertos didáticos seriam realizados em escolas da cidade, incluindo a ECIT Deputado Genival Matias. Assim, nesse percurso de apresentações do coral, o grupo iria passar por outros ambientes escolares e com diferentes públicos, levando conhecimento acerca da música paraibana e dos artistas selecionados para esse trabalho.

Como forma de organizar e nortear todo a intervenção pedagógica promovida pela pesquisa, houve a necessidade de elaborar um plano de trabalho que pudesse servir como um roteiro das atividades em que o coral faria durante o processo investigativo. Dessa forma, tal plano de trabalho contemplou etapas das quais os encontros foram distribuídos durante a

pesquisa, bem como as apresentações, que aconteceram conforme estabelecido pelo plano de trabalho.

Assim, embora, como já citado, os encontros não seguissem uma continuidade, no que se refere a uma sequência sem alternâncias durante as semanas, o plano de trabalho foi seguido conforme estabelecido, promovendo assim todas as atividades pertinentes ao processo pedagógico. Desse modo, irei descrever como se deu os encontros, atividades e apresentações do coral, como forma de compreender o trabalho realizado com os participantes, mediante o que foi definido para esse processo de investigação.

4.4.3 Detalhamento das etapas e encontros

4.4.3.1 Etapa 1: uma prosa sobre a proposta e início dos encontros

Nessa primeira etapa do plano, foi apresentada a proposta do coral, bem como o início dos encontros. Assim, em um primeiro momento, por meio de conversas de forma paralela às aulas da disciplina de arte, disciplina que ministrava de forma polivalente¹³, fiz o processo de divulgação do coral para a temporada de 2022. Saliento que, nessa parte da etapa, o propósito foi de realizar a explanação da proposta do coral aos alunos da escola, não caracterizando um encontro. Dessa forma, deixando cientes os alunos sobre o coral da escola e sua temporada no ano de 2022, passei à abertura das inscrições para os alunos que desejassem integrar o grupo. Essa inscrição se deu de forma online, via formulário.

Isto posto, havendo a inscrição dos alunos para integrarem o coral da escola, foi realizado o procedimento de triagem dos alunos inscritos para que possamos saber de qual turma os inscritos pertencem. Assim, seguindo a primeira etapa da proposta, ficou decidido que ocorreriam à princípio dez encontros para que se pudesse chegar aos resultados esperados. Contudo, no decorrer do processo da intervenção pedagógica, houve a necessidade de promover mais encontros, totalizando doze. Os encontros foram divididos, de forma a contemplar todas os conteúdos que foram ministrados para o grupo, seguindo um trajeto pedagógico flexível a escola, no que diz respeito ao seu funcionamento cotidiano, respeitando as diretrizes da escola.

Para bem entender como seguiram as atividades, ressalto que os primeiros seis encontros, foram organizados e planejados para os alunos trabalharem os assuntos específicos musicais, tais como apreciação das músicas, exposição da biografia dos artistas e prática do

¹³Até maio de 2022 a disciplina de arte na escola, contexto da pesquisa, era trabalhada de forma polivalente, ou seja, a disciplina englobava artes visuais e artes cênicas, além de música. No segundo bimestre do mesmo ano, passei a trabalhar apenas com a disciplina de música.

canto coral com as músicas que compuseram o repertório. Nos encontros posteriores, as atividades foram direcionadas para ensaio do repertório, montagem da apresentação, assuntos de comunicação e consolidação do trabalho a partir do concerto didático.

Definidos as inscrições e a quantidade de encontros para pôr em prática a proposta do trabalho no coral e a pesquisa, passamos a realizar os encontros, bem como a explanação da proposta que será empregada ao grupo, definindo assim os dois primeiros encontros como preparação e início da construção do concerto didático, e que foram realizados no mês de abril de 2022. O primeiro encontro, que aconteceu no dia 18 de abril de 2022, foi direcionado a apresentar aos alunos o que iriam fazer no coral, além de cantar. A prioridade foi de expor aos alunos como seria o trabalho que iriam realizar, como iriam fazer e para quem iriam apresentar os resultados, ou seja, as apresentações do concerto didático. Dessa forma, o intuito do primeiro encontro foi, além de expor a proposta do coral, possibilitar que os participantes dialogassem e expusessem as suas dúvidas quanto a intervenção pedagógica que estava sendo estabelecida.

Assim, no segundo encontro, ocorrido no dia 25 de abril de 2022, a prioridade foi trabalhar conteúdos pertinentes ao grupo, à exemplo da técnica vocal, exercícios de relaxamento corporal e as biografias dos artistas que foram interpretados pelo conjunto, de forma superficial, pois as orientações posteriores foram para que os alunos buscassem se aprofundarem sobre os autores e promovessem o compartilhamento do que foi pesquisado e compreendido nos próximos encontros. Dessa forma, também foi utilizado dinâmicas e/ou brincadeiras musicais como forma de dinamizar a aula, mas que estivesse dentro da proposta da pesquisa. Contudo, foi nesse segundo encontro que o repertório foi exposto aos alunos, como forma de norteá-los quanto ao que iria se cantar nas apresentações. O repertório, foi bem recepcionado pelos participantes, o que facilitou o processo de aprendizagem das músicas. Assim, orientando o grupo, pedi para que os alunos pesquisassem sobre o artista Vital Farias, para no próximo encontro fizéssemos um momento de compartilhamento sobre o que foi compreendido por eles.

Dessa maneira, durante esses primeiros dois encontros, foram realizadas as observações e notas de campo, registrando as ações, comportamentos, falas e conduta dos participantes durante os encontros dessa segunda etapa, sendo efetuadas duas observações, à medida que estava sendo promovida as atividades de forma a construir a proposta do grupo, enquanto coral, ao passo que a investigação da pesquisa estava sendo realizada, estabelecendo o caminho do qual o coral iria percorrer.

A partir desse ponto, o trabalho foi intensificado, mediante a explanação acerca do concerto didático, que foi utilizado como forma de apresentação do coral. À vista disso, a exploração de conteúdos e o trabalho entre os integrantes do grupo foi fundamental para o

processo pedagógico da pesquisa. Para tanto, à essa etapa foi designado dois encontros, que foi realizado no mês de maio de 2022, com o intuito de se aprofundar nos conteúdos sobre o tema da proposição do coral, ou seja, a música popular paraibana e seus artistas, assim como conteúdos específicos musicais: técnica vocal, postura, percepção musical, aspectos musicais percebidos pelos alunos, no que se refere as interpretações das canções pelos artistas.

Dessa forma, no terceiro encontro, sucedido no dia 16 de maio de 2022, as atividades foram de explanação da pesquisa sobre o artista Vital Farias, bem como apreciação musical da música “Veja, Margarida”. Nessa atividade, os alunos expuseram o que foi pesquisado sobre o artista, algo que foi realizado de forma coletiva, compartilhando informações, sanando dúvidas e traçando um diálogo sobre o cantor Vital Farias, onde os alunos puderam falar sobre o que conheceu sobre o artista. Na atividade de apreciação musical os integrantes do coral ouviram, em sala, a música “Veja, Margarida”, passando a entender a melodia, aspectos da interpretação e a forma como o artista cantava a música. Isso foi necessário para que os alunos pudessem ter uma escuta consciente sobre o repertório e, conseqüentemente sobre os artistas, ao tempo que buscavam fontes que servissem como suporte para o seu entendimento acerca do tema que seria trabalhado por eles.

Nesse sentido, após as atividades de exposição e apreciação musical, os alunos cantaram a música como forma de preparação do repertório, consolidando a prática musical e trabalhando aspectos de afinação, sincronia das vozes, postura e técnica vocal. Isso se configurou como um ensaio, onde os alunos puderam cantar a música do artista e sanar as dúvidas que foram surgindo no decorrer da prática, à exemplo da afinação, fraseado melódico e arranjo. Dessa forma, ao final do terceiro encontro, orientei os alunos de buscar conhecimento acerca do cantor Chico César, que foi trabalhado no quarto encontro, seguindo a dinâmica dos encontros anteriores.

Nessa mesma direção e dinâmica se seguiu as atividades do quarto encontro, que foram realizadas no dia 30 de maio de 2022, porém, como forma de manter a organização das atividades de apreciação, exposição e prática do canto coral, segui investindo orientações aos alunos sobre a importância de pesquisar e buscar por demais fontes que os auxiliassem na compreensão sobre as músicas e os artistas. Desse modo, no quarto encontro, a música apreciada e praticada foi “À primeira vista”. Assim, também orientei os alunos a buscarem saber sobre o artista Genival Lacerda, que foi trabalhado no quinto encontro, sendo a música apreciada “Severina Xique Xique”.

Nas atividades desses encontros, ou seja, o terceiro e quarto encontros, os alunos trabalharam as biografias dos cantores, a apreciação musical das músicas respectivas aos artistas, o cantar a partir das percepções oriundas da apreciação das músicas e o processo de

arranjo e adaptação das músicas para o grupo. Todavia, essas atividades foram coletivamente realizadas, através da atuação direta dos alunos, promovendo diálogos sobre os cantores, questionando sobre as músicas e os possíveis significados interpretados pelos alunos. Assim, em todas essas atividades os alunos estavam sempre interagindo entre si, estabelecendo relações uns com os outros e trabalhando juntos em torno de um objetivo em comum: construir o concerto didático. Para isso, os alunos foram tomando consciência que as apresentações seriam realizadas por eles mesmos e que o êxito do trabalho do grupo dependia do empenho de cada um, em se dedicar nas atividades que estavam sendo promovidas nos encontros.

Dessa forma, foi a partir dessa etapa que os ensaios foram se configurando, com o objetivo de montar o roteiro das apresentações, que foram realizadas como concertos didáticos, repassando o conhecimento adquirido no trabalho do conjunto. Desse modo, é válido ressaltar que, em paralelo a realização dos encontros, as observações também foram realizadas, registrando todas as ações dos alunos. Dessa forma, em cada encontro as observações eram efetuadas com um olhar atento e percebendo as reações dos participantes quanto ao trabalho proposto.

Ainda nessa etapa ocorreu o quinto e o sexto encontros, realizados no mês de junho de 2022, respectivamente nos dias 06 e 13. Nesses encontros concluímos os artistas e as músicas abordadas no repertório, contemplando assim todos os artistas e todas as músicas que fizeram parte das apresentações realizadas pelo coral. Os artistas Zé Ramalho e Hebert Viana, e as músicas “Entre a serpente e a estrela” e “Meu erro”, respectivamente, foram trabalhados, seguindo a mesma dinâmica dos encontros anteriores.

Foi nesses encontros que as atividades foram intensificadas, em relação às apreciações das músicas, o compartilhamento da compreensão acerca da biografia dos artistas. O foco estava em deixar todos os alunos inteirados e seguros do repertório que iriam cantar, como forma de fortalecer todos os conhecimentos adquiridos durante os encontros. Assim, as atividades se pautaram no compartilhamento do que foi pesquisado pelos próprios alunos, que, em sala, explanavam o que conheceram, questionavam e dialogavam sobre os assuntos, ou seja, artistas e músicas.

Dessa maneira, concluído todos os artistas e as músicas do repertório, nos encontros posteriores foi priorizado ainda os ensaios que foram condutores da constituição do concerto didático. Dessa forma, paralelamente à montagem do concerto didático, foi trabalhada aspectos periféricos às apresentações, mas que foram importantes para o bom desempenho dos integrantes do coral, à exemplo da comunicação, dicção, apresentação e desenvoltura para o concerto didático.

4.4.3.2 Etapa 2: ensaios e novos assuntos

Nos encontros que se seguiram, a prioridade foi de consolidar o concerto didático, ou seja, deixá-lo completo para as posteriores apresentações. Assim, para esse estágio do plano de trabalho com o coral e, conseqüentemente, à pesquisa, ocorreram os demais encontros, ou seja, o sétimo e o oitavo encontro, realizados no mês de julho de 2022, respectivamente nos dias 11 e 25. Tais encontros foram dedicados aos ensaios e a explanação sobre a comunicação, que foi tratado como forma de auxiliar os integrantes do coral para o bom desempenho sobre o que iriam apresentar.

Assim sendo, foram nos ensaios que os assuntos em comunicação foram trabalhados com os alunos. As atividades consistiram na explanação sobre a comunicação, como falar de forma fluida, como organizar as ideias e expô-las ao público, bem como exercícios de dicção e dinâmicas sobre a comunicação. Dessa forma, além das atividades sobre comunicação, o coral passou a ensaiar todo o repertório em cada encontro, com o objetivo de fortalecer a prática e deixar os alunos com o repertório concluído, no que tange a arranjos, adaptações e interpretação das músicas. Dessa forma, essas atividades foram empregadas como forma de auxiliar os alunos que apresentaram e conduziram as apresentações do concerto didático, explanando sobre os artistas com uma fala fluida, clara e organizada.

As atividades com comunicação ocorreram ao passo que o ensaio do repertório acontecia, ou seja, a cada música cantada pelo grupo, um dos alunos fazia a exposição da biografia do respectivo artista, como forma de habituar os participantes nesse processo de exposição, ou seja, falar em público o entendimento sobre algo, nesse caso, o artista. Todo o processo de ensaio do repertório e de atividades sobre comunicação seguiram a mesma dinâmica nos demais encontros. Achei necessário conduzir dessa forma para que os alunos pudessem visualizar o progresso dos encontros e saber exatamente como estava procedendo essas atividades, os assuntos que foram vistos e as atividades que foram realizadas.

Após os encontros acima, nos meses de agosto, nos dias 15 e 29, e setembro, no dia 05, realizamos o nono, o décimo e o décimo-primeiro encontros, respectivamente. Nesses encontros, continuamos o trabalho sobre comunicação e ensaio do repertório do concerto didático. Para tanto, no que tange a comunicação, realizamos exercício de dicção, bem como brincadeiras direcionadas ao assunto de comunicação. Assim, é válido destacar que, nesse processo, os alunos estavam buscando fontes promovendo um trabalho individual em busca de se aprofundar no assunto e trazer para os colegas o que havia compreendido, dando continuidade ao que foi estabelecido: compartilhar.

Assim, seguindo a dinâmica do sétimo e oitavo encontro, esses encontros foram trabalhados de forma que os alunos pudessem, antes de cantar o repertório, fazer a exposição e treinar as suas falas para o concerto didático. Nos momentos de fala ou exposição sobre algum artista abordado pelo repertório, os alunos colocavam em prática o que vinham aprendendo sobre comunicação. Assim, as atividades ficaram mais intensas e realizadas conforme a apresentação do concerto didático, embora de forma mais solta, em relação a organização, porém, com traços da própria apresentação.

Dessa forma, como forma de consolidar as atividades empregadas durante todos os encontros e montar, de fato, o concerto didático, no dia 12 de setembro de 2022 houve o décimo-segundo encontro, do qual realizamos uma apresentação em sala de aula, como forma de observar onde e o que tínhamos de melhorar. Foi nesse encontro que os alunos vislumbraram e participaram do concerto didático de uma forma completa. Os alunos, após minhas orientações, se puseram a apresentar o concerto didático sem plateia, mesmo embora a plateia tivesse sido eles mesmos, que estavam sempre a se monitorarem quanto as suas atuações no coral.

Nesse último encontro, contemplamos toda a apresentação: falas dos alunos sobre os cantores e o cantar das músicas do repertório. A atividade desse décimo-segundo encontro foi exatamente ensaiar a apresentação do concerto didático, observar a desenvoltura dos alunos, cantar as músicas dos artistas e constatar as falhas e resolvê-las com os alunos. Esse encontro consistiu em fazer com que os participantes enxergassem a apresentação e desferissem suas impressões, com o intuito de que eles mesmos pudessem buscar soluções para as falhas, à exemplo da desafinação, sincronia, postura, comportamento, fluidez na fala, segurança na comunicação e arranjo das músicas.

Todo esse processo foi realizado de forma coletiva, onde os alunos procuravam deixar todo o grupo ciente do trabalho que estavam a realizar. Nos ensaios havia a preocupação dos alunos em promover boas apresentações, que dependiam do desempenho de cada um dos membros do coral.

O coral realizou essa apresentação para que pudéssemos perceber o desempenho do conjunto, ao passo que os integrantes puseram em prática todos os assuntos e orientações recomendadas durante os encontros passados, sendo assim, realizadas as devidas observações e anotações em cada encontro.

Nessa etapa, como já exposto acima, a apresentação foi destinada aos próprios alunos para que eles pudessem se avaliar em relação às suas performances. A intensão dessa atividade foi fazer com que os integrantes se percebessem enquanto membros do conjunto, responsáveis por levar conhecimento à plateia, em forma de música e de conteúdo pertinente ao tema

trabalhado pelo coral. Dessa forma, após o concerto, foi iniciado um diálogo sobre o desempenho do grupo, abordando aspectos da apresentação em que os alunos puderam opinar e/ou considerar que necessitavam de aprimoramento, segundo seu entendimento sobre o trabalho. Esse ponto das etapas do plano foi de fundamental importância para todo o grupo, visto que foi uma atividade que teve um olhar mais inclinado à apresentação como um todo, possibilitando correções que abrangeram toda a apresentação, desde a explanação do tema pelos alunos, bem como do repertório apresentado, sanando questões de afinação e arranjo, por exemplo, como forma de aperfeiçoar o trabalho do coral.

4.4.3.3 Etapa 3: voz a obra!

Concluído todo o período das etapas explanadas, ou seja, os doze encontros que determinaram o trabalho do coral, como também o empenho dos alunos participantes do grupo, o passo seguinte foi expor o trabalho dos alunos, assim como os resultados alcançados mediante a intervenção pedagógica e o processo de realização da pesquisa. Desse modo, o coral fez cinco apresentações destinadas à outras escolas, com o intuito de, por meio do concerto didático elaborado pelo conjunto, discorrer sobre o tema trabalhado: a música popular paraibana e seus artistas. Essa etapa do trabalho, foi dedicada a promover concertos didáticos, contemplando diferentes públicos, mais especificamente escolas, como forma de levar conhecimento de uma maneira diferente, não muito comum a outros alunos, outras escolas. Assim sendo, destaco que em todo o processo de realização das apresentações, as observações foram realizadas, sendo efetuada a coleta e registro das informações levantadas, mediante um olhar dedicado e atento, quanto à atuação e desempenho dos participantes.

A primeira apresentação ocorreu no dia 19 de setembro de 2022. Essa apresentação foi realizada primeiramente na própria escola, contexto da pesquisa, como forma de expor o que foi trabalhado durante todo esse período. Assim sendo, o público abrangido foram os alunos e os professores, bem como outros agentes da equipe escolar, à exemplo da equipe de apoio. Para tanto, essa primeira apresentação foi o dia que a escola como um todo ficou, de fato, conhecendo o trabalho que foi desenvolvido. Os alunos contemplaram um concerto didático direcionado ao aprendizado sobre um tema que faz parte da cultura da qual estão inseridos.

A segunda apresentação foi realizada no dia 26 de setembro de 2022 e teve como público uma escola da rede municipal de ensino. Nessa apresentação o coral seguiu a mesma dinâmica da apresentação anterior, ou seja, da primeira apresentação. Havia um pouco de tensão, pois se tratava de uma outra escola que não a escola contexto da pesquisa e do coral. O público e suas

impressões sobre o coral eram outro, ou seja, crianças do ensino fundamental II e professores da escola. Contudo, fizeram uma apresentação com a mesma desenvoltura do primeiro concerto didático, como o foco em expor os artistas, por meio de uma comunicação fluida e de um cantar agradável, do ponto de vista técnico-musical, com arranjos e uma execução afinada. Dessa forma, meu papel nessas duas apresentações foi mais incisivo, no que se refere as orientações e recomendações para os alunos do coral.

Seguindo o plano de trabalho, em relação as apresentações, os três últimos concertos didáticos foram realizados em outubro de 2022. Dessa forma, o terceiro concerto didático foi realizado no dia 11 de outubro em uma escola da rede estadual de ensino, para turmas de ensino médio. Nessa apresentação, o público predominante foi de adolescentes, do qual estavam na mesma faixa de idade dos participantes do coral. Assim, embora tivesse o coral atendido uma escola com um público com a mesma idade, os participantes não tiveram dificuldades em realizar o concerto didático. Estavam mais confiantes, em comparação as outras apresentações, o que facilitou os alunos em promover a apresentação. Igualmente as outras escolas, o público do coral, além dos alunos locais, também eram a equipe escolar, ou seja, equipe de professores, técnicos da secretaria e gestão. Toda a escola pareceu ter parado apenas para apreciar o coral se apresentar e fazer as abordagens pertinentes ao tema trabalhado, como que quebrando a rotina de aulas e a dinâmica corriqueira da escola para um momento musical. Os alunos, ao final da apresentação, ficaram contentes e satisfeitos com a desenvoltura do coral, como um todo, bem como com os elogios desferidos pelo público.

No dia 17 de outubro de 2022 foi realizada a quarta apresentação do coral. Essa apresentação teve como público mais uma escola da rede municipal de ensino de Juazeirinho-PB. Dessa forma, tal apresentação foi realizada em uma escola de ensino fundamental da zona sul da cidade seguindo a mesma dinâmica dos concertos anteriores. Assim, o público novamente mudou voltando para uma plateia composta de crianças e adolescentes, porém, não com a mesma faixa de idade dos integrantes do coral. Os alunos dessa escola também estavam acompanhados dos seus respectivos professores e puderam assistir à apresentação do coral.

A quinta apresentação, realizada no dia 24 de outubro de 2022, foi destinada a uma escola da zona rural. Quisemos nos apresentar em pelo menos uma escola da zona rural por julgar importante incluir no ciclo de apresentações alunos desse setor. Desse modo, essa foi uma apresentação em mais uma escola de ensino fundamental e que contou com a presença de toda a equipe escolar, semelhante a escola da terceira apresentação. O coral passou a apresentar o concerto didático, mostrando competência na performance em grupo. O grupo fez uma apresentação desenvolta e com tranquilidade. Assim, nesse concerto os participantes utilizaram

da autonomia em dar início ao concerto didático, mostrando a extroversão e a desinibição, perante a plateia.

Nessa quinta apresentação, o coral mostrou uma performance expressiva e de notável aptidão para o que estavam se dispondo a fazer. A escola aplaudiu de pé o coral e os alunos agradecendo pelos elogios, expressaram a sua gratidão pela atenção da plateia e da disponibilidade em promover um momento como esse.

Para bem entender como se deu as apresentações, no que se refere ao contato com as escolas, em todas elas houve o contato prévio para que a escola disponibilizasse uma data para que o coral se apresentasse. Nesse sentido, as gestões da escola aceitavam a proposta com entusiasmo e organizavam o espaço na escola para o coral realizar o concerto didático, do qual eram os pátios ou refeitórios. Assim, geralmente utilizávamos os equipamentos que a própria escola possuía, facilitando o nosso trabalho e deslocamento sem nos preocuparmos em conseguir equipamentos para a apresentação, à exemplo de caixas de som e microfones.

Dessa forma, acompanhando o coral, havia constantemente algum professor ou um dos gestores da escola para dar apoio logístico, em organizar o grupo, transportar os alunos para outras escolas e equipamentos, quando necessário. Assim, a presença da equipe escolar, que não eu, foi constante nessas apresentações e nos encontros, ao nos fazer visitas e/ou conversar com os alunos do coral sobre o grupo, as aulas e o andamento do trabalho do coral.

Diante de todo o exposto, é importante ressaltar que todo o processo percorrido durante a aplicação do plano de trabalho, foi de muita importância para que se construísse um ambiente propício às práticas musicais, sem que existisse obrigações ou imposições em relação aos participantes, acerca da dinâmica de trabalho empregada pela pesquisa. Com isso, se fez necessário que, durante todas as etapas, o diálogo fosse algo corriqueiro para que se estabelecesse um ambiente favorável a uma aprendizagem musical que contemplasse diferentes aspectos, seja social ou pedagógico, culminando em experiências que fossem significativas, proveitosas e ricas musicalmente.

À vista disso, nessa etapa a prioridade foi promover apresentações que desenvolvessem habilidades comunicativa, sociais, pedagógicas e musicais, proporcionando experiências que transcendiam o saber e fazer musical, tão empregados durante os encontros, bem como pôr em prática todo o aprendizado absorvido pelos alunos durante os encontros. Dessa maneira, foi seguindo esse plano de trabalho que o grupo realizou todos os encontros, proporcionando uma prática coral com o foco na atuação direta dos alunos, que se dispuseram em participar da intervenção pedagógica de forma proativa, estimulando o protagonismo e uma participação que

abrange aspectos pedagógicos direcionados ao desenvolvimento nas dimensões musicais, sociais e educacional, como um todo.

4.4.4 Registros da observação

Buscando a compreensão dos aspectos da temática, bem como da aplicação da pesquisa, através da observação participante, os registros de observação foram sendo realizados a cada encontro planejado pelo plano de trabalho. Isso foi realizado por meio de anotações sobre o que foi trabalhado no grupo, ou seja, no coral. Dessa forma, com esse intuito, o olhar das observações se voltou para os próprios alunos participantes do coral, percebendo a participação como um todo no grupo a qual estão inseridos, bem como o envolvimento para com o conjunto; o comportamento e reação diante da proposta de trabalho do coral e, conseqüentemente, da pesquisa; as motivações que os levaram a participar do coral e a busca pela construção do conhecimento por meio de uma prática musical; a sociabilidade entre os pares, comungando da mesma prática musical existente entre os participantes do coral na realização das atividades propostas pelo emprego desse trabalho com o canto coral. Assim sendo, tais anotações/registros facilitou a compreensão dos aspectos pedagógico-musicais que envolveram a pesquisa que, por meio dos relatos dos participantes, observação nos encontros e apresentações do coral, revelou ideias, questionamentos e impressões que favoreceram o entendimento dos aspectos pedagógicos que envolveu a questão da pesquisa.

4.4.5 Registros audiovisuais

Aliado ao processo de observação, outro recurso que utilizei foram os registros audiovisuais do grupo. Esses registros foram realizados em todos os encontros e apresentações do coral. Tais tipos de registros me auxiliaram na percepção do conjunto durante as práticas musicais empregadas por esse trabalho, dando suporte quanto ao levantamento de materiais pertinentes e coleta de dados do grupo. Desse modo, saliento que a ação de registrar, seja por fotografia ou por vídeo, além de mim, foram feitas pelos professores que acompanhavam o coral nas apresentações, bem como pelos próprios alunos.

Dessa forma, é importante destacar a relevância dessa categoria de registro para com a pesquisa, que nos apresentou dados de natureza empírica, no que diz respeito ao processo de fichar, de forma audiovisual, os registros, mediante esse tipo de captação de informações. Dessa maneira, segundo Davel, Fantinel e Oliveira (2019):

Os registros audiovisuais permitem documentar um contexto estudado e ser analisado repetidas vezes, promovendo múltiplas interpretações. Para além da documentação, preservação e disponibilização de registros de determinados contextos espaço-temporais, seja para pesquisadores ou não, o audiovisual pode ser utilizado como material de análise detalhada de diferentes elementos, como ritmos de interação social, materialidades e artefatos, ou mesmo formas de comunicação não verbal, a exemplo de gestos e linguagem corporal, dificilmente captadas conscientemente no fluxo da pesquisa (DAVEL; FANTINEL; OLIVEIRA, 2019. p. 583).

Assim sendo, os registros audiovisuais me auxiliaram em perceber sentidos e significados manifestados pelos alunos do coral, acerca de palavras, gestos e as relações estabelecidas entre os participantes do conjunto, como também, aferir as possíveis distinções e/ou constatações entre a fala e o comportamento dos alunos, bem como dando a possibilidade de rever diversas vezes, o quanto for necessário e em diferentes momentos o material gravado.

À vista disso, o objetivo desse procedimento foi gerar material sólido, do ponto de vista das observações, constituindo elementos empíricos oportunos e convenientes ao trabalho, podendo ser utilizados como forma de compreensão do fenômeno/problema da pesquisa. Dessa maneira, a partir dessa conjuntura de procedimentos sobre os registros, reuni informações consistentes e pertinentes à pesquisa, que contribuiu para a compreensão pedagógico-musical que envolveu este trabalho.

4.4.6 Entrevistas

Visando a coleta de dados não documentados, mas sim produzidos pelas declarações dos participantes da pesquisa, ou seja, o coral, a entrevista foi utilizada como um meio de diálogo para a obtenção de dados referentes ao desenvolvimento da pesquisa, mais especificamente quanto à aprendizagem dos alunos, significados e percepções sobre a intervenção pedagógica. Nessa direção, Silveira e Córdova (2009) afirmam que a entrevista “é uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009. p. 72). Assim sendo, buscando o diálogo com os participantes da pesquisa, como forma de levantar dados, a entrevista, que teve um caráter semiestruturado seguindo por um roteiro pré-estabelecido, ou seja, previamente elaboradas, que foram concebidas com base nos objetivos da pesquisa, de forma a realizar a coleta das diferentes respostas concedidas pelos alunos entrevistados, possibilitando assim a fazer comparação, análise e mensuração dos dados coletados, com o objetivo de compreender as nuances pedagógico-musicais da aplicação dessa pesquisa pela perspectiva dos alunos participantes do coral, entrevistados.

A entrevista, já estruturada e que cujo roteiro pode ser observado no apêndice A desse trabalho, foi aplicada aos participantes do coral, sendo selecionado oito integrantes que participaram desse momento de diálogo, uma conversa sobre o que estava sendo trabalhado por eles, extraindo informações de suas concepções, perspectivas e entendimento a respeito do que depreenderam da prática musical que foi promovida. A seleção dos alunos que participaram da entrevista, seguiu o critério de papel na participação do trabalho no coral, ou seja, os alunos que foram entrevistados eram integrantes que possuíam funções específicas no trabalho do grupo. Dessa forma, participaram desse momento de conversa, alunos que explanaram o tema trabalhado pelo coral para o público nas apresentações do concerto didático, como também alunos responsáveis por cantar as músicas do repertório, abrangendo assim as duas funções existentes no grupo. Outro critério que foi utilizado para que se pudesse participar da entrevista foi a assiduidade nos encontros do coral durante a pesquisa, ou seja, alunos que participaram dos ensaios e das apresentações, tendo assim, passado por todo o processo do trabalho empregado pela pesquisa.

Por conseguinte, não houve a identificação dos alunos entrevistados, mantendo o anonimato dos entrevistados. Essa decisão pelo anonimato dos alunos foi tomada pelo motivo de preservar a identidade dos participantes, uma vez que não possuem a maioridade civil, assegurando o sigilo sobre seus nomes, apenas informando as suas respectivas idades e utilizando o pseudônimo para indicar o entrevistado. Posto isto, à título de documentar e assegurar o procedimento de entrevista, foi providenciada as devidas autorizações dos pais ou responsáveis pelos alunos que participam do coral, sendo possível conferir o modelo de autorização que será utilizado no Apêndice B desse trabalho.

As entrevistas foi uma forma de percepção mais acentuada em relação à coleta dos dados da pesquisa, em comparação às demais formas de coletar dados. Foi nesse momento que as informações foram externadas de forma mais direta, sendo realizada pelos próprios alunos participantes do coral, através de um diálogo entre as partes, isto é, entre o integrante do coro e o professor. Assim, mediante as entrevistas, houve a aferição das percepções dos alunos, as compreensões sobre o trabalho que foi realizado, bem como o interpretar das concepções acerca da pesquisa, sendo esta de essencial importância para um entendimento macro do trabalho dessa pesquisa.

O procedimento das entrevistas foi iniciado após as apresentações, em outubro de 2022. Optei por realizar as entrevistas logo após o ciclo de apresentações, e conseqüentemente à conclusão do plano de trabalho, para captar as percepções dos alunos de forma mais proveitosa, visto que haviam acabado de passar pelo processo da intervenção pedagógica, estando todos

com a mente no que foi trabalhado no coral. Desse modo, para bem da organização e emprego desse procedimento, as entrevistas foram gravadas pelo smartphone, prezando pela captura apenas do áudio dos entrevistados.

Nesse sentido, tais entrevistas foram realizadas na própria escola, contexto da pesquisa, em sala reservada, de forma presencial e de maneira sequenciada, ou seja, aluno por aluno, mantendo um ambiente em que o entrevistado não se sentisse inseguro ou envergonhado pela presença dos demais participantes do coral, nesse momento, propiciando uma conversa/diálogo proveitoso e que proporcionasse um clima agradável para os alunos que passaram pelo procedimento de entrevista.

4.4.7 Procedimento de análise de dados

Com o foco na apreciação dos dados coletados, mediante os instrumentos de coleta expostos anteriormente, a análise das informações levantadas durante o processo de coleta, foi efetuada com o auxílio da análise indutiva, aportada pela teoria fundamentada, conforme proposto por Strauss e Corbin (2008), visto que, sobre a teoria fundamentada, os autores destacam que a teoria, nesse caso, é “derivada de dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio de processo de pesquisa” (STRAUSS e CORBIN, 2008. p. 25), expondo assim a conferência de informações, resultante do processo de aplicação do trabalho.

Isto posto, os dados obtidos por meio das entrevistas, notas de campo e observações foram tratadas e inicialmente organizados por categorias e recorrência, sendo, posteriormente, realizado o cruzamento desses dados e a interpretação das informações, constituindo assim os resultados da pesquisa, e que foram complementadas pelos registros audiovisuais. Nessa direção, Straus e Cobin (2008) afirmam ainda que a “[...] coleta de dados, análise e eventual teoria mantém uma relação próxima entre si” (STRAUSS e CORBIN, 2008. p. 25). Desse modo, a análise dos dados me possibilitou o discernimento sobre a questão da pesquisa, revelando resultados da aplicação da prática musical adotada para essa pesquisa, que foram apurados através da apreciação dos resultados coletados, por meio dos instrumentos de coleta, anteriormente expostos.

Nesse sentido, ao olhar para as informações coletadas nas entrevistas, realizei a análise desses dados a partir das transcrições, que foram realizadas logo após a finalização das entrevistas. Essas transcrições foram realizadas de forma cuidadosa e editada, efetuando os ajustes quanto aos vícios de linguagem e gírias, por exemplo, visto que, segundo Duarte (2004) as “entrevistas podem e devem ser editadas. Exceto quando se pretende fazer análise de

discurso, frases excessivamente coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas, vícios de linguagem, cacofonias, erros gramaticais etc. devem ser corrigidos na transcrição editada” (DUARTE, 2004. p. 221). Dessa forma, é importante ressaltar que a transcrição de entrevistas foi um procedimento relevante, dado que foi nesse momento que ocorreu a preparação e elaboração das informações e perspectivas dos entrevistados, e que foram analisadas, assim como pude absorver todas as falas dos alunos entrevistados, internalizando as suas concepções, percepções e impressões sobre essa intervenção pedagógica.

Dessa maneira, após o contato com os alunos que participaram das entrevistas, efetuado por esse ato e coletando os dados que foram fornecidos durante a conversa/diálogo, por meio do roteiro de entrevista organizado para esse fim, bem como as transcrições dessas entrevistas, a análise dessas informações foram realizadas por meio da interpretação dos dados. Tais interpretações tiveram como objetivo a formulação das explicações dos alunos entrevistados, de forma que puderam externar as perspectivas dos alunos integrantes do coral, quanto a sua participação e envolvimento no trabalho proposto. Por conseguinte, a interpretação e mensuração dos dados coletados, foram também realizadas por categorização e recorrência, fragmentando o todo e reorganizando a partir do depoimento dos alunos, agrupando com base nos objetivos da pesquisa. Em vista disso, concluída a etapa de transcrição das entrevistas, as interpretações foram, também, realizadas com o complemento das notas de campo e dos registros audiovisuais, à luz dos objetivos da pesquisa, auxiliando na compreensão da questão da pesquisa.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Apresento neste capítulo os resultados da pesquisa que teve como objetivo compreender e analisar como os alunos que atuam no coral aprendem música a partir do concerto didático, mediante a análise dos dados coletados a partir das entrevistas, observações, anotações e registros audiovisuais. Desse modo, buscando uma melhor compreensão e organização do trabalho que foi realizado com o grupo, essa análise irá ser apresentada por meio de três principais partes, a saber a aproximação com o coral, a aprendizagem musical e os significados da prática no coral para os participantes.

Nesse sentido, prezando pela organização e a compreensão da análise dos dados obtidos na pesquisa, a primeira parte da análise tem como enfoque a compreensão de como se deu a aproximação dos alunos com o coral da escola, buscando o entendimento das circunstâncias que fizeram os alunos participarem do coral. Em seguida, explano sobre a aprendizagem musical obtida pelos alunos, através do coral, elucidando o processo de aprendizagem por meio das experiências e atividades musicais desenvolvidas no decorrer da pesquisa. Na sequência, sendo o último ponto a ser abordado, será apresentado o significado do coral para os participantes, trazendo explicações sobre a relevância o sentido que o coral teve para os alunos com base em sua atividade, enquanto pessoa pertencente a um grupo musical, que trabalhou coletivamente.

5.1 “JÁ ERA UM GRANDE AMANTE DE MÚSICA”: A APROXIMAÇÃO COM O CORAL

Para bem entender a intensão dos alunos em participar do coral da escola, o Coral Vozes da ECIT, é importante compreender como se deu a aproximação dos participantes com o canto coral, sendo pertinente identificar as relações estabelecidas entre os participantes e o trabalho desenvolvido no coral, enquanto espaço de expressão musical do aluno e que antecede o estar no grupo. Dessa forma, os interesses por se aproximarem do coral se apresentaram de forma variada e influenciaram diretamente no processo de trabalho musical da pesquisa, de forma a revelar como cada participante aprendeu nesse processo.

À vista disso, observando as declarações dos participantes da pesquisa, percebe-se variadas intensões em participar do coral. Essas intenções são diversas e perpassam dimensões sociais e emocionais, o que mostra que cada aluno possui uma aplicação diferente e que se junta ao seu propósito ou objetivo acadêmico, o beneficiando com experiências e compartilhamento de saberes adquiridos no coral ou anteriores ao grupo.

Nesse sentido, foi possível perceber nas falas dos entrevistados uma busca por diferentes habilidades, seja musical ou em outras áreas. Dessa forma, a opção por participar do coral foi estabelecida por meio de estímulos, à exemplo do estímulo familiar, emocional, pedagógico e de aprendizagem musical, não necessariamente nessa ordem.

A influência familiar foi um dado que apareceu com recorrência nas falas, e teve significativa relevância na decisão de participar ou na inspiração aos alunos para se conectarem com o coral. Dessa maneira, essa conexão foi construída através da tendência em estar aberto para a música, bem como pela intervenção familiar, no que diz respeito ao que era vivenciado pelos alunos, em relação ao ambiente afetivo e que serviu de incentivo para decidirem pelo coral. Isso pode ser evidenciado na fala de Bárbara¹⁴, que afirmou que *“minha mãe sempre cantou e a minha prima também. E elas sempre me incentivaram bastante. Eu não sou boa como elas, mas eu gosto. Me sinto bem¹⁵”* (BÁRBARA, 2022). Nessa mesma direção de influência familiar quanto a aproximação com o coral, Helena afirma que se interessou pelo grupo porque gosta de música e, segundo Helena *“a minha família já tem um histórico que está ligada da música. Minha tia canta junto com meu tio”* (HELENA, 2022). Assim sendo, como é possível perceber, as participantes, previamente ao ingresso no grupo, traziam experiências com o canto coral ou com música, de um modo geral.

De encontro a essa perspectiva, experiências com a música já faziam parte do contexto de alguns participantes, por meio de leitura sobre esse campo da arte e/ou por apreciação musical, mesmo que de forma não tão profunda, no tocante aos vários aspectos que a música pode apresentar. É o que declara Francisco ao afirmar que *“já era um grande amante de música, mesmo antes de entrar no coral”* (FRANCISCO, 2022). Dessa maneira, o participante acrescenta ainda que, antes de seu ingresso no coral, possuía certa compreensão sobre a música. Isso é evidente ao afirmar que:

[...] entrando nesse coral eu já tinha uma visão sobre a música, mas ainda era muito pequeno meu conhecimento antes de entrar no coral, para quando eu fui entrar eu realmente ver o que é a música em si, abrir meus olhos e poder entender sobre música. E é o que a música é para mim (FRANCISCO, 2022).

À vista disso, tais experiências musicais, seja de forma natural ou autodidata, no caso de Francisco, ou mesmo que de forma mais parcial, apenas estando em um ambiente familiar

¹⁴Serão usados nomes fictícios para os alunos entrevistados, mantendo o anonimato conforme expresso no termo, de acordo com o modelo na página 163.

¹⁵Na exposição da análise desse trabalho, as falas são apresentadas de acordo com o que foi exposto pelos entrevistados. No entanto, houve a necessidade de efetuar pequenas correções gramaticais, para melhor compreensão textual.

onde a música era presente, mediante seus parentes, no que tange a relação de Helena com a música, ou, até mesmo, de forma mais direta, como é o caso de Bárbara que afirmou fazer parte do coral *“desde o segundo semestre deste ano (2022)”* (BÁRBARA, 2022), complementando sua declaração relatando que *“(...) também em 2019 participei durante um semestre”* (BÁRBARA, 2022), foram importantes para que os participantes desejassem passar pela experiência do canto coral. Dessa forma, olhando para essas perspectivas, a intervenção familiar e por conhecimentos prévios sobre música, mesmo que de forma indireta, foi um ponto de bastante relevância para esses participantes optarem por se envolverem no coral, estabelecendo vínculos e se conectando ao processo de trabalho que foi desenvolvido no grupo.

A aproximação dos alunos com o coral se enveredou ainda pelo campo emocional, onde os anseios em participar do conjunto foram instigados pela percepção de um ambiente que os beneficiava emocionalmente, a partir de relações que efetivavam e confirmavam a sua estadia no grupo. Isso se evidenciou na declaração de Andreia, ao afirmar que *“(...) é no coral que eu estou no meu local de conforto”* (ANDREIA, 2022). A aluna Gisele, nessa mesma perspectiva, relatou também que a sua aproximação com o coral se deu pela *“alegria. A animação. As pessoas que são sempre ativas, que são sempre alegres. Porque o coral é uma coisa mais animada, mesmo tendo uma certa responsabilidade”* (GISELE, 2022). Desse modo, nas falas das participantes da pesquisa, o coral foi percebido como um espaço receptivo e acolhedor, propício ao aprendizado e que integrou os alunos em um ambiente tranquilo, descontraído, proativo e dinâmico, assim favorecendo o desenvolvimento das atividades, a partir de um ensino que parece ter cativado os alunos a participarem do coral.

Levando, ainda, em consideração a diversidade de intensões em participar do coral da escola, a aproximação dos alunos com o grupo refletiu diretamente no modo como enxerguei as atividades realizadas pelos participantes, mais especificamente como se relacionaram com a proposta do concerto didático. Contudo, nas falas dos alunos entrevistados, a identificação com o coral veio acompanhada de intenções que transversalizaram o elemento sonoro-musical, mas que faziam parte do trabalho que iria ser desenvolvido, à exemplo da expressão, como conhecimentos a serem adquiridos no trabalho com o conjunto, uma vez que sabiam que esse conteúdo iria ser visto por eles e que foi trabalhado para que os alunos pudessem fazer a exposição dos conteúdos nas apresentações do coral, através de concertos didáticos. Dessa forma, além de buscar fazer parte do grupo em evidência, ou seja, o coral da escola, os alunos viram no processo de trabalho do coral a oportunidade de desenvolver a sua comunicação, dispondo da possibilidade de se capacitarem e de aplicarem essa ferramenta em outras áreas de suas vidas. Em vista disso, Francisco afirma que entrou no coral:

[...] exatamente pela ideia de englobar o tema de comunicação. Eu realmente necessito muito disso, porque, em alguns planos futuros, irei precisar saber me socializar e querer passar para o pessoal o que eu entendo e fazer com que eles tenham a visão da mesma coisa, parecida com a minha (FRANCISCO, 2022).

Na mesma direção, Camila entrou no coral afirmando gostar de arte e “(...) *dessa parte da arte que tem a comunicação. Uma boa conversa pode fazer interagir com as pessoas*” (CAMILA, 2022). A participante complementa sua declaração ao afirmar que ao participar do coral “(...) *como a gente aprende na parte da comunicação, que eu gosto bastante, que eu tenho que trabalhar mais*” (CAMILA, 2022). Também nesse sentido, a aluna Gisele declarou que “*eu sempre achei bonito aquele tipo de pessoa que apresenta em lugares, assim, fala bem bonito. Eu sempre fui muito observadora quanto ao meu pai, que fala muito bem e minha irmã mais velha também. Aí fui pegando inspiração*” (GISELE, 2022). Assim sendo, alguns participantes demonstraram que condicionaram e se identificaram com o coral, também, a partir de temas que seriam trabalhados de forma paralela nas atividades do conjunto, mas que foram inerentes a proposta do grupo, bem como importantes para que o trabalho pudesse tomar forma e ser realizado da melhor forma possível, dispondo então de conhecimentos diversos, à exemplo da comunicação, como forma de desenvolver habilidades que poderiam ser utilizadas nos diferentes ambientes em que os alunos estivessem.

Outro aspecto constatado como ponto de interesse e aproximação com o coral, por parte dos alunos, foi o de conhecer mais sobre música, especialmente sobre a música paraibana, sobretudo os artistas trabalhados no coral. Assim sendo, o trabalho de intervenção realizado com o grupo, buscou em sua proposta contemplar cantores que fazem parte da cultura musical paraibana, o que despertou o interesse, sendo também um ponto de influência para os estudantes que desejavam se aprofundar no tema e conhecer mais sobre a cultura da qual está inserido. Isso pode ser evidenciado na fala de Camila, quando ela afirma gostar de música porque, segundo ela, “*saber a cultura da gente é bom. Reconhecer artistas que são da Paraíba é bom. Um pouco da nossa origem. E todas essas músicas que estão na nossa vida, mas que a gente de certa forma acaba negligenciando e não sabe que é daqui*” (CAMILA, 2022). Nesse mesmo sentido, embora que com um teor mais geral, a aluna Débora declarou que quis participar do coral por gostar de música. Segundo ela, a ideia era “*aprender um pouco mais sobre [música]*” (DÉBORA, 2022). Dessa forma, com base nesses interesses e, conseqüentemente, a aproximação com o coral, as inclinações dos alunos resultam em uma heterogênea preferência, que divergem quanto a sua relevância para os alunos, mas que há significado conforme as suas conveniências, enquanto estudantes ativos no ambiente escolar.

Dessa forma, como acima evidenciado, as falas dos alunos em relação ao interesse por participar do coral se mostra diversificado, quanto às suas aspirações, ao mesmo tempo que as conexões, entre as declarações, se tornam evidentes. Desse modo, além de os alunos terem demonstrado apreço pela música, bem como pelo canto, vindo no grupo, ou seja, no coral, um campo aberto para desenvolver habilidades, não apenas musicais, à exemplo do cantar, como também conhecer mais sobre a cultura musical do contexto em que vivem, a música da sua região, isso foi perceptível nas falas de Camila, Bárbara e Débora, em que ambas se mostram abertas para se aprofundarem musicalmente e conhecer/aprender sobre a música.

Contudo, outros aspectos, no que tange a aproximação dos alunos com o coral, como também o interesse em participar do conjunto, contribuíram de forma direta para que os alunos decidissem pelo grupo. Assim, o fator familiar e emocional esteve evidente nas declarações, fazendo com que os alunos enxergassem o coral como um ambiente leve em suas atividades, porém com propósito de proporcionar conhecimento acerca da cultura musical que os rodeiam. Dessa forma, a inserção em um espaço adequado tem um papel fundamental para que se sinta à vontade e disposto para o desenvolvimento da aprendizagem, o que é evidenciado por Cochito (2004), ao afirmar que:

[...] é indispensável criar, desde o início o clima adequado à cooperação e, em níveis de ensino mais avançados, contrariar os 'vícios' adquiridos na sala de aula tradicional. É necessário criar a 'vontade' de colaborar, com o colega e com o professor, consolidar formas de participação na resolução conjunta de problemas, sejam da sala de aula, do recreio, da escola, de forma que todos sintam as vantagens em comportarem-se como tal (COCHITO, 2004. p. 36).

Em vista disso, percebi também que o relacionamento dinâmico entre a música e os conhecimentos diversos que transversalizam à proposta, foi um ponto levado em consideração pelos alunos, uma vez que a contextualização, montagem e consolidação do saber, foi viabilizada pela natureza coletiva e cooperativa do trabalho realizado na escola.

5.2 APRENDIZAGEM MUSICAL

Diante de todas as intenções e influências sofridas pelos alunos que participaram do coral e, conseqüentemente, da ação de intervenção proposta para a pesquisa, perceber a aprendizagem dos alunos foi essencial para que eu pudesse verificar mais claramente os efeitos do processo da intervenção pedagógica e chegar aos resultados da pesquisa. Contudo, mesmo com pretensões e formas variadas de se aproximarem do coral e, evidentemente, ingressarem no grupo, os participantes se mostraram abertos ao trabalho realizado, assim como zelosos e

dedicados para com os conteúdos abordados durante às atividades do conjunto e que foram importantes para que todo o trabalho do grupo tivesse eficácia no seu propósito.

Isto posto, o olhar lançado no que tange a aprendizagem dos participantes ocorreu de forma direcionada, a partir de uma proposta de intervenção que conduziu a pesquisa e o interesse em compreender como os alunos aprendem música a partir de sua atuação no concerto didático. Dessa forma, o plano contemplou dimensões práticas e pedagógica inerentes à minha prática como professor, considerando assim a música paraibana e os artistas apreciados, atividades musicais de cunho pedagógico e atividades relacionadas ao canto coral e, ao mesmo tempo, sensíveis aos temas trabalhados em paralelo, no tocante à conhecimentos diversos, à exemplo da comunicação como habilidade desenvolvida no decorrer da pesquisa. Dessa forma, se referenciando ao concerto didático, esse se mostrou um canal que concentrou e conduziu a aprendizagem, unindo tudo o que foi absorvido pelos alunos, bem como funcionando como uma ferramenta de exposição dessa aprendizagem, por meio das apresentações realizadas pelo coral. Em síntese, toda a aprendizagem dos alunos foi desenvolvida, personificada, ou expressada, mediante o processo de execução do concerto didático, onde os participantes puderam aplicar o que foi compreendido, cada um à sua maneira e com um objetivo em comum: ensinar o conhecimento adquirido.

À vista disso, a abordagem sobre a aprendizagem dos alunos, ao participar do coral, caminhará por pontos que se apresentaram fundamentais para a compreensão desse processo. Dessa forma, todo esse processo observado, no que tange a pesquisa, faz parte de uma estrutura cooperativa que é apresentada por Johnson, D. W; Johnson, r. T; Holubec, E. (1999), do qual destacam elementos para o êxito do trabalho cooperativo, ao afirmarem que: “o objetivo dos grupos de aprendizagem cooperativa é fortalecer cada membro individualmente, ou seja, os alunos aprendem juntos para que possam ter um melhor desempenho como indivíduos” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999. p. 09). E foi na direção de um trabalho coletivo, no qual os alunos foram aprendendo juntos que percebi que o trabalho desenvolvido coletivamente poderia refletir diretamente nas potencialidades individuais, como apontado por Johnson, Johnson e Holubec (1999), ao salientar que a aprendizagem cooperativa “[...] tona o aluno mais forte [...]. Os alunos aprendem juntos como ter um desempenho ainda melhor individualmente” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 36). Isso se expande de forma a contemplar habilidades, procedimentos e conhecimentos dentro de um grupo, possibilitados de aplicar o que foi compreendido, constatando a sua competência nesse processo coletivo.

Desse modo, ao perceber os dados levantados pela pesquisa, no que diz respeito ao que foi aferido pelos alunos, as declarações dos participantes perpassam pela compreensão da

cultura musical que os rodeiam, ou que estão inseridos, acerca dos temas tratados sobre a música e os artistas paraibanos, bem como os conteúdos musicais específicos do canto coral; pelo fator emocional, no que se refere a um ambiente favorável ao aprender, fazer e conhecer musical; pelo relacionamento e cooperação estabelecida nas atividades do grupo, à respeito da interação entre os participantes como forma de promover um trabalho cooperativo e de contribuições individuais no processo pedagógico; pela percepção do trabalho musical por parte dos alunos; pela obtenção de novas habilidades e pelo concerto didático como canal da aprendizagem musical. Isso será apresentado no decorrer da análise, de forma a expor os aspectos que fizeram parte dessa pesquisa e, respectivamente, do que foi refletido pelos alunos, no que se refere ao âmbito pedagógico-musical, processo coletivo e aprendizagem.

5.2.1 “Saber a Cultura da gente é bom”

Ao ingressarem no coral, a proposta do trabalho, ou seja, da pesquisa, já estava apresentada e fixada nos alunos: aprender sobre a música paraibana e conhecer de forma mais aprofundada artistas que seriam abordados no decorrer das atividades do coral. Dessa forma, ao passo que os alunos estavam conhecendo sobre a cultura musical, mesmo que de forma direcionada, em relação à música paraibana e os artistas específicos trabalhados pelo coral, os participantes se mostraram surpresos e concentrados em conhecer sobre o assunto que estava sendo trabalhado. Na declaração de Camila, isso fica evidente ao falar que *“(...) o que eu mais aprendi ali, foi como a cultura estava tão perto de mim sem eu saber, a cultura da minha terra”* (CAMILA, 2022), e complementa sua afirmação afirmando que *“a música estava tão presente, tão perto de mim, sem eu saber”* (CAMILA, 2022). Dessa maneira, a participante se mostrou surpresa por não ter conhecimento da cultura na qual está inserida, mas que agora passou a conhecer mais sobre esses conhecimentos.

Nesse sentido, à vista de olhar mais amplo, lançado pela participante, ao expor sua surpresa por não ter conhecimento, ou conhecimento superficial, sobre a música paraibana e os artistas que estavam a estudar, o que é compreensível, pois estavam ali exatamente para isso e sem a obrigatoriedade de dispor de conhecimento prévio sobre o tema. A aluna relatou ainda ter aprendido e conhecido no coral as músicas interpretadas pelos artistas. Camila declarou que *“conhecia muitas músicas [paraibanas], mas não sabia que era de cantores daqui [da Paraíba]”* (CAMILA, 2022). Assim sendo, a participante em específico foi desenvolvendo seu aprendizado a partir da inserção nos conhecimentos abordados pelo trabalho no coral e, conseqüentemente, na intervenção pedagógica realizada com o coral.

Dessa forma, conhecer a cultura da qual se faz parte, em específico a música, fez com que os participantes pudessem adentrar nesse universo, estabelecendo também comparações entre o que já se tinha de conhecimento sobre o tema e o que estava a aprender. Assim, no decorrer dos encontros, mediante as atividades de exposição e explanação do que foi pesquisado e compreendido, os participantes foram descobrindo especificidades sobre os artistas das quais ainda não sabiam. As atividades eram voltadas para a prática da pesquisa e aprofundamento sobre os artistas e que fazia parte do processo de construção do concerto didático. Contudo, embora soubessem quem eram os artistas, por já ter ouvido, havia particularidades que não era do conhecimento dos participantes. O aluno Elias evidencia isso ao informar que já conhecia o cantor Hebert Viana, porém “*com o coral, descobri que ele era daqui [Paraíba]. Eu já admirava o trabalho dele, que era muito interessante*” (ELIAS, 2022). Logo, a fala do participante sinaliza que o conhecimento e experiência prévia com o artista citado, foi assimilado através do processo de correlação entre o que conhecia e o complemento desse assunto, entendido pelo aluno.

Os encontros do coral eram realizados semanalmente de forma dinâmica e, habitualmente, trazendo os alunos para o foco das aulas. Dessa forma, estimei a proatividade e vi nela uma ferramenta para o desenvolvimento no coral. Assim, os participantes estavam a todo momento em movimento, seja reflexivo sobre o que estava sendo concebido por eles mesmos ou fisicamente ao participarem das atividades mais específicas, no que se refere ao canto coral. Os alunos ao estarem construindo as apresentações, travavam um sucessivo e progressivo empenho em todas as atividades, estando disponíveis e abertos ao que lhes eram atribuídos como assunto e tarefas. Sobre essa percepção, relato no diário de campo:

Nas atividades de hoje, como nas demais, os alunos, reunidos em grupos, iniciaram a exposição do que haviam pesquisado sob minha orientação. Essa tarefa foi muito proveitosa e fez com que os alunos externassem o que haviam compreendido, ao mesmo tempo que sanavam dúvidas uns dos outros sobre o assunto, que foi a vida e obra de Hebert Viana. Alguns ficaram surpresos em saber que o artista era natural da Paraíba e isso rendeu alguns questionamentos por parte dos alunos, à exemplo de o porquê que o artista não cantava músicas nordestinas ou a sua obra não era de algum gênero musical típico do Nordeste. Eles perceberam isso ao ouvirem, em momentos de apreciação musical, algumas músicas do artista. Os alunos estavam sempre ativos e entusiasmados, ajudando uns aos outros nessa aula, participando diretamente das atividades de hoje. Foram eles que fizeram a aula de hoje, literalmente (NOTA DE CAMPO, 16/05/2022).

Dessa forma, os encontros demandaram dos alunos um comportamento que foi além do que estavam habituados em sala de aula, no dia a dia escolar. Geralmente, recebem orientação, entendem o que está sendo passado e são avaliados conforme o grau de compreensão de determinado assunto. Assim, uma vez inseridos em um espaço que o entendimento do assunto

dependia de sua proatividade, os alunos passaram a agir com mais empenho, cientes de que as apresentações seriam em breve e que deveriam montar todo o concerto didático, não deixando nenhum membro para trás, no que tange a compreensão dos assuntos abordados nos encontros. Todavia, as tarefas em sala de aula, iam, gradualmente, sendo envolvidas por conexão entre o grupo e percebi então, que as atividades dependiam cada vez mais da qualidade com que os participantes interagiam. Cochito (2004) destaca sobre a qualidade interativa entre os alunos, afirmando que:

A qualidade das interações depende em grande medida do repertório de respostas e estratégias que permitem a cada indivíduo obter resultados positivos na sua relação com os outros, pelo que as competências sociais podem ser consideradas ‘competências de vida’ e constituem um meio de o indivíduo se poder adaptar à mudança. É por este motivo, sublinha-se, que elas não podem deixar de ser objecto de atenção e têm de ser ‘ensinadas’, não como um conteúdo que se transmite, mas através da experimentação e vivência de situações reais e simuladas (COCHITO, 2004. p. 34).

Nesse sentido, a autora aborda sobre como as interações se destacam como um ponto que formaliza conexões entre os alunos. Assim sendo, no coral, as atividades foram trabalhadas também com o intuito de fazer os alunos entenderem que todos os membros eram importantes para o bom funcionamento do grupo e, evidentemente, para que as apresentações ocorressem da melhor forma possível. Essas relações entre os alunos foram se tornando uma constante nas aulas, ao passo que, em todos os membros do coral, foi construído afinidades sólidas.

Além de pesquisas sobre os artistas, nos encontros, outra atividade bastante proveitosa foram os momentos de apreciação musical dos artistas. Essas atividades foram essenciais para que houvesse um maior contato entre os alunos e os artistas escolhidos para serem abordados no concerto didático, bem como aprofundar o conhecimento que já possuíam sobre esses artistas e, respectivamente, com a música paraibana. Foram nesses momentos de fruição que os participantes puderam conhecer mais sobre o estilo dos artistas, sobretudo as peculiaridades que cada artista trazia, em relação ao cantar, os temas que mais eram abordados por eles e as especificidades musicais dos gêneros musicais.

Assim, podemos constatar essa aproximação com artistas paraibanos e os respectivos gêneros musicais através da aluna Débora, que expos sobre que a sua relação com a música paraibana era superficial, em se tratando de conhecer sobre as canções e os seus intérpretes. A participante Débora narra está “(...) *aprendendo muito sobre os artistas*” (DÉBORA, 2022). Dessa forma, em consonância com o aluno Elias, Débora complementa sua afirmação reiterando que “*até que eu não conhecia alguns deles, conheci agora depois que entrei no coral, sobre eles*” (DÉBORA, 2022). Desse modo, a participante, embora possuísse um prévio

conhecimento sobre os artistas, ainda que não aprofundado, evidenciam ter adquirido conhecimento e um estreitamento de sua relação com os artistas, a partir do que foi trabalhado com a prática coral e a construção do concerto didático, desenvolvendo a sua aprendizagem mediante o correlacionamento do que se tinha de compreensão sobre o tema e o que foi ofertado junto ao trabalho com o coral.

Nessa perspectiva, embora de forma mais geral, em relação ao conhecer mais sobre os artistas que foram pautados no trabalho do coral, alguns participantes não sabiam sobre esses artistas, havendo então um ganho em consciência e informação acerca do assunto abordado no coral. Com as atividades de apreciação musical, que reitero, foram importantes para o processo do trabalho do coral, outros participantes obtiveram uma ampliação do seu repertório intelectual sobre os artistas da Paraíba, aludidos na proposta do coral, os ajudando para que pudessem ter uma escuta mais consciente, tanto em aspectos musicais específicos, como de uma forma mais geral, em relação aos artistas.

Dessa maneira, a participante Bárbara expôs em sua afirmação que aprendeu sobre a cultura musical paraibana e “*sobre a história de Genival Lacerda*” (BÁRBARA, 2022). No mesmo sentido, Helena revelou que ter aprendido muito sobre estilos musicais predominantes da Paraíba, evidenciando também que conheceu “*mais cantores que são daqui que eu não sabia que eram daqui*” (HELENA, 2022). Dessa forma, as declarações dos participantes sinalizam um aprendizado que foi sendo desenvolvido no decorrer da prática coral, e o repertório trabalhado parece ter sido essencial para a expansão da gama de conhecimento dos alunos, contemplando elementos envolvidos no repertório, a saber os intérpretes, compositores, performance, sonoridades, instrumentos, interpretação, técnica vocal, a afinação, poesia das letras, entre outros elementos que são previstos nesse processo de aprendizado.

As falas das alunas, acima destacadas, demonstram também que, aparentemente, antes de ingressarem no coral, esse tipo de música não fazia parte do seu cotidiano. Contudo, o que se observa, é que a proposta de intervenção buscou trabalhar esse tema de uma forma mais protagonista, intuitiva e dinâmica, em relação a didática utilizada. Essa didática foi estabelecida mediante a necessidade de se fazer abordagens de assuntos musicais que evitasse a monotonia do ensino bancário e tampouco apenas expor assuntos, como evidenciado na fala de Gisele ao declarar que as aulas “[...] são bem legais, bem divertidas e bem atrativas [...]” (GISELE, 2022). No entanto, percebi que a prévia estruturação e a metodologia utilizada nas aulas fizeram como que os alunos tivessem interesse em, de fato, participarem de forma direta e constante nos encontros. Dessa forma, sobre essa atenção e zelo com a aula, Johnson e Johnson (2014) afirmam que “uma das obrigações de ser professor, por exemplo, é estruturar uma situação de

aprendizagem, enquanto um dos direitos de ser aluno é ter situações de aprendizagem estruturadas pelo professor” (JOHNSON e JOHNSON, 2014. p. 15).

Por conseguinte, outro aspecto observado na análise dos dados obtidos na pesquisa, foi à amplificação das preferências musicais, considerando os participantes serem adolescentes e, naturalmente, mais inclinados à gêneros musicais eletrônicos, à exemplo do *funk*, música *pop*, *rap*, entre outros. Contudo, observando o processo da pesquisa e, conseqüentemente, o trabalho promovido pelo coral, os alunos foram receptivos ao conteúdo abordado, descobrindo, de forma contextualizada, novas canções, gêneros e estilos musicais que não faziam parte da sua apreciação.

A aluna Gisele revela de forma clara que “(...) *não era de escutar música brasileira [...] Porém, agora eu estou conhecendo mais da cultura e das músicas, cantores*” (GISELE, 2022). A aluna Helena, na mesma direção, também relatou não ter afinidade com o gênero musical explanado no coral. Prosseguindo, a participante declarou ter conhecido “*novos tipos de música*”, ressaltando confessar que [...] *não escutava esse tipo de música. Mas passei a gostar desse tipo de música*” (HELENA, 2022). Dessa maneira, as participantes revelaram em suas narrações a abertura e o interesse em experimentar, de forma contextualizada, a música da cultura cuja faz parte. Assim sendo, a aprendizagem, considerando as variadas intensões dos participantes, percorreu por um processo que desencadeou experiências musicais que culminaram na expansão dos horizontes sonoros das alunas.

As declarações parecem demonstrar que, as alunas esperavam ser apresentadas outros tipos de música ou que lhes faltava a oportunidade de uma compreensão mais aprofundada sobre os gêneros musicais tratados no trabalho do coral. Talvez por não ter uma compreensão mais ampla e, conseqüentemente, uma escuta consciente sobre essas músicas e artistas abordados no coral, as alunas eram indiferentes a essas músicas, mesmo sendo do seu contexto cultural. Isso pôde ser vivenciado a partir do trabalho coletivizado, onde juntos puderam compreender, mediante uma aprendizagem baseada no trabalho em grupo, onde todas as experiências, percepção e construção do conhecimento foi realizada de forma compartilhada.

Contudo, ao observar esse aspecto de ampliação das preferências musicais das participantes, isso pode ser considerado como uma conquista, resultado de um esforço individual e que beneficiou todo o grupo, no sentido da construção do concerto didático, como forma de consolidação e demonstração do conhecimento adquirido, como bem aponta Johnson, Johnson e Holubec (1999) ao afirmar que “[...]em situações cooperativas, os indivíduos buscam obter resultados que sejam benéficos para si mesmos e para todos os outros membros do grupo” (JOHNSON, JOHNSON e HOLUBEC, 1999, p. 05). Dessa forma, o trabalho coletivo, onde

cada participante foi importante na construção do concerto didático, possibilitou conquistas individuais que favoreceu todo o grupo: se por um lado os participantes ampliavam seus conhecimentos, todo o coral foi enriquecido pelo compartilhamento dessa ampliação.

Dessa forma, isso também é apontado pelos irmãos Johnson e Holubec (1999) como sendo uma recompensa pelo trabalho realizado pelos participantes, bem como a realização do concerto didático, sendo o ponto culminante do processo de aprendizagem. Assim, os irmãos Johnson e Smith (1998) afirmam que “os alunos trabalharão com mais afinco naquelas tarefas pelas quais asseguraram algum tipo de recompensa” (JOHNSON; JOHNSON; SMITH, 1998. p. 94). Desse modo, a ampliação dos horizontes sonoros dos participantes se mostra como a recompensa oriunda de um trabalho de protagonismo e proatividade por parte dos alunos, não se exaurindo na consolidação e execução do concerto didático, mas que transcendeu esse processo, trazendo como resultado informações mais refinadas e mentalmente aprofundadas, construídas mediante o processo intervencionista pelo qual os participantes percorreram.

Tendo em vista todo o processo de intervenção pedagógica e, considerando os resultados percebidos na pesquisa, a assimilação dos conteúdos que foram compartilhados com os participantes se deu mediante um trabalho didático que foi responsável pela aprendizagem dos alunos. Esse trabalho didático ocorreu com atividades de exposição dos artistas que integraram o repertório do coral nos encontros do grupo. Assim, como forma de apresentar os artistas que seriam trabalhados, segui com exposições de cunho superficial, trazendo apenas informações básicas sobre os artistas e incumbido os alunos de se aprofundarem sobre o que estava sendo apresentado a eles, uma vez que seria uma tarefa dos próprios alunos, ir em busca de compreender sobre esses artistas. A intenção desse processo didático foi de os deixar conscientes sobre os artistas, sobre as músicas e sobre a cultura musical que estão inseridos,

Dessa forma, esse processo parece ter sido recíproco às expectativas dos participantes, à medida em que, progressivamente, foram sendo conduzidos pelas atividades implementadas no coral. Dessa forma, as declarações dos alunos, no que tange a aprendizagem sobre a música paraibana e os artistas que fizeram parte do repertório, apontam para um satisfatório nível de conhecimento acerca do assunto trabalhado. Nesse sentido, é possível perceber nas declarações que o trabalho pedagógico obteve êxito, no que diz respeito à aprendizagem dos participantes.

As declarações dos alunos, de uma forma geral, ao serem apresentados as músicas e os artistas da Paraíba, parecem sinalizar uma redescoberta da cultura que estão inseridos, trazendo um olhar mais consciente e reflexivo sobre o que estavam a ouvir. Essa redescoberta foi no sentido de que, esse tipo de música tão comum nessa região e que, mesmo que em algum momento os alunos tivessem ouvido alguma dessas músicas ou algum artista da proposta do

coral, não havia tido ainda um olhar atento, contemplado por um trabalho conduzido pela proatividade dos alunos em se aprofundarem, buscando a compreensão sobre o que estava sendo trabalhado. Isso pode ser constatado na fala de Camila, ao afirmar que *“reconhecer artistas que são da Paraíba é bom. Um pouco da nossa origem. E todas essas músicas que estão na nossa vida, mas que a gente de certa forma acaba negligenciando e não sabe que é daqui”* (CAMILA, 2022). Dessa maneira, os alunos também parecem perceber o que estão aprendendo no coral, que estão cientes do que estavam a trabalhar.

Dessa forma, à medida que estavam imersos nas atividades do coral, a construção e aprofundamento sobre os assuntos abordados nos encontros estavam sendo realizado. A cada encontro os alunos eram apresentados a novos assuntos e com isso a percepção sobre o trabalho que estavam realizando estava ficando mais evidente, sobretudo em relação a conhecer sobre a cultura da qual estão inseridos, redescobrimo músicas, artistas e tornando consciente o que não os fazia sentido. Em nota de campo, pude observando os alunos e perceber sobre esse sentido:

Quando eu estava expondo os artistas para os alunos e mostrando algumas músicas deles, sem necessariamente ser as músicas do repertório, vi que alguns alunos estavam muito, digamos, nostálgicos. Eram músicas que haviam escutado, de forma direta ou indireta em suas residências, principalmente em programas de rádios cedo do dia, pois, segundo comentários entre eles nos encontros, o pai, a mãe ou os avós gostavam de ouvir essas músicas pela manhã. Fiquei ouvindo esses comentários e observando o deslumbre dos alunos em descobrir que essas músicas e artistas faziam parte do ambiente familiar, que ouviam essas músicas, mas que não compreendiam a importância cultural que elas tinham (NOTA DE CAMPO, 30/05/2022).

Dessa forma, toda essa atividade de exposição foi sendo trabalhada em grupo, o que os deixava à vontade para dialogar, trocar experiências e falar sobre os assuntos, como forma de fortalecimento da compreensão sobre o que, de alguma forma, eles já tinham noção, à exemplo das músicas e artistas que lhe foram apresentados. Assim sendo, a troca de experiência, os relatos sobre como ouviam essas músicas, os artistas e a exposição de suas percepções acerca dos conteúdos, estavam dentro do processo de ensino e intervenção pedagógica. Toda essa troca de informações os participantes resultaram em uma ajuda mútua a partir do momento em que estavam a relatar essas experiências e o conhecimento que possuíam sobre o assunto apresentado.

Nesse sentido, observando essa prática, percebi nesse processo didático, uma cooperação entre os participantes, no sentido de os alunos buscarem a compreensão do assunto, trocando informações e ajudando todo o coral a explorar e compreender, por meio do diálogo, a cultura musical paraibana, através dos artistas e músicas apresentados, e o conhecimento prévio que o tinham. Esse processo recíproco de troca de conhecimento e experiências entre os

participantes, é destacado pelos irmãos Johnson e Holubec (1999), ao afirmarem que os participantes “devem estar próximos o suficiente para poder compartilhar materiais, olhar nos olhos, conversar entre si [...] e trocar ideias e materiais confortavelmente” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 21). Desse modo, essa prática de diálogo e troca de experiências sobre as músicas e os artistas, ajudaram a fortalecer o conhecimento que já possuíam, ampliar sua compreensão, redescobrir sua cultura, de forma a ter uma escuta consciente sobre as músicas e artistas do qual faziam parte do repertório do coral.

Dessa forma, as afirmações sobre o que aprenderam sobre a cultura musical paraibana, considerando os alunos que já possuíam algum conhecimento acerca do assunto e aqueles que não o tinham, revelou que o diálogo entre os participantes, mediante a troca de conhecimento, foi algo muito forte nesse processo, os deixando livres para que pudessem expressar as suas vivências. Embora, fosse um repertório em que os alunos não tivessem afinidade, a condução didática nos encontros viabilizou um conhecer mais profundo sobre a cultura musical da qual estão inseridos, deixando todo o grupo ciente sobre o assunto abordado, o que ajudou todo o coral na construção do concerto didático. Todavia, observando a fundo, o que temos é uma situação, como já salientada, de cooperação, no sentido de que os alunos, por meio de suas perspectivas, conhecimento prévio e conversação com todos os membros do grupo, trouxeram seus saberes individuais para a construção do conhecimento dos demais colegas, beneficiando todo o grupo. Nessa direção, Johnson, Johnson e Holubec (1999) destacam que:

Em uma situação cooperativa, os indivíduos buscam obter resultados que sejam benéficos para si mesmos e para todos os outros membros do grupo. A aprendizagem cooperativa é o uso didático de pequenos grupos em que os alunos trabalham juntos para maximizar a sua própria aprendizagem e a dos outros (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999. p. 05).

Desse modo, ainda considerando as declarações dos participantes, a aprendizagem foi construída a partir do envolvimento dos alunos com o trabalho de intervenção. Assim, como mencionado anteriormente, os alunos foram descobrindo, assimilando e agregando repertório intelectual, mediante as atividades promovidas para o coral. Essas atividades, parecem ter sido fundamentais para que os alunos construíssem a aprendizagem, que foram realizadas por meio de aulas expositivas, provocando reflexões acerca do assunto abordado; atividades práticas com o canto, das quais os alunos participavam interagindo entre si e auxiliando uns aos outros, quando das dificuldades em praticar o que estava sendo passado; apreciação das músicas do repertório, refletindo e percebendo dimensões como a interpretação, características do contexto cultural, biografia dos cantores, a técnica vocal, entre outros elementos que fazem parte do

processo de apreciação musical. Assim, o trabalho de intervenção pedagógica caminhou em vertentes que fizeram com que os participantes adquirissem conhecimento acerca do tema abordado pelo coral. Essas vertentes foram o trabalho individual e o trabalho de cooperação entre os participantes, que ao buscarem compreensão acerca dos assuntos trabalhados no coral, estavam construindo todo o escopo da proposta do grupo, ou seja, construindo o concerto didático, de fato.

Nesse sentido, ao partilharem das suas compreensões sobre o que estava sendo abordado no coral, os participantes, gradativamente, construam o concerto didático, a partir do compartilhamento cooperativo do entendimento acerca do tema: música paraibana e os artistas trabalhados. Isso é evidenciado na fala de Andreia ao afirmar que *há momentos que nos reunimos com os colegas do coral e vamos falar sobre o coral, ou falar sobre alguma atividade que foi passada* (ANDREIA, 2022). Essa declaração sinaliza um processo de compartilhamento de informações, mediante diálogo entre os participantes que se unem em prol do trabalho a ser efetivado, compreendido e repassado para os membros do grupo e que vai além do trabalho cooperativo que foi aplicado nas atividades e encontros do coral.

No que tange o tema que foi abordado e trabalhado na proposta do coral, mediante o concerto didático, embora alguns participantes tivessem conhecimento prévio sobre o tema, no decorrer das atividades do grupo os conteúdos foram sendo assimilados e somados ao conhecimento do que os alunos já possuíam. Assim, através de um processo de comparação entre o que se conhecia e o que se foi visto no coral, descobertas individuais e coletivas aconteciam de forma constante, no que diz respeito aos assuntos explanados no coral. Dessa forma, ao passo que os alunos pesquisavam e conheciam, mais profundamente, sobre a cultura musical paraibana e os artistas que estavam em pauta na proposta do coral, os participantes, em diálogo nos encontros e observados durante o processo, relatavam conhecer alguns cantores, mas que não sabiam que eram paraibanos. Nesse sentido, a descoberta sobre esse aspecto condiz com um processo gradativo de proatividade dos alunos, considerando o processo de aprendizagem individual e buscando conhecer sobre o tema, e de compartilhamento do que se aprendia.

Dessa forma, o processo cooperativo, observando os participantes em atividade no coral, se fez presente a partir do momento em que os alunos trabalhavam juntos, em grupos formados, para maximizar a aprendizagem de todo o coral. Desse modo, o processo de aprendizagem foi algo em que os alunos estavam realizando, ao promover um trabalho de cooperação para que o concerto didático pudesse enfim ser montado. Nesse sentido, quanto ao desenvolvimento da aprendizagem, Johnson, Johnson e Holubec (1999) salientam que “aprender é algo que os

alunos fazem, e não algo que é feito para eles” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p.5). Assim, isso se refere a uma participação constante, efetiva e ativa dos alunos, o que pode ser observado no trabalho do coral, sendo o processo de aprendizagem e exposição do conhecimento adquirido, o ápice da intervenção pedagógica, onde o concerto didático, para o público-alvo, dependia da atuação, preparo e discernimento de todo o grupo.

À vista disso, olhando para as declarações dos participantes e as variadas intensões para o ingresso no coral, bem como as observações realizadas no processo da pesquisa, podemos perceber a diversidade de condições em que os alunos estavam, a respeito do seu conhecimento sobre a cultura da qual fazem parte. Contudo, os participantes se envolveram no processo, com o olhar de encanto e admiração por estar conhecendo, de forma mais intensa e direcionada, sobre a música paraibana e os artistas trabalhados. Dessa forma, mesmo aqueles que possuíam conhecimento prévio sobre o tema, lhes foi somado ao seu repertório intelectual o que não sabiam sobre o conteúdo, assim como outros participantes que, se envolvendo com as atividades promovidas pelo coral, auferiram informações que lhes eram novidade. Assim sendo, os participantes nos sinalizaram um aprendizado eficaz e significativo, considerando o tema sobre a música paraibana, trabalhado de forma prática e propiciando experiências musicais aos participantes.

5.2.2 “Ficar junto e fazer a melhor coisa possível”: cooperação e relacionamento

As atividades empregadas no coral foram sendo realizadas, como já exposto, direcionando os participantes para que atuassem coletivamente, uma vez que estavam inseridos em um coral que, em suma, necessita de entrosamento em variados aspectos, à exemplo do entrosamento musical, ouvir os demais integrantes, entre outros aspectos inerentes a uma prática musical de cunho coletivo. Essas atividades foram a preparação para que o concerto didático fosse estruturado e assim poder realizar as apresentações. Desse modo, as tarefas perpassavam por momentos de atividades musicais sobre o canto, como por exemplo respiração, vocalizes e a criação de arranjos para as músicas que seriam apresentadas pelos participantes. Além dos conteúdos especificamente musicais, no que diz respeito ao canto coral, os alunos também eram incumbidos de buscar conhecimento sobre os artistas e de ensaiarem a apresentação, ou seja, o concerto didático.

O aprofundamento sobre os artistas, bem como sua biografia, foi muito importante para que os alunos pudessem apresentá-los de forma segura e consciente, nas apresentações do concerto didático que iriam fazer. Para isso, os alunos buscavam se ajudarem em momentos

fora dos encontros, fazendo um exercício de compreensão sobre os assuntos e, ao mesmo tempo, se ajudarem mediante pesquisa sobre os artistas, diálogo sobre as músicas do repertório e sanando dúvidas entre eles em encontros paralelos aos do coral. Conforme Francisco, *“tento apresentar meu trabalho para outros integrantes [...] para realmente saber no que eu preciso melhorar e no que eu preciso focar mais”* (FRANCISCO, 2022). O aluno complementa ainda sua declaração afirmando que:

[...] antes de eu realmente chegar lá no dia eu me preparo, eu treino muito, busco conhecimento, preciso pesquisar sobre várias coisas na verdade e eu vou realmente aprendendo, não decorando, aprendendo sobre que é o que faz realmente ser mais fácil de passar para o pessoal você aprender do que só decorar (FRANCISCO, 2022).

Francisco expõe uma prática que se fez presente no decorrer da intervenção pedagógica e que os autores Johnson, Johnson e Holubec (1999) destacam bem na sua perspectiva sobre cooperação: a interdependência positiva. O aluno Ronny ao expor como ele procede nas tarefas do coral, ou seja, empregando um esforço individual, ao passo que se junta com outros participantes para se aprofundarem no que está sendo trabalhado por eles, endorsa e se enquadra nesse elemento, do qual os irmãos Johnson e Holubec (1999) classificam como essencial para um trabalho cooperativo. Nesse sentido, conforme os autores *“essa interdependência positiva cria um compromisso com o sucesso dos outros e com o próprio, que é a base da aprendizagem cooperativa. Sem interdependência positiva, não há cooperação”* (JOHNSON, JOHNSON e HOLUBEC, 1999. p. 09). Assim os participantes, no transcorrer das atividades, foram utilizando desse elemento, refinando a sua compreensão sobre os assuntos tratados no coral e promovendo momentos em que se ajudavam, fortalecendo a sua aprendizagem e a aprendizagem de outros colegas do coral.

Nessa mesma direção, outro participante também expos essa prática que se conecta a interdependência positiva, destacada por Johnson, Johnson e Holubec (1999). O aluno Elias afirma que, em momentos fora dos encontros do coral, com outros colegas do grupo *“[...] a gente discute sobre [os assuntos e o repertório]. Eu observo mais e tento ajudar”* (ELIAS, 2022). O participante acrescenta ainda que fica *“conversando geralmente disso [os assuntos abordados no coral], em relação à apresentação dele e tal. Tipo, sobre o cantor, coisas que ele fez antigamente”* (ELIAS, 2022). Elias reforça o que Francisco afirma, ao narrar como ele atua, frente a sua busca por compreensão dos assuntos trabalhados no coral, bem como a preparação para as apresentações.

Ainda nessa direção, Débora também relata sobre sua conduta diante do trabalho que estava acontecendo com o coral. A aluna Débora narra que, em momentos fora dos encontros

do coral, *“a gente fala sobre as músicas, quando a gente vai fazer a apresentação, a gente reúne eu e alguns ali que são mais próximos, então treinamos as músicas e ensaiamos”* (DÉBORA, 2022). Assim, o relato de Débora, demonstra também uma dedicação, sinalizando que o que estavam a fazer era importante e significativo para ela. Essa significação pode ser aferida a partir do momento em que sentiam necessidade em se reunirem em momentos diversos, para compartilharem de conhecimentos adquiridos, praticarem o ato de se apresentar o concerto didático e se aprofundarem no campo musical.

Nesse ínterim, os participantes evidenciam aspectos que perpassam sua forma de atuar nos trabalhos com o coral. Percebi, ao observar a conduta dos participantes, que além do cuidado e dedicação para com as atividades, individuais e/ou coletivas, os alunos sinalizam o grau de importância atribuído por eles nesse processo. Assim, isso é apontado pelo fato de que, mesmo não havendo obrigatoriedade em se juntarem e discutirem sobre os conteúdos do coral, se avaliarem sobre o seu próprio trabalho individual e se ajudarem, no sentido de compreenderem as tarefas sobre o tema que estava sendo trabalhado, de forma conjunta, os participantes tiveram essa atenção ao que estava sendo desenvolvido no coral. De modo igual, percebi também estarem focados em estruturar as apresentações da melhor forma possível, provocando um estado de consciência sobre o sucesso das apresentações, que aconteceria se todos os participantes aprendessem sobre os assuntos e estivessem seguros para realizarem o concerto didático.

Essa consciência de êxito na proposta do coral pode ser observada à medida em que os participantes contraem um comportamento de boa vontade e disposição em ajudar uns aos outros, como forma de alcançar o objetivo em comum: promover o concerto didático. Contudo, esse proceder dos alunos desemboca em outro aspecto da aprendizagem cooperativa e que se relaciona com o trabalho em grupo, ao passo que se prospera individualmente, ou seja, a responsabilidade individual. Assim, conforme Johnson e Johnson (2014):

Em grupos cooperativos, todos devem fazer sua parte no trabalho. Um propósito fundamental da aprendizagem cooperativa é tornar cada membro do grupo um indivíduo mais forte por si só. Isso é conseguido tornando cada indivíduo responsável por seu progresso, bem como pelo progresso de seus companheiros de grupo (JOHNSON e JOHNSON, 2014. p. 490).

Assim sendo, os participantes foram percebendo que, para que o grupo tivesse o resultado esperado, quanto as apresentações, o sucesso viria pelo esforço e a responsabilidades de cada participante, em atuar de forma intensa, direta e compartilhada, no sentido de envolvimento com o trabalho que estava sendo desenvolvido e o estabelecimento de uma

relação que propiciasse ganho pedagógico, enfim, ganho de conhecimento para todos. Dessa forma, tomando nota em uma das observações sobre os alunos, pude perceber um envolvimento cada vez mais potencializado com as atividades que se davam nos encontros e que fora deles, o trabalho continuava por parte dos participantes:

Ao caminhar pela escola, vi que alguns alunos do coral estavam reunidos e passando por perto, sem que percebessem minha presença, reparei que estavam falando sobre o coral. Eles estavam discorrendo sobre os artistas e conversando sobre a vida deles. O que achei interessante, foi que essa, digamos, reunião, foi em um dia que não era dos nossos encontros. Talvez tenham sentido na necessidade de conversarem sobre os assuntos que estávamos trabalhando nos encontros ou sanar alguma dúvida entre eles mesmo, pois percebi que um dos alunos corrigiu uma fala do colega ao lado sobre um dos artistas. Pareciam estar em uma discussão sobre quem sabia mais e assim estavam se avaliando (NOTA DE CAMPO, 06/06/2022).

Como é possível verificar, houve um trabalho paralelo aos encontros do coral. Os alunos, ao que parece, necessitavam e promoviam essas reuniões assíncronas aos encontros, havendo então uma mobilização entre eles para que pudessem discutir, sanar dúvidas e compreender, ao modo deles, o tema que estava sendo desenvolvido, ou seja, a música paraibana e os artistas pautados para esse trabalho de intervenção pedagógica. Constatei então que para os alunos o processo pedagógico dos encontros não se limitava somente ao dia marcado na semana para nos reunir, mas que ia além dos encontros e que a preparação para as apresentações se dava por meio de uma intervenção conjunta entre os encontros “oficiais” do coral, orientados por mim, e os encontros realizados por eles mesmo, se dedicando e se envolvendo com o trabalho do coral.

Desse modo, ao que me parece, os alunos atingiram um estado de consciência sobre a atuação em grupo, praticando a habilidade de trabalhar coletivamente, dedicados uns com os outros e entendendo que o sucesso de todos depende de cada indivíduo. Cochito (2004) aborda sobre o trabalho em equipe, afirmando não ser uma atividade fácil, mas que “implica, para além da disponibilidade pessoal, atitudes e comportamentos muito concretos, que vão desde o *saber ouvir*, ao *saber comunicar* de forma adequada, ao *saber estar*, em interação” (COCHITO, 2004. p. 34). Assim, esse aspecto de trabalho em grupo, foi algo muito presente nas atividades do coral, isso fez com que os participantes se habituassem em estarem engajados, solidamente, em todo o processo da intervenção pedagógica, assim como, respectivamente, formando vínculos que foram importantes para que suas experiências com o coral tivessem relevância, no sentido de serem significativas.

Nos encontros do coral, cantar as músicas dispostas no repertório do concerto didático, praticar a exposição da biografia dos artistas, trazer a conhecimento de todos a compreensão

sobre os artistas e ensaiar a apresentação como um todo, foram atividades que implicavam conexão entre os alunos. Esse processo de conexão entre os participantes desembocou no estabelecimento de relações, que foram importantes para as atividades. Entretanto, toda atividade que seja em grupo, nos mais variados contextos, pertinentemente, necessita de interações entre os integrantes, o que torna o conjunto eficiente em suas tarefas. Isso é uma das características do trabalho em equipe, como apontado por Johnson e Johnson (2014) ao abordar sobre a dinâmica de grupo e suas características. Conforme os autores, “para ser eficaz em geral, um grupo deve fazer três coisas: alcançar seus objetivos; manter boas relações de trabalho entre os membros; e adaptar-se às condições de mudança na organização, na sociedade e no mundo circundantes” (JOHNSON e JOHNSON, 2014. p. 23). Dessa forma, o trabalho em grupo é, inerentemente, cativador de interações que se formam a partir de tarefas empregadas de forma direcionada e com objetivos definidos e que são essenciais para alcançar objetivos.

À vista disso, no decorrer das atividades, seja especificamente musical ou não, a conduta dos alunos, ao trabalharem em grupo, revelou também as relações efetivadas nesse processo. Ao exporem sobre o relacionamento entre eles, afirmaram ter boas relações e, evidentemente, interações que os auxiliaram nas tarefas e atividades nos encontros. A aluna Camila relatou sobre esse aspecto no trabalho do coral, afirmando que é algo “*sempre trabalhado, para a gente se interagir, para a gente ter essa harmonia, para a gente ficar junto, para poder, quando for na hora da gente apresentar, cada um se ajudar, todo mundo ficar junto e fazer a melhor coisa possível*” (CAMILA, 2022). Camila, expõe um contentamento em poder se relacionar com os demais colegas do coral, apontando que a interação entre eles é constante nos encontros. Contudo, a aluna Camila parece evidenciar outro aspecto além do contentamento em interagir: a segurança em fazer algo coletivamente. Isso foi proporcionado por terem a convicção de que todos estavam dispostos a se apoiarem em todas as situações do trabalho com o coral, ou seja, confiantes em si mesmos e nos demais colegas, dentro de um trabalho em que o êxito das apresentações depende também da ajuda mútua.

A participante Helena, corroborando com a fala de Camila, também expôs esse aspecto sobre o relacionamento que possui com os demais colegas do coral. Helena afirma ter “*uma relação muito boa com todos. Se precisar estou aqui para ajudar eles também*” (HELENA, 2022). Dessa forma, o relato de Helena, parece também revelar que a disposição em ajudar os outros colegas, provém de um relacionamento que foi construído e intensificado com a convivência dos alunos no coral. Assim, pude perceber que a confiança, atingida pelos vínculos e interações concebidos pelo relacionamento entre os participantes, foi fruto do modo como os alunos estavam a operar nas atividades. Essa conduta pode ser compreendida a partir de outro

elemento da aprendizagem cooperativa, apontado pelos irmãos Johnson e Holubec (1999), como interação presencial ou interação cara a cara, como descrito pelos autores.

Johnson e Johnson (2017) apresentam a interação como um elemento promotor de relacionamento, através da convivência, tarefas direcionadas e atividades que propiciam uma troca interativa, estimuladas pelo processo cooperativo. Segundo os autores:

[...] os alunos ajudam, auxiliam, encorajam e apoiam os esforços uns dos outros para aprender. Os alunos promovem a aprendizagem uns dos outros, explicando oralmente uns aos outros como resolver problemas, discutindo uns com os outros a natureza dos conceitos e estratégias que estão sendo aprendidas, ensinando seus conhecimentos uns aos outros e explicando uns aos outros as conexões entre a aprendizagem presente e passada (JOHNSON e JOHNSON, 2017. p. 04).

Assim sendo, como resultado, observei que os alunos, no transcorrer dos encontros, estavam sempre com esse espírito de solicitude uns com os outros, à medida em que trabalhavam para estruturar o concerto didático. Dentro desse contexto, as relações eram trabalhadas entre os alunos do coral, conforme os irmãos Johnson (2014) apontam sobre o processo da aprendizagem cooperativa.

Nessa perspectiva, observando a fala de Francisco, ele revelou o que percebeu sobre o trabalho com o coral e, respectivamente, o relacionamento instituído com todo esse processo, afirmando que, com os encontros, sua relação com os colegas propiciava momentos importantes para se pôr em prática aspectos essenciais para esse tipo de trabalho coletivo. O aluno, relata que, nas atividades proporcionadas pelos encontros do coral havia a oportunidade de:

[...] tanto em se enturmar, se comunicar de verdade, saber passar o que a gente quer passar de verdade, o que eles querem passar para mim, o que eu quero passar para eles, tanto saber escutar como saber falar, é o que me faz gostar muito de tudo isso, “cara”, é o que me faz também gostar muito de conviver com eles quando a gente tem essas reuniões [encontros] (FRANCISCO, 2022).

O relato de Francisco, parece revelar uma necessidade individual que existia antes mesmo de ingressar no coral, como se esse tipo de trabalho ainda não tivesse sido vivenciado por ele, por completo, e que agora, participando do coral, estava se dedicando intensamente e aproveitando de todos dos encontros para participar de práticas que suprissem essa necessidade. Essa necessidade parece evidenciar uma predisposição de estar em um ambiente que proporcionasse esse tipo de experiência, à exemplo de conversar com pessoas sobre um tema comum à todos; adquirir responsabilidades; estar em um espaço em que todos os demais colegas partilhavam da mesma proposta e objetivos; participar de atividades que instigava a proatividade e, ao mesmo tempo, pudesse auxiliar na aprendizagem de outros participantes, mediante o seu crescimento individual em relação aos assuntos explanados no coral.

Essa evidência pode ser percebida também pelo elemento de interação cara a cara, abordado por Johnson, Johnson e Holubec (1999). Os autores salientam que, ao estimular a interação do grupo, a aprendizagem é construída a partir da dedicação recíproca dos alunos em promover a aprendizagem um dos outros. Dessa forma, conforme os autores “os alunos devem fazer um trabalho conjunto em que cada um promova o sucesso dos demais, compartilhando os recursos existentes, ajudando, apoiando, incentivando e parabenizando uns aos outros pelo compromisso com a aprendizagem” (JOHNSON, JOHNSON e HOLUBEC, 1999. p. 09). Dessa maneira, ao observar a conduta dos alunos, através das falas, isso sinaliza que, a partir da relação estabelecida, os alunos se sentem estimulados a compartilhar, colaborar e contribuir, das mais variadas formas, com todo o processo por qual passaram.

Observando o contexto acima, a conexão dos alunos no coral foi bastante perceptível, no sentido de desenvolver e praticar habilidades sociais que, conforme Kagan e Stenleve (2006), estão introduzidas, naturalmente, nas práticas de cooperação. Os autores ressaltam que:

[...] uma das tarefas importantes da escola é apoiar os alunos a se desenvolverem em indivíduos equilibrados, seguros e abertos, que tenham coragem e energia para ouvir os outros, mostrar empatia, ajudar, fazer os outros se sentirem valorizados, diálogo construtivo quando você discordar etc. (KAGAN e STENLEVE, 2006. p. 29 – Tradução nossa¹⁶).

Dessa forma, o ato de se relacionarem, através das atividades do coral, proveu também o ganho de competência que transcenderam o trabalho com o coral e que poderão ser utilizadas em diferentes áreas em que os participantes possam vir a estar inseridos. Esse processo de desenvolvimento de habilidades sociais, contudo, foi algo, não apenas discutido, mas sim algo que foi expandido, potencializado e aperfeiçoado, através das atividades pelas quais os alunos estavam a participar.

Nesse contexto, Kagan e Stenleve (2006) salienta também que apenas o falar ou discutir sobre habilidades sociais com os alunos, não possuem tanta eficácia quanto, de fato, praticá-las e desenvolvê-las nas atividades. Segundo os autores, o desenvolvimento de habilidades sociais, a partir de relacionamentos entre os alunos, como “mostrar tolerância, respeito e cooperação, o trabalho com tais habilidades devem ser construído de forma concreta na maneira como os alunos realmente interagem uns com os outros, de modo que se tornem ação em vez de palavras,

¹⁶[...] er en af skolens vigtige opgaver at støtte eleverne i at udvikle sig til velafbalancerede, trygge og åbne individer, der har mod og overskud til at lytte til andre, vise empati, hjælpe, få andre til at føle sig værdsat, gå i konstruktiv dialog, når man er uenig osv.

prática em vez de teoria” (KAGAN e STENLEVE, 2006. p. 29 – Tradução nossa¹⁷). Assim, os relacionamentos concebidos pelas atividades do coral, parece ter proporcionado um aumento de competências e, ao mesmo tempo, suprido a necessidade de os alunos estarem inseridos em um ambiente fértil em oportunidades para o desenvolvimento não apenas musical, mas também social.

5.2.3 “Nem parece que é uma aula”: percebendo o trabalho

No que concerne a realização de uma apresentação, mais especificamente uma apresentação didática, onde o trabalho de montagem ou estruturação não se resume a tão somente ensaiar músicas e tocá-las ou cantá-las para um determinado público, seja escolar ou para a comunidade em geral, mas que sim, exige que um coletivo de pessoas atue de forma eficiente e construa a apresentação, incorporando elementos que são primordiais para uma apresentação desse tipo, ou seja, um concerto didático, à exemplo da organização dos ensaios, da constância de atividades musicais, a preparação dos participantes do grupo, entre outros elementos. Assim, para que tudo saia conforme esperado nas apresentações, é preciso um trabalho estruturado, com objetivos definidos e resultados que sejam plausíveis, do ponto de vista da percepção de quem está diretamente ligado e inserido em todo esse processo.

Diante disso, o concerto didático foi sendo estruturado conforme o plano de trabalho estabelecido, como forma de seguirmos um progressivo caminho que iria nos guiar para a montagem da apresentação. Dessa forma, a construção do concerto didático ocorria por meio de encontros semanais, onde os alunos participavam de atividades direcionadas para que o repertório e a apresentação sobre os artistas fossem concluídos, no sentido de aprender as músicas dos artistas escolhidos para o repertório e exposição da biografia desses artistas. Assim, ao passo que os encontros aconteciam, os alunos foram percebendo como seria a dinâmica de trabalho para que o concerto didático pudesse ser construído e, respectivamente, realizado para o público-alvo, nesse caso, alunos de outras escolas.

Nesse sentido, ocorrendo os encontros, os alunos foram tomando ciência do processo de elaboração da apresentação. Nos encontros os participantes perpassavam por atividades de apreciação musical, momentos de diálogo sobre a vida dos artistas, atividades com dinâmicas para ter desenvoltura na comunicação e a prática do canto direcionada ao repertório. Desse modo, os alunos foram percebendo como seria o trabalho e se habituaram com o processo.

¹⁷ [...] tolerance, respekt og samarbejdsvilje, må arbejdet med sådanne færdigheder indbygges Konkret i den måde, eleverne rent faktisk omgås hinanden på, så de bliver til handling frem for ord, praksis frem for teori.

Conforme Elias, “[...] a gente se encontra na segunda-feira e a gente tem um horário reservado para ensaiar” (ELIAS, 2022). Nesse mesmo sentido, a aluna Camila comenta que “[...] os ensaios ocorrem uma vez na semana, na segunda-feira [...]” (CAMILA, 2022). Assim, com o horário e dia definidos os alunos foram se adaptando a essa prática musical, uma vez que ainda não havia passado por um trabalho com esse tipo de organização.

A ideia de designar um dia específico para os encontros do coral incutiu nos alunos firmar compromisso e ter a responsabilidade de participar das atividades do coral. Assim, Elias e Camila, parecem evidenciar esse compromisso, apontando em sua fala, de forma direta, o dia da semana em que aconteceram os encontros do coral. Entretanto, fixar dias para as atividades musicais parece ser algo simples e de fácil operação. Porém, isso não é tarefa fácil quando se está em um contexto escolar, onde os alunos estão habituados com atividades musicais pulverizadas dentro dos bimestres, sem que haja uma organização metodológica, sobretudo no sentido de reunir um grupo para trabalhar especificamente com música, uma vez que a escola faz parte do modelo de ensino integral e possui todos os horários preenchidos por outras disciplinas, não restando espaço para trabalhos dessa natureza.

Nesse sentido, embora estejam habituados com os horários da escola e toda a dinâmica de atividades da grade curricular, encontrar estabelecer um horário da semana para práticas musicais se torna algo bastante limitado, o que foi uma conquista dentro desse processo. Assim, observando a reação dos alunos durante os encontros, a partir da definição da prática musical da qual iriam fazer parte, percebi a satisfação em saber que, de forma contínua, os participantes teriam então um dia reservado para as atividades musicais do coral. A nota de campo descreve essa observação:

Em uma aula do meu horário fixo da escola, estava em uma turma e no momento de correção de uma atividade proposta, alguns alunos, dois para ser mais específico, estavam conversando com outros alunos da turma sobre atividades práticas de outras disciplinas. Eu estava fazendo a correção e fiquei ouvindo, os alunos discutiram sobre atividades práticas. Foi então que ouvi um deles falar que é difícil ter um momento dedicado para práticas que gostam, pois não há uma continuidade das atividades e eles não sabem quando se encontram para fazer tais atividades. Um dos alunos do coral falou sobre o “dia da música” e que agora, toda segunda-feira, eles se encontram para cantar e fazer dinâmicas. Segundo eles, comentando com outros colegas, assim fica mais fácil de fazer as atividades, pois na segunda-feira no horário da música, eles já sabem que vai haver atividades com música. Como eles falaram, é um “horário certo” (NOTA DE CAMPO, 25/04/2022).

Nesse processo, o estabelecimento de um dia específico para os encontros foi muito importante e essencial para que os alunos se habituassem com o compromisso de participar das atividades do coral. As atividades seguiam uma dinâmica planejada e direcionada para a

construção do concerto didático, ao passo que eram trabalhadas em um formato conjunto, como expõe Francisco ao explicar que:

Nos reunimos em círculo, que realmente ajuda bastante, melhor do que ficar espalhado, dá uma atenção geral do pessoal. E nos reunimos, fazemos uma pequena palestra, vamos dizer assim, sobre alguns assuntos ainda dentro da comunicação, que é bem legal para falar a verdade (FRANCISCO, 2022).

Ao que Francisco se refere como “pequena palestra”, na verdade era um dos momentos de exposição do que os próprios alunos pesquisavam sobre os artistas. Esses momentos propiciavam uma quebra na timidez dos alunos em falar em público, pois mesmo estando familiarizados com o coral, havia ainda uma certa resistência, por parte de alguns alunos, em explanar para os demais o que havia compreendido do assunto, enfim da tarefa atribuída. A observação registrada em nota de campo, descreve essa situação:

Nos momentos reservados para que os alunos expliquem o assunto pesquisado por eles, havia ainda uma certa indisposição para que isso ocorresse com tranquilidade. Alguns alunos não queriam fazer esse tipo de atividade, pois estavam um pouco receosos ou até mesmo com medo de falar. Apesar de ser uma atividade constante nos encontros, em pelo menos nos dois primeiros encontros percebi esse receio. Em um primeiro momento pensei que esse receio era por não terem pesquisado sobre o assunto, o que não foi o caso. O assunto eles pesquisaram e compreenderam, mas o medo de falar era mais forte. Percebi isso, pois assim que algum outro aluno iniciava a sua fala sobre algum artista, esses mesmos alunos que estavam com medo de se expor, complementavam a fala de outros colegas que estavam a fazer a explanação (NOTA DE CAMPO, 18/04/2022).

Desse modo, mesmo com essa dificuldade por parte de alguns alunos, as observações me fizeram enxergar de forma mais pontual essas nuances no trabalho com o coral, em específico com as atividades. Assim, na fala de Francisco, sua percepção de organização do trabalho do coral, chama atenção para o aspecto da satisfação em participar de aulas com esse formato. No entanto, mais do que a satisfação em participar de um grupo com uma organização metodológica dessa forma, ao que parece, o aluno Francisco esboça também estar aberto à novas perspectivas de práticas musicais. Essa percepção pode ser constatada ao declarar que, com o trabalho do coral *“fica bem fácil na verdade de se adaptar, é o que realmente ajuda e faz o coral ir para a frente, é a adaptação e a apresentação de novas possibilidades”* (FRANCISCO, 2022). O participante parece se sentir bem estando em um grupo que trabalha aulas que contemplam assuntos diversos, como a habilidade da comunicação e a forma como os alunos, em outros momentos, ficam dispostos na sala de aula, ou seja, em círculo. Ao que me parece, Francisco expõe esse relato comparando a forma de trabalho do coral com outras aulas que não as aulas dos encontros do coral. Dessa forma, fazendo esse comparativo, Francisco delibera sobre como, talvez, gostaria que fosse as aulas em outras disciplinas.

Nessa perspectiva, a aluna Gisele também comenta sobre como vê o trabalho com o coral, relatando que *“os ensaios são bem legais, são bem divertidos, são bem atrativos. Nem parece que é uma aula. [...] a gente fala sobre assuntos que são muito, muito importantes. E que todo mundo deveria saber”* (GISELE, 2022). A participante Gisele então revela como são os encontros, a partir do seu ponto de vista. E essa percepção de como e o que estava acontecendo nos encontros parecem implicar diretamente na sua desenvoltura e envolvimento com o coral, ao narrar que nas aulas do coral a condução das atividades torna interessante e cativa a atenção. Gisele afirma então que:

A forma de falar é muito bonita, a pessoa presta atenção, a pessoa fica bastante atenciosa. E o modo que ele [professor] se mexe e a pessoa fica olhando assim é muito interessante. Porque você aprende olhando e escutando e pega bastante essa parte de olhar e aprender. (GISELE, 2022).

Assim, ao comentar que, a forma como ocorre os encontros e como é a condução das atividades, não se assemelha como uma aula da qual está acostumada, a aluna deixa evidenciar que esses encontros, ou ensaios como comumente é chamado pelos alunos, vão além das suas expectativas como aluna, permitindo vislumbrar momentos em que todo o processo se diferencia do que está habituada.

De uma forma mais objetiva as alunas Helena e Débora, também comentaram sobre como se deu a organização dos encontros, ou ensaios, como também costumam intitular. Dessa forma, a conforme foram percebendo como estava sendo o processo de estruturação do concerto didático, as participantes evidenciavam como identificavam o processo. Helena explica que *“além de ensaiar as músicas e as apresentações, a gente ensaia nossa fala também. E acaba tendo algumas dinâmicas onde a gente treina nossa fala, o improviso, nosso jeito de falar e tudo mais”* (HELENA, 2022). Nessa mesma direção, Débora também relata que *“a gente vai aprendendo mais sobre a música, vamos treinando para que na hora da apresentação a gente possa ter uma base certa de como apresentar”* (DÉBORA, 2022). Dessa maneira, conforme as atividades iam sendo desenvolvidas no coral, as alunas identificavam todo o processo, mediante uma leitura da organização, propiciada pela vivência e por estarem envolvidas na intervenção pedagógica, desenvolvida com o coral.

Contudo, as participantes, por meio das suas declarações, parecem evidenciar que a coordenação das atividades, implica diretamente no processo de aprendizagem, tendo em vista que, havendo direção na proposta do coral e uma condução que caminha progressivamente para que o concerto didático seja construído. Isso também está diretamente ligada a conduta do professor, sobretudo no que tange a preparação de atividades que são propositalmente

desenvolvidas e empregadas e que desperta nos alunos o entusiasmo em participar ativamente. Cochito (2004) discorre sobre o papel e as obrigações do professor em planejar atividades que promovem interação e favorece a aprendizagem. Conforme a autora:

A preparação das propostas de actividades é essencialmente uma tarefa do professor/equipa de professores, mas não exclui a participação dos alunos, o que exige planeamento rigoroso, experiência, disponibilidade e uma sala de aula assente na autonomia e cooperação entre todos (COCHITO, 2004. p. 50).

Nesse contexto, a organização do trabalho, demanda do professor atenção para um planejamento que culmine em aulas produtivas, seja no campo da reflexão e diálogo, respetivamente, sobre os assuntos ou nas práticas que compõem todo o encontro. Isso se dá pela intenção do professor em buscar estratégias que envolvam os alunos e desenvolva neles uma aprendizagem baseada no processo de construção proativa, resultante de um trabalho cuidadosamente pensado. Dessa forma, isso reflete diretamente nos alunos, que são o alvo de um processo pedagógico que vai além do explicar de conteúdos, mas que se torna viável por meio de uma organização que atribui ao professor um papel importante de orientação e direcionamento das atividades, diferente da centralidade encontrada em metodologias tradicionais. Johnson e Johnson (2014) discorrem sobre esse aspecto do papel do professor, afirmando que:

O papel do instrutor [professor] [...] consiste em tomar decisões pré-instrucionais, explicar a tarefa instrucional e a estrutura cooperativa, monitorar os grupos de aprendizagem dos alunos e intervir quando necessário para melhorar o trabalho de tarefas e o trabalho em equipe, avaliar a aprendizagem dos alunos e fazer com que os alunos processem com que eficácia eles estão trabalhando juntos (JOHNSON e JOHNSON, 2014, p. 503).

Assim sendo, olhar para o papel do professor em um trabalho coletivo, onde a cooperação é presente, se torna imprescindível que os alunos entendam o que estão a fazer e que sigam na proposta planejada, identificando também o seu papel nas atividades. Dessa forma, o que se alcança, além de outros aspectos cooperativos, é a fluidez do processo de aprendizagem, que, nesse caso, depende em grande parte da intencionalidade do docente e da viabilidade de o aluno participar profundamente de todo o processo.

5.2.4 “Acabei aprendendo mais no coral”: novas habilidades

No decorrer da montagem da apresentação, ou seja, do concerto didático, foram surgindo aspectos que transcenderam a proposta de intervenção pedagógica, no seu intuito de promover a aprendizagem musical. As atividades direcionadas a música também estavam

conectadas a outros conhecimentos diversos, que não faziam parte de uma forma direta dos assuntos que foram abordados no coral, mas que estavam integrados, de uma forma geral, nos conteúdos que estavam sendo passados e construídos pelos alunos.

Nesse sentido, as atividades seguiram de uma forma muito intuitiva, no que se refere às práticas musicais e, com elas, novas habilidades foram surgindo, como uma necessidade para que o concerto didático pudesse ser construído e, evidentemente, realizado pelos alunos. Essas atividades necessitavam de uma certa desenvoltura ou pelo menos de uma melhor expressividade no falar entre os participantes. Atividades como a exposição sobre o que foi pesquisado e compreendido sobre os artistas, o cantar das músicas do repertório e as dinâmicas sobre comunicação, para que a apresentação tivesse fluidez na fala e uma exposição, por parte do aluno, mais inteligível, como pude observar, foram responsáveis por construir nos alunos novas habilidades que transcenderam a proposta do trabalho realizado no coral: aprender música. Dessa forma, pude constatar que isso ocorreu por duas vias: pelas atividades musicais e a preparação para o concerto didático, estimulando vínculos e desenvolvendo atitudes sociais; construindo competências e habilidades no âmbito das relações, respectivamente.

Embora em situações em que as atividades sejam específicas, no que tange a música, nelas estarão presentes diversos elementos que, no transcorrer das tarefas, perpassam pelos conteúdos e estão intrinsecamente ligadas as práticas musicais. O hábito de estar em grupo é uma dessas habilidades sociais que demandam esforço, caso seja um hábito ainda não desenvolvido, pois se trata de estar inserido em um grupo que possui pluralidade de ideias e convicções por natureza, mesmo tendo um objetivo em comum. Johnson e Johnson (2014), ao se referir à grupos destacam sobre o trabalho que existe dentro dessa gama de perspectivas que podem gerar incompatibilidade de interesses, estando os membros do grupo sem o hábito de lidar com ideias e pontos de vista diferentes. Dessa forma, os autores afirmam que “conflitos de interesse podem resultar de necessidades ou objetivos incompatíveis, recursos escassos e competitividade” (JOHNSON e JOHNSON, 2014, p. 26). Dessa forma, não havendo essa habilidade ou hábito de um trabalho ser efetuado em conjunto, todo o grupo é comprometido e o objetivo estará longe de ser alcançado. Assim sendo, essa foi uma habilidade que estava diretamente ligada às atividades do grupo e que no transcorrer do trabalho, foram sendo trabalhadas e desenvolvidas.

Nesse contexto, a aluna Bárbara declarou que “*eu aprendo a conviver em grupo*” (BÁRBARA, 2022) e, nessa mesma direção, Francisco afirma que “*realmente estou aprendendo a me socializar e conviver com outras pessoas*” (FRANCISCO, 2022). Os alunos, com as atividades do coral, foram desenvolvendo essa habilidade que, até então, parecia não

ser algo que talvez fizesse parte de suas habilidades sociais, no sentido de estar em um grupo que possuía objetivos em comum e com pessoas que não faziam parte da sua convivência da turma a qual pertenciam na escola. Isso demandou estabelecer relacionamentos com pessoas que possuíssem pensamentos e ideias diferentes para que seu processo de aprendizagem fosse desenvolvido.

Essas afirmações parecem apontar para a vontade ou disposição em desenvolver uma personalidade compreensiva, em relação às perspectivas dos outros, um interesse diretamente ligado ao desenvolvimento de capacidades autônomas de discernimento, responsabilidade individual e uma atenção ao seu papel no trabalho do coral, se fazendo compreender a atuação e perspectivas dos demais colegas, enquanto membro de um grupo. Esse aspecto de desenvolvimento de habilidades sociais, no que tange a atuação dos alunos no grupo, é salientado pelos irmãos Johnson e Holubec (1999) como uma tarefa a ser induzida pelo professor nas atividades, orientando para que o professor “atribua habilidade social como um papel específico para alguns membros desempenharem ou como uma responsabilidade geral para todos os membros” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 39). Todavia, as atividades empregadas no coral, naturalmente demandava dos alunos o exercício de convivência com o diferente, com o oposto.

Ainda nessa direção, para além de um desenvolvimento de habilidades sociais, no que se refere ao conviver e atuar em equipe, direcionado ao trabalho com o coral, a aplicação dessas aptidões transcenderam o coral, sendo utilizadas em outras áreas do ambiente escolar pelos participantes. A aluna Helena destacou em sua declaração que “*nossa comunicação melhorou muito com as outras pessoas*” (HELENA, 2022). A melhoria na comunicação com outras pessoas, destacada pela participante Helena, diz respeito ao seu modo de se reportar e se comunicar com outros colegas da escola e de outros ambientes que a aluna está inserida e não apenas o coral. A participante complementa sua fala afirmando que, essas habilidades adquiridas com o coral “*vai servir para apresentar outros trabalhos de outras matérias e tudo mais*” (HELENA, 2022).

Isso parece sinalizar a absorção dessa habilidade, tornando algo natural e constante no seu comportamento, que foi adquirida por meio de um processo de atividades que exigiam uma atuação reflexiva da aluna e, conseqüentemente, viabilizar o emprego dessa habilidade em outros ambientes, mesmo que no seu próprio ambiente escolar. Dessa maneira, conforme Johnson, Johnson e Holubec (1999) “os alunos incorporaram plenamente a habilidade em seus repertórios comportamentais e a sentem como uma atitude natural (JOHNSON; JOHNSONS; HOLUBEC, 1999, p. 39). Isso se dá pela rotina de atividades que vão sendo trabalhadas de

forma a possibilitar a mudança de comportamentos, a formação de personalidade e um processo de reflexão sobre as próprias condutas e atitudes, enquanto participante de um grupo.

Se direcionando mais especificamente aos conhecimentos musicais, pude perceber também que essas atividades serviram como um canal de expansão das habilidades musicais dos alunos, além das habilidades sociais. Alunos que já possuíam domínio técnico em outros instrumentos musicais puderam amplificar essas capacidades aprendendo a cantar no coral. Dessa forma, observei então, que a ampliação dessas aptidões musicais estava sendo aproveitadas como forma de agregar ao que já se tinha de conhecimento musical. O aluno Elias afirma que com o coral pode compreender aspectos do cantar, declarando que antes não tinha noção sobre *“afinação da voz. Era mais para tocar instrumentos do que cantar, e isso me ajudou também, porque eu não era bom nem um pouco [em cantar]”* (ELIAS, 2022). Desse modo, Elias era um dos alunos que tocava violão, o que, de certa forma, o ajudou para que essa nova habilidade de cantar fosse aprendida e somada ao seu repertório intelectual musical.

Observando o que as atividades do coral proporcionaram ao aluno Elias e sua declaração sobre esse aspecto, me parece que essa nova habilidade foi algo que já se tinha intenção em aprender. O aluno, que já sabia tocar violão, ao participar da prática coral adicionou a esse saber o cantar. Contudo, isso se configura como uma consequência e/ou a satisfação de uma necessidade pessoal por sua escolha em participar no coral, que teve em seu processo o trabalho em grupo, possibilitando o aluno de desenvolver capacidades que antes não se tinha. Dessa forma, ao trazer definições sobre grupos e os interesses envolvidos nos membros de um grupo, os irmãos Johnson (2014) afirmam que *“os indivíduos pertencem ao grupo para obter recompensas ou para satisfazer necessidades pessoais”* (JOHNSON e JOHNSON, 2014, p. 07). Assim, o que houve no intento de Elias, foi a busca por agregar uma habilidade aprendida que seria proporcionada pelas atividades do coral, tendo como recompensa a expansão de suas capacidades musicais.

A preparação para realizar o concerto didático seguiu com atividades que associavam outros conhecimentos além da música e suas especificidades e que foram fortalecidos durante esse processo didático. Atividades como falar em público, dinâmicas de comunicação, expor o que compreendeu e criação de histórias, foram essenciais para que os alunos pudessem desenvolver habilidades que acrescentassem aptidões à sua formação, se envolvendo nessas atividades vendo nelas a oportunidade de progredir.

Nessas atividades, o objetivo foi de proporcionar experiências que conectassem a música e a comunicação, direcionando o trabalho para a construção do concerto didático. Em contrapartida, os alunos desenvolviam uma nova habilidade que pudesse os ajudar nos

momentos da apresentação, como um suporte prático que os deixasse seguros na exposição dos conteúdos que seriam apresentados em outras escolas. Dessa forma, os alunos, praticavam pequenas apresentações em que simulavam o concerto didático, tendo outros participantes como plateia, havendo então um diálogo entre quem estava a apresentando e o público que estava assistindo. Percebi que isso foi bastante divertido, pois os alunos se sentiam à vontade para praticar a sua fala no concerto didático, ao passo que tudo estava sendo realizado em grupo, pois o sucesso da equipe dependia do sucesso individual. Em nota de campo, observei um desses momentos e constatei esse cuidado em fazer uma boa apresentação:

Hoje foi um dia de muitas risadas e, ao mesmo tempo, de atenção, talvez uma certa preocupação com que estavam fazendo. Promovi uma, digamos, prévia do que os alunos iriam fazer nas apresentações do concerto didático: com os próprios alunos, formei uma plateia e os coloquei para praticar as suas falas. Nesse momento ficavam apontando um para o outro indicando quem deveria iniciar, pois estavam receosos ou com um certo medo de falar, mas logo isso foi resolvido, pois o repertório seguia uma ordem nas músicas e cada aluno faria sua exposição conforme a sequência do repertório. Ao iniciar sua fala, o aluno estava um pouco tenso, mas relaxou conforme as dicas que dei e foi apresentando sobre um dos artistas e a música que seria cantada pelo coral. A “festa” começou quando esse aluno falou uma palavra errada e, se dando conta disso, ele mesmo riu disso, sendo acompanhado pelos colegas que estavam como plateia. Após isso, corrigido essa palavra, o aluno prosseguiu com a sua exposição e nessa atividade, os colegas davam suas opiniões sobre como foi a apresentação do colega. Um dos participantes que estava na plateia afirmou que tudo devia sair como planejado, pois, segundo ele, quando um erra todos erram. Isso foi muito bom, no sentido de os próprios alunos construírem a sua fala, o modo de expressão e estarem trabalhando para que ocorra tudo bem nas apresentações que estavam por vir (NOTA DE CAMPO, 13/06/2022).

À vista disso, esse cuidado revelado pelos participantes, é destacado por Cochito (20004) ao pontuar que esse é um aspecto que torna a atuação dos alunos como algo fundamental para que todos tenham êxito nos objetivos. Assim, conforme a autora:

Ao tornar o trabalho de cada um imprescindível, cada pessoa torna-se também essencial, o que faz o sucesso desta técnica em que os alunos aprendem muito uns com os outros, não só as matérias em si, mas na forma de expor e preparar materiais. Este princípio de complementaridade pode ser aplicado em desenvolvimento de projecto e/ou para apropriação de conteúdos ou matérias específicas (COCHITO, 2004, p. 31).

Dessa forma, o que pude perceber a partir da conduta dos membros do coral, foi o estado de consciência, sobretudo da dependência que o bom trabalho de cada participante estava diretamente ligado ao sucesso de todos, enquanto coral. Assim sendo, a partir dessas atividades que envolveu os alunos em um processo de construção, o desenvolvimento de habilidades seguia de forma gradativa, o que foi percebido pelos próprios alunos. A aluna Débora revelou estar “*aprendendo agora comunicação, como posso me apresentar*” (DÉBORA, 2022). No mesmo sentido, Bárbara afirmou ter aprendido “*o poder que a comunicação da forma correta*

tem, da entonação correta, da gesticulação correta e a como me comunicar” (BÁRBARA, 2022). A participante Helena também destacou o que aprendeu nessas atividades de apresentação dos artistas, evidenciando que aprendeu sobre “[...] *a comunicação, a fala*” (HELENA, 2022). Dessa maneira, as alunas expressam em suas falas, a habilidade adquirida, mediante o trabalho com o coral e que perpassa por todo o processo das atividades empregadas no grupo.

As participantes revelam sobre estar aprendendo sobre a comunicação como algo em comum entre elas. Essa nova habilidade parecia não fazer parte das suas competências, enquanto aluno e indivíduos inseridos nos diversos ambientes, das suas vidas estudantis e social. Isso aponta para a maximização das suas capacidades e que vai além de apenas falar em público ou de realizar uma simples apresentação, seja na escola ou em qualquer outro contexto em que possivelmente possam estar, ou seja, perpassa por outras áreas da vida das participantes e não tão somente às suas vidas escolares. Isso pode ser evidenciado na fala de Débora, ao declarar que a comunicação a ajudou *“me controlar, porque eu sou muito ansiosa”* (DÉBORA, 2022). Desse modo, adquirida essa nova habilidade, Débora aponta para uma dificuldade que foi superada em relação às apresentações em público e que faziam parte da proposta do coral com o concerto didático.

No mesmo sentido, esse aspecto de dificuldade comunicativa, como apontado pela aluna Débora, Helena também evidencia ao afirmar que “[...] *aprendo a me comunicar, a falar melhor com as pessoas*” (HELENA, 2022). Assim, me parece que essa dificuldade antecedia a sua participação no coral e que, pelo processo das atividades, de uma certa forma, a sanou. Helena sinaliza então que, com as atividades do coral, houve a compreensão de que essa habilidade a ajudaria a construir aprendizagens significativas e relevantes, do ponto de vista prático e em suas relações com os outros.

Todavia, ao observar esse contexto, o progresso alcançado pelos participantes estava sendo percebido por eles, ao afirmar que estavam aprendendo e que estavam pondo em prática o que aprenderam, como é salientado pela aluna Camila, ao declarar que *“na hora da apresentação, a gente sempre tenta pôr em prática a área da comunicação que a gente aprendeu”* (CAMILA, 2022). Dessa forma, Camila parece apontar para a utilidade das habilidades adquiridas, um conhecimento que não foi absorvido em vão, mas que, de fato, seria algo aplicável nas atividades do coral e até mesmo em outros propósitos.

Nesse sentido, Kagan e Stenleve (2006) discorrem sobre esse aspecto de utilidade do conhecimento adquirido, destacando que “o novo aprendizado é verbalizado o tempo todo

enquanto se trabalha com ele” (KAGAN e STENLEVE, 2006, p. 65 – tradução nossa¹⁸). Desse modo, os participantes, no decorrer das atividades do coral, foram adquirindo habilidades que seriam empregadas no trabalho com o coral e em outras áreas da sua vida, percebendo isso partir do seu uso em seus relacionamentos, como um todo.

A comunicação, ponto bastante destacado pelos participantes, foi sendo trabalhada e vista por eles como uma habilidade que agregou ao seu processo de formação. Assim sendo, a percepção da conexão entre música e comunicação foi um ponto evidenciado nas atividades do coral. Isso pode ser percebido a partir da fala de Bárbara, ao declarar que *“aprendendo que a comunicação e a música são bem além do que é falado”* (BÁRBARA, 2022). Também nessa perspectiva, Francisco afirma que *“[...] essa parte da comunicação eu vejo que há uma união entre comunicação e música”* (FRANCISCO, 2022). Dessa forma, os participantes parecem surpresos ao perceberem a junção entre a música e a comunicação. Talvez por, até então, não ter participado de um trabalho em que o fazer e o saber estão conectados a outros conhecimentos ou, por experiências anteriores, mesmo com música, apenas aprender algo de forma direcionada e sem conexão com áreas diferentes.

Dessa maneira, a habilidade de comunicação foi percebida como um ponto atrativo no trabalho do coral, no sentido de desenvolver um recurso que os ajudaria nas suas variadas intenções. O aluno Francisco, complementando a sua fala anterior, afirma que:

Eu estou lá [coral] realmente para aprender a me comunicar e aprender a passar o que eu devo passar. Porque, nesse caso, é como minha obrigação pessoal, eu me obrigo a fazer isso que é o que vai me fazer ir para frente. Então isso me ajuda a saber e aprender a me comunicar de verdade com as pessoas ao meu redor (FRANCISCO, 2022).

Nesse sentido, levando em consideração ainda o conhecimento em comunicação como um assunto que despertou interesse, Francisco complementa a sua fala, afirmando que *“que foi uma das coisas que mais me atraiu, eu realmente estou aprendendo a poder me socializar e conviver com outras pessoas, e conseguir passar o que eu quero passar”* (FRANCISCO, 2022). O aluno Francisco aponta então para o desejo de poder expressar o que aprende, não apenas o conhecimento sobre música, como também os conhecimentos diversos que estão fazendo parte de sua formação e/ou de sua experiência de vida. Assim, a comunicação parece ser tratada como um canal que possibilitou ao participante manifestar, de forma consciente e segura, as suas ideias e concepções aos outros e em suas relações em geral.

¹⁸Verbaliseres den nye læring hele tiden, mens der arbejdes med den.

Todos esses aspectos evidenciados nas falas dos alunos, observando o contexto do qual estavam inseridos, ou seja, as atividades do coral, foram proporcionadas pelo trabalho em grupo, ao avaliar a circunstância de aprendizagem. Esse processo desencadeou nos alunos o desenvolvimento de habilidades de uma forma, até então, não vista ou vivenciadas por eles. Assim sendo, pela lente da aprendizagem cooperativa, isso envolveu o olhar atento do aluno no seu próprio crescimento, mesmo em uma situação de trabalho em equipe, que requer uma atenção e dedicação com a evolução dos outros indivíduos, onde o êxito de cada membro do grupo faz sentido quando todo o grupo tem êxito. Nesse sentido, Johnson, Johnson e Holubec (1999) ao tratar sobre avaliação de crescimento, salienta que os alunos:

[...] devem ganhar experiência considerável na avaliação de desempenho e ser capazes de analisar sua própria concorrência para fazê-lo. Com bastante prática, os alunos se tornarão muito hábeis em monitorar seu próprio aprendizado e o de seus colegas (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 57).

Em vista disso, considerando o aspecto avaliativo da aprendizagem cooperativa, os autores destacam sobre a importância de se avaliar todo o progresso dos alunos, como forma de avançar no processo do qual os participantes de um grupo estão inseridos. Dessa forma, observei que os participantes do coral, conforme as declarações acima, estavam atentos ao seu desenvolvimento, fazendo uma comparação entre o que se tinha de repertório intelectual antes de ingressar no coral e após participar das atividades do grupo, o que foi evidenciado pela aluna Helena ao salientar que algumas *“maneiras de comunicação que eu tenho dificuldade de aprender e acabei conseguindo aprender mais no coral”* (HELENA, 2022). Assim sendo, mediante a intervenção pedagógica na escola, a percepção que os alunos tiveram foi de que estavam agregando conhecimento, do qual foi percebido através da autoavaliação. Essa avaliação, no contexto da aprendizagem cooperativa, é totalmente benéfica ao trabalho do grupo, pois, segundo Johnson, Johnson e Holubec (1999):

Um bom trabalho em equipe é o resultado da integração das capacidades de cada membro do grupo para realizar tarefas que nenhum membro pode realizar sozinho. Avaliar o desempenho individual permite que os membros ajudem e apoiem uns aos outros no processo de melhorar seu desempenho (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 58).

Assim, houve entre os alunos o cuidado em se observar enquanto membros do grupo e refletirem sobre o que estavam desenvolvendo como habilidades. Esse processo avaliativo permitiu aos participantes verificar a qualidade do trabalho que estava sendo desenvolvido, ao passo que, segundo os irmãos Johnson e Holubec (1999), auxiliou “[...] para melhorar a capacidade de desenvolver estruturas conceituais e ajuda os alunos a construir um quadro de

referência para avaliar seu próprio trabalho” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 58), o que proporcionou aos participantes um maior nível de raciocínio e de envolvimento no trabalho que estavam realizando.

5.2.5 “Vocês cantam e ensinam”: o concerto didático como modo de aprendizagem

Como essência da proposta, o concerto didático foi o centro do trabalho do coral. A sua construção foi realizada com o enfoque de proporcionar aos participantes uma experiência musical que unisse proatividade, protagonismo, saber e fazer musical, desenvolvendo nos participantes diversos conhecimentos que estavam agregados à proposta do coral, à exemplo do que foi explanado anteriormente. Assim, durante todo o processo de montagem da apresentação, bem como a sua realização, ou seja, as apresentações do coral, pude ver que os alunos tinham suas percepções sobre o que foi esse tipo de apresentação musical, a saber uma forma diferente de apresentação, um modo de ensinar, um grupo de pessoas com funções diferentes e uma forma de conhecer sobre um artista. Tais percepções foram fruto da reflexão sobre a configuração de uma apresentação com uma proposta que destaca o aluno, possibilitando ao participante ensinar o que foi absorvido de conhecimento musical.

A bem da compreensão sobre esse tipo de apresentação, o concerto didático, considerando o contexto escolar, como explanado anteriormente, é uma forma de apresentação musical, que coloca o aluno em uma posição protagonista, no sentido de oportunizar o aluno a manifestação do conhecimento musical adquirido. Dessa forma, o concerto didático se torna um canal ou forma de ensino que proporciona ao público a compreensão sobre o que está sendo abordado e que, segundo Aguiar (2019) “se diferem dos concertos tradicionais pela sua natureza pedagógica” (AGUIAR, 2019, p. 141). Desse modo, o processo pelo qual se configura o concerto didático é envolvido por atividades que vão desde a escolha do tema, ou seja, do assunto a ser tratado nas apresentações, até a preparação das pessoas, nesse caso alunos, que irão fazer o papel didático de explanação o assunto ao público, contemplando ações que possibilitam ao aluno uma desenvoltura pedagógica, sobretudo na dimensão didática da qual essa forma de apresentação engloba.

Posto isso, o concerto didático foi o ponto de consolidação da aprendizagem musical dos alunos, ou seja, a etapa final das atividades musicais, realizadas para a intervenção pedagógica planejadas para essa pesquisa e que conferiu aos alunos experienciar momentos de fruição, escuta atenta, processos comunicativos e desenvolvimento musical, sobretudo o saber e o fazer musical. Assim sendo, a estruturação do concerto didático imergiu os participantes em

atividades que configuraram a apresentação e que foram fundamentais para o desenvolvimento da proposta.

Ante a esses aspectos, a construção e consolidação do concerto didático se deu por etapas que tiveram atividades direcionadas na intenção de preparar os alunos para as apresentações que estavam por vir. Assim, o objetivo das etapas foi de concluir toda a preparação dos alunos, no que tange o repertório a se cantar, a explanação sobre os artistas escolhidos conforme o tema, a performance comunicativa e a realização do concerto didático, consolidando todo o processo de preparação e de aprendizagem dos alunos. Desse modo, é válido ressaltar que essas etapas de preparação tiveram início na fase final dos encontros, ou seja, nos três últimos encontros, realizados os meses de agosto e setembro de 2022.

Essas etapas foram essenciais para que os alunos pudessem configurar a apresentação, passando por atividades de apreciação, através do repertório definido e pela explanação da biografia dos artistas que foram abordados pelo repertório. Tais atividades conferiram aos alunos a possibilidade de se aprofundar no repertório, extraindo desse processo reflexões acerca das especificidades musicais, à exemplo da técnica vocal, timbre, ritmos e arranjos, e de expor o que foi compreendido sobre os artistas, deixando os demais integrantes do coral informados, mediante o processo de compartilhamento do conhecimento absorvido. Assim, os participantes puderam sanar dúvidas e fortalecer todo o grupo, mediante a exposição das suas compreensões sobre os artistas e a ajuda mútua quanto aos diálogos promovidos entre os participantes.

Contudo, o ponto chave dessa atividade foi a eficácia da atuação dos alunos, enquanto grupo, que procuravam deixar todos os integrantes informados sobre os artistas que seriam abordados nas apresentações, como pode ser observado na nota de campo:

Nessa atividade de escuta das músicas e de, posso dizer, uma prosa sobre os artistas contemplados no repertório para as apresentações, foi muito bom ver os alunos unidos em um só objetivo. Eles estavam firmes na construção do concerto didático e, percebi, ansiosos para as apresentações. Mas o que me chamou atenção foi o diálogo entre eles. Estavam tirando dúvidas sobre a vida dos artistas e atentos às músicas que escutavam, e a todo momento ficavam se perguntando sobre os artistas e como esses artistas cantavam ou tocavam aquelas músicas. Percebi que queriam ficar todos informados sobre o que estavam a aprender e, claro, o que iriam apresentar. Fiquei feliz em ver a eficiência e a dedicação deles (NOTA DE CAMPO, 19/09/2022)

Ao observar a eficiência dos alunos, com base nos dados coletados, a exemplo da nota de campo acima, os alunos pareciam estarem apreensivos com as apresentações que estavam por vir. Os integrantes do coral pareciam revelar que, embora eu percebesse que estavam, a cada encontro, mais preparados, isso não estava sendo percebido por eles, que estavam esforçados e empenhados em construir o concerto didático e ficar seguros, no que tange o seu

papel enquanto membro e, conseqüentemente, os demais integrantes do coral, de uma forma geral para as apresentações.

Dessa forma, esse aspecto de eficácia do grupo é abordado pelos irmãos Johnson (2014), afirmar que “um grupo eficaz é mais do que a soma de suas partes. É um grupo cujos membros se comprometem a maximizar o seu próprio sucesso e o dos outros” (JOHNSON e JOHNSON, 2014, p. 20). Assim, promover a aprendizagem dos pares foi algo muito presente nesse processo, pois todo o grupo, durante os encontros, tomava consciência de que o sucesso era de todo o coral, mas a responsabilidade sobre o desempenho era do indivíduo.

Desse modo, ainda em relação as etapas para a preparação dos alunos, acima explanado, tiveram atividades de performance comunicativa para as apresentações do concerto didático, e que teve como objetivo estruturar as falas dos alunos, no sentido de roteirizar o que e como fariam a exposição sobre os artistas durante as apresentações. Nesse processo, os alunos passaram por atividades que tinha como foco não apenas o conteúdo a ser explanado durante o concerto didático, mas também a performance da apresentação individual do aluno ao abordar sobre algum artista.

Figura 1 – Alunas trabalhando a comunicação durante o encontro.



Fonte: Elaboração Própria (2022).

Todavia, o processo que trabalhou a performance comunicativa dos alunos, possibilitou aos alunos fortalecer o conhecimento adquirido, ao passo em que a compreensão estava sendo compartilhada. Em vista disso, os irmãos Johnson e Holubec (1999), considerando a

aprendizagem cooperativa, trazem orientações acerca desse processo, afirmando que “os membros do grupo são responsáveis por conhecer a fundo as informações que lhes dizem respeito, transmiti-las a outras pessoas e aprender as informações apresentadas por outros membros do grupo” (JOHNSON e JOHNSON, 1999, p. 13). Nesse contexto, as atividades comunicativas para os alunos, se deu por um processo de compromisso com o seu papel, enquanto membro de um grupo, responsável por seu desempenho e consciente sobre o sucesso do grupo estar atrelado ou diretamente ligado a sua atuação, enquanto indivíduo.

Como forma de consolidar toda a preparação dos alunos, promovemos uma apresentação na própria sala de aula, com o intuito de ensaiar a apresentação e ver no que o grupo teria que melhorar, bem como contemplar e aplicar todo o aprendizado dos participantes, sobretudo o saber e o fazer musical. Dessa forma, essa apresentação culminou em diálogo, ajustes e percepções sobre o próprio fazer, como observado na nota de campo a seguir:

Hoje foi o dia do concerto didático particular. Particular porque fizemos uma apresentação para nós mesmos, para o próprio coral. Precisei fazer isso para que eu, aliás nós, pudéssemos enxergar onde seria os erros. Foi então que ao realizar esse ensaio da apresentação, eu e os integrantes do coral vimos, especificamente, onde estavam falhando. Ao final dessa apresentação, os próprios alunos, algo que intuitivamente, iniciaram uma conversa sobre as falhas: alguns apontaram a própria falha e outros apontaram as falhas de colegas. O que me chamou atenção foi que estavam a procurar soluções entre eles mesmos, enquanto eu estava apenas assistindo e orientando vez ou outra. Parece que trabalhei tanto a proatividade deles que se tornou algo automático (NOTA DE CAMPO, 25/07/2022).

Desse modo, considerando o registro da nota de campo acima, pude observar a autonomia dos alunos que estava sendo posto em prática, mediante a apresentação que fizeram. As discussões entre os participantes, a busca por reparar os erros e a preocupação em fazer uma performance conforme o desejado para o concerto didático, foram atitudes presentes e pertinentes a essa atividade. Os alunos pareciam sinalizar que não mais tinham tanta dependência da minha condução, no que se refere a apresentação em si e os papéis que cada participante exercia no coral, pois o que foi absorvido nas atividades os deu meios para pensar nas possíveis soluções que estavam a discutir após a apresentação em sala. A autonomia revelada pelos alunos os ajudou na construção do que estavam a fazer. Para isso, ou seja, os discursos, o refletir e a observação de si e dos outros, os alunos se utilizaram da intimidade entre eles construída durante os encontros e que os deixou livres e a vontade para tecer os seus comentários, ideias e possíveis soluções para as falhas verificadas durante a atividade de apresentação do concerto didático em sala.

Todavia, esse processo de observação, diálogo e correções, algo que pode refletir nos resultados de um trabalho coletivo, é compreendido pelos irmãos Johnson e Holubec (1999)

como algo realizado de forma inteiramente relacionado, no que se refere às funções de cada elemento no grupo. A isso, os autores caracterizam como interdependência de papéis e que, conforme os autores “é implementada atribuindo aos membros do grupo papéis complementares e interconectados [...]. Os papéis especificam a responsabilidade de cada um nas atividades que o grupo deve realizar para realizar uma tarefa conjunta” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 35). Dessa forma, perceber o trabalho e/ou função dos integrantes do coral foi um aspecto importante no processo de construção do concerto didático. E foi mediante esse procedimento que o grupo pode efetuar as correções, através do diálogo e a busca por soluções.

Com todo o processo de preparação concluído, no que tange as etapas, vieram as apresentações. Assim, o coral realizou cinco apresentações que atendeu escolas da rede municipal de ensino e a própria escola, contexto da pesquisa. A primeira apresentação foi realizada na própria escola, onde os alunos fizeram a estreia do concerto didático e mostrar para a escola todo o trabalho que estavam realizando durante os encontros. Assim, nessa primeira apresentação, todas as turmas foram convidadas para o refeitório da escola e puderam assistir à apresentação do coral, do qual fizeram a abordagem do tema escolhido, ou seja, “A música paraibana e seus artistas”. As demais apresentações foram sendo realizadas em outras escolas e atendendo públicos diferentes, sobretudo de escolas que, segundo relatos dos professores dessas escolas, ainda não haviam assistido uma apresentação dessa forma, onde, além de cantar se ensina algo. Em nota, fiz uma observação sobre o que os professores das escolas que fizemos o concerto didático declararam:

Fizemos mais uma apresentação do coral, sendo a terceira escola que realizamos o concerto didático. E percebi a mesma fala nas duas escolas, quando os professores foram agradecer a apresentação que o coral havia realizado. Ao agradecer a nossa vinda para a escola e proporcionar um momento musical, quebrando a rotina, alguns professores afirmaram estar maravilhados com o coral e de ainda não ter assistido uma apresentação como essa. Segundo uma das professoras “*vocês cantam e ensinam*”. Achei interessante a fala dessa professora, que percebeu a essência do trabalho do nosso coral (NOTA DE CAMPO, 11/10/2022).

Figura 2 – Professora agradecendo a apresentação e proferindo sua percepção quanto ao trabalho do coral.



Fonte: Elaboração Própria (2022).

Nesse sentido, pode perceber que o concerto didático foi compreendido pelo público que não foi formado apenas por aluno, como também pelos professores que estavam acompanhando as turmas. Contudo, é importante ressaltar que as apresentações nas escolas que não a escola, contexto do objeto da pesquisa, foram sendo realizada de acordo com a disponibilidade das escolas em determinar um horário para que o coral pudesse realizar o concerto didático. E foi nesse processo de realização do concerto didático na escola que o coral foi trabalhando a sua performance musical e didática, atendendo as escolas e, conseqüentemente, públicos diferentes, cada um com expectativas distintas e atenciosas ao trabalho dos alunos do coral.

Figura 3 – Apresentação em uma escola da rede municipal de Juazeirinho-PB.



Fonte: Elaboração Própria (2022).

Em vista disso, todo esse processo de promoção das apresentações do concerto didático, bem como a preparação dos alunos para que pudessem efetuar a sua apresentação foi sendo observada pelos participantes, os fazendo refletir sobre sua atuação e o que, de fato, para eles significou o concerto didático, ou seja, qual foi a sua percepção sobre essa forma de apresentação. Conforme a aluna Helena, ao se referir sobre a sua concepção sobre o concerto didático, “[...] o concerto didático é o que a gente trabalha no coral. Eu participo, eu gosto de participar apresentando os cantores, porque assim eu acho que eu consigo me desenvolver mais e a minha fala” (HELENA, 2022). A participante revela sua compreensão sobre o concerto didático, através das atividades e das apresentações que foram realizadas.

Desse modo, considerando o que foi percebido por Helena, isso sinaliza uma forma objetiva de descrever o que é realizado pelo coral. Logo, a participante, ao declarar sobre esse processo de apresentação do concerto didático, tem em sua fala a sensibilidade de revelar o que o grupo faz, bem como o seu papel nesse processo. Assim, quanto a percepção sobre os papéis, os alunos foram enfáticos em distinguir as funções dos participantes no coral. A participante Helena, considerando esse aspecto de funções, afirma que “a gente tem um grupo de apresentações, um grupo de apoio que são muito importantes. [...] cada um lá dentro tem sua função” (HELENA, 2022). Nesse sentido, é importante ressaltar que as exposições sobre os artistas no concerto didático são realizadas por um grupo de alunos. Dessa forma, a percepção sobre os papéis no coral foi sendo formalizada no decorrer das atividades e, de acordo com a

aluna Helena, direcionada as funções dos participantes nesse processo. Contudo, as declarações de Helena parecem apontar para a noção do trabalho em grupo. Uma vez identificado as funções e/ou papéis, a participante evidencia que o trabalho individual dos colegas converge para um único resultado ou objetivo, algo comum dentro do processo coletivo.

Ainda nessa perspectiva de identificação de funções, os alunos afirmaram identificar tais funções ao perceber como foi estruturada a apresentação, o que pode ser evidenciado pela aluna Bárbara, ao revelar que “[...] nós que apresentamos cada artista, estudamos um pouco sobre a história dele. Quanto aquela música que está sendo apresentada e o momento que ela surgiu para poder passar para o público a história daquela música” (BÁRBARA, 2022). Na mesma direção, Gisele declara que “tem eu e mais quatro pessoas. Que são as que falam, as outras pessoas apenas cantam” (GISELE, 2022). Assim sendo, as falas dessas alunas corroboram com as declarações de Helena, identificando as funções e papéis no concerto didático. Todavia, ao perceber as atribuições dos participantes no grupo, as alunas parecem sinaliza a complementaridade existente no trabalho do coral. Essa complementaridade é evidenciada pela dependência dos papéis dos alunos. Apesar de ser uma apresentação musical, com o intuito de cantar um repertório, esse processo vai além do simples executar de um repertório, se ensina música para o público, dando sentido ao trabalho do qual o coral estava realizando.

Nessa direção, considerando as funções estarem interligadas dentro desse processo de estruturação e execução do concerto didático, isso pode ser percebido através da aprendizagem cooperativa, conforme a teoria dos irmãos Johnson e Holubec (1999). Os autores apontam em seus trabalhos que “a atribuição de funções aos alunos é uma das maneiras mais eficazes de garantir que os membros do grupo trabalhem juntos de forma suave e produtiva” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 24). Dessa forma, o processo de estruturação e, respectivamente, a apresentação do concerto didático realizada pelos alunos, os incumbiu de responsabilidades em que o bom desempenho dependia da sua atuação. Assim sendo, tais funções ficaram evidentes no decorrer da intervenção pedagógica, sendo identificadas pelos próprios alunos. Do mesmo modo, considerando ainda as falas das participantes acima, a complementaridade e dependência existente entre as funções dos membros do coral, percebidas pelas alunas, tendo em conta a aprendizagem cooperativa, evidencia os apontamentos dos autores, salientando também que “[...] os papéis indicam o que cada membro do grupo pode esperar que os outros façam e, portanto, o que cada um deles é obrigado a fazer” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 24). Dessa maneira, as participantes alcançaram uma consciência sobre o trabalho dos outros membros do coral, percebendo as suas funções e como

cada membro contribuiu no concerto didático, estando todos esses papéis interligados convergindo para um só objetivo.

Dessa forma, a partir das declarações dos alunos, a percepção da aprendizagem por meio do concerto didático foi um aspecto bastante evidenciado nesse processo. Ao se perceber contribuindo para com a construção e realização do concerto didático, ficou visível como e o que os coralistas aprenderam durante o trabalho realizado por eles. A aluna Débora destaca o seu entendimento sobre o concerto didático ao afirmar que *“no meu ponto de vista, os concertos didáticos são mais para a gente ensinar. Uma forma de ensinar a quem está ali na plateia sobre aqueles artistas que a gente vai cantar músicas deles, apresentar sobre eles”* (DÉBORA, 2022). Semelhante a Débora, a Andreia declara a sua visão sobre o concerto didático, narrando que *“a pessoa vai lá na frente, fala o seu nome, fala o nome do cantor, a trajetória do cantor, diz a música que ele criou e diz que é a música que a gente vai apresentar. Aí a gente começa a cantar”* (ANDREIA, 2022). Dessa forma, com percepções mais objetivas sobre o concerto didático, as alunas revelam como se dá a apresentação.

O aluno Francisco também vai de encontro com as afirmações das alunas acima. O participante afirma que durante o concerto didático *“[...]todos apresentamos alguns dados sobre a música e alguns dados também sobre o cantor e de onde ele é [...]”* (FRANCISCO, 2022). Dessa forma, o aluno Francisco, também de forma objetiva, indica como acontece as apresentações, ou seja, o proceder do concerto didático. As descrições declaradas pelos alunos parecem revelar a observação da sua própria prática e que, ao participar das apresentações, compreendem a sua própria atividade, como que um processo de assistir a própria atuação dentro do grupo. Isso também parece revelar que a aprendizagem dos alunos foi construída a partir da forma como o concerto didático foi configurado. Essa configuração exigiu dos participantes uma preparação intelectual, quanto ao que foi abordado nas apresentações, para que tivessem conhecimento e segurança na exposição dos assuntos trabalhados durante as atividades. Ter conhecimento sobre os assuntos vistos no coral foi fundamental para que os alunos tivessem uma base intelectual sólida, o que os deu confiança para realizar as apresentações.

Em vista disso, embora um processo de construção e execução coletivizada, todas as práticas estabelecidas no coral tiveram como essência a efetiva atividade coletiva que, necessariamente, dependeu do esforço, compromisso e do bom desempenho individual. Esses aspectos recaem sobre a responsabilidade individual abordada por Johnson, Johnson e Holubec (1999), que destacam sobre esse elemento da aprendizagem cooperativa, afirmando que:

A responsabilidade individual é a chave para garantir que todos os membros do grupo sejam fortalecidos pela aprendizagem cooperativa. O objetivo dos grupos cooperativos, afinal, é tornar cada aluno um indivíduo mais forte (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 36).

Nesse contexto, esse elemento abordado pelos autores, dispõe sobre um forte aspecto existente na aprendizagem cooperativa e que destaca a prática do aluno como sendo um ponto chave para que o grupo tenha êxito no seu objetivo. Todavia, perceber a própria prática ou função, é perceber a interdependência que perpassa por todo o processo do grupo. A aprendizagem é construída mediante os objetivos do grupo, que atua como um mediador desse trabalho coletivo e que, através das práticas conjuntas, consolidam a aprendizagem dos elementos do grupo. Dessa forma, foi por meio desse processo coletivo e de percepção do trabalho individual que, para além do cantar e ensinar, os alunos reconheceram a importância de todo esse processo na sua aprendizagem.

O reconhecimento desse processo pode ser verificado pode ser observado na fala de Francisco, que destacou sobre a prática do concerto didático. O participante afirma que:

O concerto didático para mim, acredito hoje em dia que seja essencial, porque além de você escutar a música e entender, se você realmente souber o que o compositor quis passar naquela música, te faz entender bem mais e traz um conhecimento bem maior. Então é isso que o concerto didático faz (FRANCISCO, 2022).

Figura 4 – Aluno explanando sobre artista Zé Ramalho no ensaio do concerto didático.



Fonte: Elaboração Própria (2022).

Francisco, ao fazer sua declaração, revela a sua percepção sobre o concerto didático, no sentido de um processo que o levou a uma compreensão mais consciente e/ou aprofundada sobre o que tratou essa forma de apresentação. Assim, como apontado pelo participante Francisco, o concerto didático se tornou algo fundamental para ele, como prática musical que proporciona experiência e conhecimento, que fazem sentido a partir do momento em que se percebe o que essa prática musical pode oferecer. Esse sentido é efetuado mediante o fazer musical, possibilitado pelas apresentações do concerto didático. Para ele, ao indicar que o concerto didático é essencial, isso vai além do simples cantar, o torna capaz de lançar um olhar acentuado à música, fazendo sentido mediante a consciência de conhecer de onde vem as músicas, por quem é cantada e qual a mensagem que a música passa para ele. O aluno parece sinalizar então, que o concerto didático amplifica um conhecimento que, até então, era raso, no sentido de compreensão sobre o que está a se fazer, bem como uma ferramenta que pode ser utilizada para outros fins didáticos e de aprendizagem. Assim, Francisco ao expor que esse processo expande o seu conhecimento, também parece valorizar esse conhecimento que foi adquirido por sua necessidade, vínculo e aspirações no coral, ao tempo que o considera importante, pois foi experimentado, vivenciado e posto em prática através de sua participação no grupo.

Nesse sentido, a aluna Camila também destaca sobre o concerto didático, declarando que para ela o concerto didático:

[...] é a vida de um cantor, a trajetória que ele teve que enfrentar para poder conseguir. Quando eu fiz a [exposição] de Vital Farias, uma coisa que me chamou bastante a atenção foi que ele não foi para a escola, ele foi educado através da literatura de cordel, porque a sua família tinha isso no meio. E isso mostra que às vezes a gente é educado da maneira mais simples possível, mas quando você tem aquele dom dentro de você, você vai trilhar o seu caminho até chegar lá (CAMILA, 2022).

A declaração de Camila mostra, assim como Francisco, uma compreensão mais incisiva, no que tange o assunto por ela abordado no concerto didático. A participante Camila sinaliza ter ido além da leitura bibliográfica do artista, compreendendo o processo do artista e o expondo de uma forma mais correlata. Essa correlação parece se firmar no seu olhar sobre o que conheceu sobre o artista, como que atraída e impulsionada pela história de vida do artista. Assim, embora encarada como uma responsabilidade no coral, ou seja, conhecer o artista e expô-lo nas apresentações, a aluna se identifica com o que conheceu.

Tendo em vista todo o processo da preparação para o concerto didático e as apresentações realizadas, a aprendizagem pode ser verificada mediante as falas dos alunos, que discorreram sobre o que conheceram, o que fizeram e como fizeram. Esse processo parece ter denotado significações para os alunos e sentido na prática da qual estavam a trabalhar. Todo

esse trabalho parece ter construído concepções nos alunos acerca das práticas musicais, os dando suporte e conhecimento para aplicações externas ao coral, no que se refere ao trabalho em grupo, relacionamento com o próximo e a proatividade, tão arraigados nesse trabalho de intervenção pedagógica. Nesse contexto, considerando as declarações dos alunos, pude visualizar um desenvolvimento que ocorreu de forma transversal às especificidades musicais das quais o coral abordou.

Desse modo, todo o trabalho realizado durante as apresentações do concerto didático, conferiu aos alunos a consolidação dos conhecimentos adquiridos. Assim sendo, à luz da aprendizagem cooperativa, foi possível perceber aspectos que fizeram parte das atividades do grupo, à exemplo da interdependência, sinalizada a partir da consciência de complementaridade entre os membros e suas funções no coral. A isso os autores Johnson, Johnson e Holubec (1999) afirmam que “essa interdependência ocorre quando os membros recebem funções complementares e interconectadas” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 24). Dessa forma, ao realizar as apresentações, os alunos estavam inseridos em uma situação de dependência dos papéis dos outros colegas, que trabalhavam pelo mesmo objetivo.

Ainda nesse contexto, outro aspecto identificado dentro do processo de realização das apresentações, foi a responsabilidade, através do compromisso individual ao buscar o bom desempenho, ligada a interdependência, refletindo diretamente na qualidade do fazer musical empregado pelo concerto didático e que, segundo os irmãos Johnson e Holubec (1999):

[...] os alunos entendem claramente o que é a interdependência positiva, eles percebem que o trabalho de cada membro é essencial para que o grupo atinja seus objetivos (ou seja, que ninguém pode tirar vantagem dos outros) e que cada um deles tem algo único a trazer para o esforço conjunto por causa das informações que eles têm, o papel que desempenham e sua responsabilidade pela tarefa [...] (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 33).

À vista disso, ao considerar a consciência sobre a sua responsabilidade e a interdependência que estava diretamente atrelada aos papéis de cada um, os alunos puderam atingir os objetivos do grupo, entregando ao público uma apresentação que proporcionou apreciação e compreensão musical, acerca do que foi abordado pelo coral. Esses aspectos foram trabalhados pelos participantes do coral, de forma a construir conexões entre os alunos, pela interação e atribuições individuais, que os auxiliaram no percurso para a aprendizagem. Dessa forma, em observação a aprendizagem cooperativa, essa aprendizagem que transversalizou o trabalho do coral, foi mediada pelo papel de orientação e direcionamento das atividades, cabendo a mim uma condução baseada no estímulo da proatividade nos alunos e que, segundo Johnson, Johnson e Holubec (1999), ao tratar sobre o papel do professor, destacam que o

docente “[...] se torna um engenheiro que organiza e facilita o aprendizado em equipe, ao invés de apenas encher a mente dos alunos de conhecimento” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 04). E foi nessa conduta de orientação que pude promover a preparação das apresentações do concerto didático, no que se refere a preparação que caminhou por meio da proatividade dos alunos, unindo a isso, a consolidação da aprendizagem, que foi estabelecida, mediante as apresentações do concerto didático.

5.3 SIGNIFICADO DO CORAL PARA OS ALUNOS

Transcendendo o conhecer, o saber e o fazer musical, a proposta do coral proporcionou aos alunos uma experiência nutrida de significados, que foram sendo enxergadas pelos próprios participantes, com olhares diversos. Esses olhares referenciaram os pontos de vista dos participantes, acerca da experiência vivenciada através do coral. Assim, com a aplicação das atividades empregadas no grupo, que tiveram maneiras e intenções variadas, desde os conhecimentos musicais específicos à conhecimentos diversos, à exemplo da comunicação, os alunos foram conduzidos em uma prática coral que os interligou, de forma a alcançar um resultado do qual foi o objetivo de todos: externar a aprendizagem por meio do concerto didático.

O coral configurou então um papel importante, tendo como eixo a prática coletiva que unificou os participantes e os encaminhou em um processo delineado mediante os encontros, o cantar e aprender juntos, buscando construir, cooperar e estimular a aprendizagem, através de atividades que guiaram todo o processo de desenvolvimento intelectual dos alunos, propiciado por uma proposta de intervenção pedagógica, ainda não experienciada por eles. E foi nessas situações que os alunos estabeleceram vínculos uns com os outros, desenvolveram a capacidade de trabalhar em equipe, perceberam o seu papel no grupo, assim como o papel dos colegas, a rede de trabalho existente do decorrer das atividades do coral e a dependência entre as funções de cada membro do grupo.

A partir dos diários de campo e das falas, foi possível entender que o coral assumiu significados diferenciados a cada participante, a partir do que estava sendo realizado no grupo. Desse modo, as apresentações foram também um ponto importante para que os alunos pudessem vislumbrar o que, de fato, estavam realizando. Foram nesses momentos de apresentação do concerto didático que, ao passo que estavam cantando e expondo conteúdos, os alunos contemplavam a sua própria prática, como que uma autoavaliação da experiência vivenciada. Conforme explica Cochito (2004):

É através da capacidade de auto-reflexão que cada um dá significado às suas experiências, explora os seus próprios pensamentos e crenças, se auto-avalia e, em função disso, altera o seu modo de pensar e de agir. O indivíduo é simultaneamente *produto e produtor* dos sistemas sociais e ambientais que o envolvem, por outras palavras é influenciado pelo ambiente mas igualmente capaz de agir sobre ele e de o modificar, de fazer com que as coisas aconteçam (COCHITO, 2004, p. 22).

Contemplando a própria experiência, o envolvimento dos alunos com a prática coral nutriu anseios que foram saciados pelo fazer coletivo, com uma aprendizagem baseada e dependente da própria atuação dos indivíduos do grupo. Isso possibilitou aos alunos uma nova forma de enxergar as práticas musicais, não apenas como uma arte apreciativa, mas como algo que pode ser construído, experimentado e compartilhado entre eles, no que se refere à aprendizagem adquirida. Conforme pode ser observado, a nota de campo expõe essa situação:

O encontro de hoje deixou muito claro para os alunos o que, de fato, estavam a fazer. Parece que até então não tinham noção da realidade ou experiência que estavam tendo. Em um dos momentos do encontro, uma participante ficou apenas observando os demais colegas e eu, como de costume, estava também observando e fiquei focado nessa aluna. Ela ficou olhando o que os outros estavam fazendo e me perguntou por que eu apenas ficava, como disse ela, “dirigindo a gente”. Ela complementou dizendo: “a gente que está fazendo tudo. É bom, porque todo mundo fica sabendo de tudo, como nos seminários que o senhor gosta de passar nas aulas de arte”. Parece que ela entendeu o que estavam construindo de e forma independente (NOTA DE CAMPO, 22/08/2022).

Todavia, contemplar a própria experiência pode ser sinônimo de avaliar o quão eficaz foi o seu trabalho, do ponto de vista do aluno, inserido em um processo que construiu, de forma horizontal, o próprio aprendizado, no sentido de uma participação cooperativa, do qual as atividades são empregadas estimulando o senso de coletividade e a consciência sobre a importância da aprendizagem do outro.

É nessa observação da própria experiência que a os significados são trazidos à tona, influenciando no que estão a fazer e que, conforme Johnson, Johnson e Holubec (1999) “os alunos não aprendem com experiências sobre as quais não refletem” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999), p. 59). Desse modo, tanto as atividades empregadas no decorrer dos encontros, assim como as apresentações realizadas, foram circunstâncias determinantes para que os alunos promovessem a autoavaliação e a reflexão sobre a experiência de participar do coral, com uma forma diferenciada de prática, até então, ressaltado, não vivenciada pelos participantes.

Dessa forma, os alunos foram percebendo os significados e a importância de uma experiência multifacetada, no tocante ao seu modo de ser praticado. Essa percepção, como pude constatar, perpassou pela valorização por estar no grupo ao sentimento de poder vivenciar algo que auxiliou tanto no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, quanto na possibilidade

de ajudar outras pessoas, a partir do concerto didático. Assim, mediante o exposto, serão sobre os aspectos de pertencimento, reconhecimento/valorização da equipe escolar sobre o trabalho do coral e aprendizagem para além do coral, que irei explicar e discutir em seguida.

5.3.1 “Me sinto parte dessa escola e parte de uma coisa grande”: pertencimento

Mediante o convívio proporcionado pelo trabalho coletivo do coral, participar das atividades e realizar apresentações que foram o ápice e a essência da proposta do grupo, um dos aspectos revelado pelos alunos foi a sensação de pertencimento. Esse sentimento munuiu os integrantes do coral de variadas definições, quanto ao trabalho realizado. Foi também que, a partir de uma relação fraterna e do sentimento de unidade, que esses aspectos pareceram ser determinantes no desempenho dos alunos.

A sensação de pertencimento recaiu também sobre a escola, de uma forma geral, revelando assim que o trabalho do coral deu visibilidade não apenas ao grupo, mas também à escola por poder proporcionar uma experiência desse tipo. Foi o que pude constatar na fala de Bárbara, ao afirmar que “[...] *me sinto parte dessa escola e parte de uma coisa grande*” (BÁRBARA, 2022). Com o mesmo teor, a aluna Andreia também declara que “*sinto que sou parte de uma coisa importante*” (ANDREIA, 2022). Essas declarações revelam como as participantes enxergaram o coral, no que se refere a dimensão dada por elas ao discorrer sobre ele. Isso parece estar ligado a uma correlação entre uma experiência positiva e ao *status* atribuído ao coral. As alunas parecem sentir que participar do coral foi como uma conquista que traria benefícios, como complementado pela participante Bárbara, afirmando que o coral foi “[...] *uma coisa que faz uma mudança extraordinária na vida de quem está dentro*” (BÁRBARA, 2022). Isso foram significados gerados a partir do fazer musical, que deram sentido à participação e atuação das alunas, as envolvendo e construídos esses significados, resultando em um sentimento de pertença ao coral.

Ainda em relação a atribuir um certo *status* ao coral, o sentimento de pertencimento foi sendo externado de forma a se sentir também especial no grupo. O aluno Elias expressa esse sentimento declarando que “[...] *me sinto um pouco privilegiado, porque eram vagas limitadas em que eu pude participar do coral*” (ELIAS, 2022). Na mesma direção do aluno Elias está a fala de Débora, revelando que “*eu me sinto prestigiada de estar ali [no coral]*” (DÉBORA, 2022). As falas parecem evidenciar o desejo de participar do grupo e poder vivenciar as experiências proporcionadas, bem como sinaliza que os alunos se sentiram escolhidos para

fazer parte do grupo. Assim, o coral parece ter sido algo muito esperado por esses alunos, abraçando a oportunidade que lhes foi dada para participar do grupo.

Nesse sentido, foi também a partir do coral que os alunos puderam externar como se sentiram vivenciando uma prática em que puderam perceber a construção de vínculos, como explica a aluna Camila ao se referir sobre a experiência vivida no coral:

[...] a música une muitas pessoas e você só percebe isso quando você está junto com muitas pessoas por causa da música, quando você se junta com muitas pessoas para trabalhar com muita música, quando a gente começa isso geralmente tem alguns empecilhos: a gente não conhece aquela pessoa, mas ao longo que a gente vai trabalhando isso vai mudando, a gente vai se comunicando mais, a gente vai interagindo mais, a gente vai dando risada dos nossos erros e vai tudo saindo perfeito no final das contas (CAMILA, 2022).

O coral, conforme a declaração de Camila, passou a ser um canal de formação de vínculos que transcendeu as atividades musicais. O estar junto parece ter sido um ponto de bastante relevância para a aluna Camila, que atribuiu a música uma ponte para a união de pessoas com o mesmo objetivo e expectativa. Isso evidencia uma experiência que culminou em uma convivência proporcionada pelo fazer musical e que desenvolveu nos alunos uma sensação de construção de algo, como complementado por Camila ao afirmar que com o trabalho do coral *“a gente contribui todos juntos e fazer parte de tudo aquilo torna as coisas mais leves, mais únicas, mais suaves, mais incríveis”* (CAMILA, 2022). Dessa forma, a aluna Camila parece perceber a sensação proporcionada pelo coral, por uma ação musical que tornou todo o seu processo significativo, do ponto de vista de um trabalho em que cada aluno tem parte com o todo, ou seja, com o concerto didático.

Pertencer ao coral também passou a sensação de acolhimento por parte do grupo, como afirmado por Elias, se referindo ao coral como um grupo interessante, sentindo *“feliz assim, de certa forma, porque eu gosto de participar do coral, acho algo interessante, algo legal”* (ELIAS, 2022). Esse contentamento em participar do coral também foi externado pela aluna Camila explicando que *“eu me sinto feliz. Eu sempre escutei muita música e ela sempre provocava muito alegria, esse sentimento de felicidade”* (CAMILA, 2022). Desse modo, a música parece ser a condutora da experiência dos alunos, atingindo um grau de sensação em que os participantes se sentem acolhidos por uma proposta que caminhou vinculando sua atuação ao fazer musical coletivo, como afirmado pela participante Gisele, ao falar que *“o coral é um lugar certo para mim, eu me sinto acolhida, eu me sinto bem”* (GISELE 2022. pág. 12). Assim, o sentimento de acolhimento por parte do grupo, vinculou-se ao processo das atividades proporcionadas pelo coral. Essas atividades foram transcendententes nas suas aplicações, ao

considerar o trabalho coletivo dos alunos, que se materializou no fazer e, de forma significativa, no conviver dos alunos e que promoveu vivências sentidas de forma subjetiva, dependendo de como cada integrante enxergou a sua experiência.

Nesse sentido, do ponto de vista da experiência propiciada aos alunos, o coral foi um provedor de atividades que fizeram com os alunos se sentissem parte importante do trabalho do grupo. Esse trabalho possibilitou aos alunos perceber um acolhimento que não se restringiu a apenas o grupo, mas também do público atendido pelo coral, com o concerto didático. Isso pode ser percebido na fala de Débora, explicando que o coral:

É uma experiência muito legal, você está ali, você sente a energia das pessoas quando estão assistindo, principalmente as crianças que fazem parte da plateia que a gente tem nas apresentações dessas escolas do município de Juazeirinho” (DÉBORA, 2022).

Assim sendo, mais que a sensação de acolhimento sentida pelo coral, a aluna Débora, percebeu também a aceitação e a boa recepção do público ao ser realizada as apresentações do concerto didático nas escolas atendidas pelo coral. Débora complementa ainda discorrendo sobre sua impressão em relação ao público, expressando sobre *“a emoção de quem está na plateia, está vendo ali, me sinto muito bem em estar ali, fazer parte disso”* (DÉBORA, 2022). Contudo, o pertencimento sentido pelos alunos foi também favorecido pela inclinação a gostar de música e de se sentir fazendo algo agradável às suas predileções.

Dessa forma, considerando às suas conveniências quanto ao coral, os alunos participaram de um trabalho que lhes foi pertinente, como pode ser percebido na fala do aluno Elias, declarando que *“o coral é algo que eu gosto de fazer, algo interessante”* (ELIAS, 2022). Do mesmo modo, a aluna Gisele afirma que *“[...] gosto muito de cantar, como sempre falei. Sempre gostei de cantar. Tenho grande admiração. [...] E quero muito participar dele mais vezes”* (GISELE, 2022). Desse modo, as explicações dos alunos sinalizam que o coral atendeu a uma demanda existente, sendo o coral o canal que viabilizou o processo dessa necessidade de fazer, saber e conhecer música, mediante as atividades propostas no decorrer dos encontros.

Nesse contexto, como exposto acima, o sentimento de pertença foi externado de forma diversificada, conforme a percepção de cada membro do coral. Todavia, pertencer a um grupo, atribui sentido ao que se faz nesse grupo, de modo a propiciar um fazer musical estimulado por atividades que direcionaram a aprendizagem dos alunos, os fazendo perceber a intenção do trabalho e o propósito do grupo. Nessa direção, os autores Kagan e Stenleve (2006), sobre esse aspecto do pertencer a um grupo, salientam que *“sentir-se parte de uma comunidade, pertencer a um grupo e estar em contato com pessoas afins são mais fundamentais do que as chamadas*

“necessidades de crescimento”, onde se enquadra a necessidade” (KAGAN e STENLEVE, 2006, p. 14 – tradução nossa¹⁹). Isso revela a transcendência alcançada ao participar de um grupo de objetivos comuns e que as relações vão dando sentido ao fazer.

Sentir que pertence a um grupo reflete na eficácia dos alunos, em relação a sua aprendizagem. Contudo, é também através de *feedbacks* sobre o trabalho dos alunos, ou seja, o reconhecimento externo do que está sendo realizado, seja pelo professor ou por terceiros, como apontado claramente pelos participantes ao se reportarem as impressões do público nas apresentações, que os alunos podem refletir sobre o grupo do qual estão inseridos, bem como sua atuação.

Isso é apontado por Johnson, Johnson e Holubec (1999) ao afirmar que “[...] os alunos precisam processar seu trabalho recebendo feedback, refletindo sobre possíveis maneiras de aumentar a eficácia de suas ações [...]” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 59). Dessa forma, o retorno sobre o que estão a realizar é uma forma de os alunos medirem o grau de importância e o seu desempenho no grupo. Isso recai sobre o aspecto de os alunos se sentirem capazes de fazerem determinadas tarefas que, no contexto do coral, se materializa nas apresentações do concerto didático.

Em vista disso, conforme os dados apresentados, é possível concluir que as diversas considerações dos alunos sobre o coral, evidencia a compreensão sobre o processo do qual vivenciaram. Todavia, foi no desenvolver das relações e nas práticas musicais efetivadas, que o sentimento de unidade foi se firmando, de forma a propiciar a construção de um trabalho que perpassou pelos aspectos musicais, transcendendo a aprendizagem musical. A prática musical, coletivamente trabalhada, pareceu configurar toda uma construção cooperativa, o que os fez perceber que estavam a participar de um grupo que acolheu os seus interesses, dando reconhecimento por sua colaboração.

5.3.2 “Eles valorizam o trabalho”: reconhecimento da equipe escolar

O reconhecimento do trabalho foi outro ponto que teve relevância durante as atividades do coral e que também puderam ser percebidos pelos alunos. Desse modo, ainda no contexto de *feedback* sobre o coral, os participantes salientaram suas percepções quanto a esse aspecto

¹⁹ At føle sig som en del af et fællesskab, at have gruppetilhør og at være i kontakt med meningsfæller, er mere grundlæggende end de såkaldte "vækstbehov", hvor behovet for at lære og udvikle sig fagligt hører til. Hvis ikke de sociale behov tilgodeses i de undervisningssituationer, vi tilrettelægger, sørger eleverne som bekendt gerne selv for at opfylde dem med den konsekvens, at der bruges megen energi fra lærerside på at bekæmpe "snakken i timerne".

de valorização. Isso se configurou como um reconhecimento externo sobre o trabalho realizado pelos alunos. A equipe escolar, por meio das percepções dos participantes, destacou o processo pelo qual os alunos estavam passando, através das atividades que foram empregadas no grupo, enxergando os resultados construídos gradativamente.

Esse reconhecimento e/ou valorização foi externado de variadas formas, de acordo com as percepções dos alunos. A valorização dada pela equipe escolar perpassou pelo apoio material, pedagógico e moral. O aluno Francisco explicou sua percepção sobre esses aspetos, em relação à equipe escolar, afirmando que esse apoio foi dado *“tanto com fornecimento de espaço, eu acredito que seja assim, de material, de o apoio em si, de incentivo e supervisões às vezes”* (FRANCISCO, 2022). O apoio revelado por Francisco, ocorreu em diferentes dimensões, seja de forma material, como afirmado pelo aluno, incentivo e até mesmo pela presença, como apontado pela aluna Camila ao afirmar que *“quando a gente vai fazer uma apresentação, sempre tem alguém da escola lá, além do regente, disponível para ajudar”* (CAMILA, 2022). Assim, o apoio percebido pelos alunos parece evidenciar que o trabalho coletivo foi além do trabalho realizado pelo coral. Isso sinalizou a inclusão, no contexto coletivo, de elementos externos ao grupo, que, embora não estando de forma direta nas atividades do grupo, pareciam fazer parte do coral, reconhecendo todo o processo dos alunos.

As declarações dos alunos sobre suas percepções sobre o apoio expressado, por parte da escola, de um modo geral, evidenciam a satisfação da equipe em ter um coral na escola, considerando como algo que traz diversidade cultura para a escola, bem como poder contar com um ambiente que confere aos alunos participantes, experiências musicais e sociais, no sentido de interações estabelecidas pelas relações estimuladas pela prática coral. Esse apoio simbolizou para os alunos que a escola, como forma de valorização, se esforça para manter o coral em atividade, como pode ser constatado na fala de Bárbara: *“eles valorizam o trabalho e fazem de tudo para manter ele acontecendo. E, sempre que podem, tentam incluir. Incluir o grupo em alguma... Em algum evento que vá acontecer, coisa do tipo”* (BÁRBARA, 2022). Dessa maneira, a valorização do trabalho dos integrantes do coral, foi se configurando de modo a equipe escolar está sempre disponível a ajudar o grupo de diferentes formas. Todavia, sobre o aspecto da satisfação da equipe escolar, no tocante ao coral, o aluno Francisco afirma ainda que

[...] eu já percebi uma certa alegria, vamos dizer assim, em ver que tudo isso realmente está funcionando e que a capacidade e os dons dos alunos, estão além do que de uma escola simples, não desvalorizando, claro, mas que a gente realmente tem talentos aqui. E é isso que faz eles realmente gostarem muito do coral, tanto gestão como professores e alunos (FRANCISCO, 2022).

A escola como promotora de experiências educacionais, aponta o trabalho do coral como uma prática que permite aos alunos trabalhar suas predisposições musicais. Assim, conforme o que o participante Francisco expressou sobre a valorização da escola, isso parece evidenciar que o aluno se sente envolvido não apenas pelo coral, mas também por toda a escola. Esse sentimento de amplo envolvimento sinaliza que, paralelo à satisfação da escola possuir um coral, a valorização é direcionada às habilidades dos alunos, que são trabalhadas no grupo, como forma de materializar a aprendizagem promovida pelas atividades do coral.

Nessa direção, a aluna Camila também trouxe sua percepção quanto à valorização da escola sobre o coral. Segundo a participante, a escola “*sente um pouco de orgulho da gente, porque vê que os alunos da escola que ela é responsável, estava saindo dali para poder ir para outros lugares*” (CAMILA, 2022). Camila expressa um sentimento percebido por ela, ao se reportar a equipe escolar, como um todo. Essa afirmação parece apontar para a sensibilidade da escola em ser representada pelos alunos, no caso, o coral. Dessa forma, embora seja as apresentações exponham o trabalho e a aprendizagem do coral e dos indivíduos que integram o grupo, respectivamente, isso também inclui a escola como uma instituição que fomenta práticas musicais, propiciando ao aluno atividades que transcendem os muros da escola.

Os dados trazidos pelas percepções dos alunos acerca da valorização da equipe escolar, como explanado anteriormente, aponta para a observação que é realizada pela equipe escolar. Essa observação foi efetivada de diferentes maneiras, à exemplo de estar presente nas apresentações, auxiliar na logística para o concerto didático, bem como disponibilizando recursos materiais suprindo as necessidades do grupo.

Desse modo, ao empregar a observação, a escola se pôs a acompanhar o coral de forma mais próxima, contemplando a atuação dos alunos e o que estavam construindo. Sobre esse aspecto, os irmãos Johnson e Holubec (1999), trazem considerações, afirmando que “a observação visa registrar e descrever o comportamento dos membros de um grupo para coletar dados objetivos sobre ele. O objetivo é dar feedback aos alunos sobre sua participação no grupo e ajudá-los a analisar a eficácia do trabalho desse grupo” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 44). Assim sendo, foi a partir das observações feitas pela equipe escolar que as ponderações foram efetuadas sobre as ações do grupo, aferindo o trabalho que estava sendo realizado e reconhecendo os esforços dos integrantes do coral. Tais observações foram importantes para que houvesse o *feedback* aos alunos, permitindo aos participantes poder contemplar as impressões obtidas pela equipe escolar. Nesse contexto, os autores salientam que:

É importante que cada grupo de aprendizagem e cada aluno individual recebam feedback sobre a qualidade de seu desempenho na execução das tarefas e no trabalho

em equipe. O feedback é uma informação sobre o desempenho real, que pode ser verificada em relação aos critérios postulados para o desempenho ideal. Quando entregue corretamente, o feedback estimula o interesse do aluno em tomar medidas construtivas para melhorar seu desempenho. O feedback aumenta a eficácia dos alunos, ajudando-os a se sentirem capazes de ter um desempenho ainda melhor em tarefas futuras (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 59).

Dessa forma, os *feedbacks* efetuados pela equipe escolar e percebidos pelos alunos, foram importantes para que os alunos pudessem constatar o seu próprio rendimento. Essa valorização e retorno sobre o trabalho que estava sendo realizado, vale ressaltar, ocorreu de fora para dentro, ou seja, veio de pessoas externas ao grupo, o que os deixou mais seguros de si e do trabalho do coral. Assim, a equipe escolar ao reconhecer, valorizar e participar do coral, embora de forma indireta através do apoio material, pedagógico e moral, deu a certeza aos alunos de que estavam realizando algo importante e que trouxe resultados não apenas para eles mesmos, como também para a escola, de forma geral.

5.3.3 “Está me ajudando muito”: aprendizagem para além do coral

No desenvolver das atividades do coral, o foco estava em construir o concerto didático e para isso foram empregadas atividades específicas, no que tange a música, e atividades com assuntos diversos, à exemplo da comunicação, como ponto facilitador das apresentações, em relação à tarefa dos alunos em fazer a exposição sobre os artistas nas apresentações. Atividades como apreciação musical, dinâmicas musicais e comunicativas, reflexão e exposição sobre os artistas, bem como o repertório escolhido e a comunicação, além das próprias apresentações do concerto didático, foram conhecimentos que engajaram os participantes em um processo trilhado de forma coletiva.

Assim, embora o intuito fosse de aplicar atividades que contribuísse com o processo de montagem das apresentações e, conseqüentemente, aprender música através da prática coral, o que foi trabalhado pelos alunos, trouxe benesses que foram percebidas pelos participantes e que perpassaram pela dimensão emocional e social. Dessa forma, o que foi adquirido como conhecimento, auxiliou os alunos em outras áreas, para além da convivência com o coral e que a utilidade não se restringiu somente ao coral, mas sim, houve o aproveitamento do conhecimento adquirido, aplicando os alunos em diferentes campos das relações humanas.

Nesse sentido, as percepções que os alunos tiveram da prática coral e toda a sua aplicação, em relação as apresentações do concerto didático, também foram entendidas pelos participantes como um ambiente que propiciou estados emocionais positivos, do ponto de vista

dos alunos. Ao se reportar sobre o fazer e/ou o estar no coral, a aluna Bárbara explicou que o coral *“me ajuda bastante pelo fato de que eu me sinto bem fazendo isso e é o momento que eu posso me soltar e fazer o que eu gosto. Sem ter vergonha se alguém vai me julgar, porque todo mundo cantando junto sem ligar para voz do outro”* (BÁRBARA, 2022). A aluna evidencia que enxerga o coral como um ambiente de livre expressão, onde o seu fazer musical pode ser externado e trabalhado sem nenhum impedimento, no sentido de uma prática extrovertida e fluida.

Nessa direção, também está a declaração de Gisele, afirmando que o coral *“me ajuda de muitas formas, porque isso alivia muito a minha alma e o meu cérebro fica muito melhor quando eu estou cantando, quando eu estou me expressando, falando o que eu sei, eu me sinto muito confortável”* (GISELE, 2022). Gisele aponta para o bem-estar viabilizado pelo coral e as práticas estimuladas e estabelecidas no decorrer das atividades. Isso traduz a forma como as alunas veem o coral e de como isso as favoreceu, no campo emocional.

Nesse sentido, externando as declarações acima, as alunas expressaram as suas compreensões, no tocante ao que o coral proporcionou para elas. Isso parece sinalizar que o vínculo estabelecido com a música e com os demais integrantes do coral, proporcionou um espaço agradável e que foi além do simples cantar. As alunas parecem apontar o coral como um suporte emocional que suaviza as suas ocupações, como que um procedimento terapêutico, como afirmado pela aluna Andreia ao falar que *“quando eu saio do coral eu me sinto uma pessoa mais leve”* (ANDREIA, 2022). Isso parece ter as auxiliado nos diversos ambientes, atividades e situações que vivenciam no dia a dia.

O coral, a partir das percepções dos alunos, também foi promotor e/ou um facilitar de ações sociais, no sentido de contribuir para que os alunos adquirissem confiança para as relações pessoais, desenvoltura nas interações e a utilização desse conhecimento em diferentes áreas e situações em que os participantes possam estar. É o que explica o aluno Francisco ao falar sobre o coral afirmando que *“está me ajudando muito na minha vida pessoal, como estudantil também, [...] está me fazendo ir além”* (FRANCISCO, 2022). Ao tratar sobre as relações e a compreensão sobre o outro, o aluno Francisco complementa sua fala declarando que o coral o auxiliou na *“[...] questão de buscar ajuda, de realmente tentar entender alguma coisa de alguém, ou tentar ouvir [...]”* (FRANCISCO, 2022). Desse modo, o aluno explana o que sua participação no coral o trouxe de benefícios. Benefícios esses que tiveram utilidade na sua vida dentro e fora da escola, como narra Elias ao falar sobre o coral e em que o ajudou:

[...] em relação à minha interação com os integrantes do coral também. Eu sempre fui um cara meio fechado e ele teve que me abrir mais para conversar com as pessoas, então, para ficar mais engajado no coral. Isso me ajudou, e está me ajudando a me relacionar mais, a interagir mais com as pessoas (ELIAS, 2022).

Nesse sentido, a proposta de intervenção pedagógica atingiu os alunos de diferentes formas. As percepções dos alunos demonstram o auxílio dado, em relação ao que o coral proporcionou, seja no campo pessoal ou escolar. Contudo, essas explanações sinalizam um estado social, no sentido de relações, anterior à participação no coral, de uma pessoa introvertida e sem segurança em estabelecer vínculos com outras pessoas. Assim, me parece que os alunos capacitaram e/ou adquiriram as habilidades sociais que facilitaram e favoreceram as relações com outras pessoas. Isso se deu a partir da percepção dessas habilidades e a possibilidade de aplicar, experimentar no cotidiano o que tanto foi praticado no coral, ou seja, a comunicação entre os alunos, as variadas formas de condutas e comportamentos dos membros do coral. Tudo isso culminou, então, na aplicação prática de todas essas habilidades e conhecimentos proporcionados pelo trabalho no coral.

De modo semelhante às declarações do participante Francisco e de Elias, a aluna Helena também relatou sobre o que o coral a proporcionou, no campo das relações interpessoais:

Isso me deu mais estabilidade, mais confiança de me comunicar com as pessoas. E isso é bom. Não só dentro da escola mais fora. Eu não tenho mais vergonha de me comunicar com as pessoas fora. Eu consigo ter uma relação mais saudável com as pessoas. Sem medo de falar alguma coisa e elas não gostarem (HELENA, 2022).

Nessa mesma perspectiva, a aluna Débora explica que o coral a ajudou *“porque eu sou uma pessoa que me privo muito de conversar e tal, aí agora com o coral com as apresentações, como se comunicar [...], me ajudou muito. Até porque, eu estou colocando em prática algumas coisas que estou aprendendo”* (DÉBORA, 2022). Assim sendo, segundo o que as próprias alunas explicaram, o coral teve grande influência nas suas capacidades de se relacionar. Houve então, um significativo crescimento pessoal, no que tange a estar mais seguro de si, sentir-se capaz e se permitir expressar o que pensa.

O coral parece ter provocado os alunos a uma movimentação pessoal, no que se refere a participar de atividades que exigiram ações diretas dos participantes e a prática social. A aluna Camila, convergindo com o relato de Helena, afirma que o coral, ao promover novas experiências, os fez *“sair da nossa zona de conforto”* (CAMILA, 2022) e, complementando a sua fala, *“lidar com novas pessoas, lidar com novos assuntos, novos conteúdos, novas apresentações, sempre explorar e expandir o máximo possível que der”* (CAMILA, 2022). Dessa forma, a aluna aponta para uma prática coral que foi capaz de provocar um fazer musical

do qual os alunos puderam incorporar o aprendizado, utilizando de forma ampla os conhecimentos que absorveram durante as atividades do coral que, necessariamente, exigiam que os participantes trabalhassem ou construísem habilidades sociais pelo fazer musical, à exemplo da comunicação entre eles, relacionar-se com o outro e interagir com os colegas.

Dessa forma, a atuação na prática coral exerceu forte influência e estímulo nos alunos, no que se refere a efetuar conexões com outros integrantes. Isso foi trabalhado constantemente ao estarem imersos no processo da intervenção pedagógica, levando-os a exercer condutas, comportamentos e habilidades, para além do coral. As percepções dos alunos parecem evidenciar a convicção dos alunos em atestar as mudanças ocorridas através do coral, por meio das atividades e toda a experiência vivenciada nesse processo. Contudo, os alunos parecem também promover uma avaliação sobre o que foi vivenciado nesse processo, constatando assim os ganhos oriundos das atividades com o coral

De encontro a essa evidência, a experiência vivida pelos alunos é recomendada, para que outros alunos e escolas possam promover e experienciar esse tipo de atividade musical, como destaca o aluno Elias, ressaltando que essa experiência “*deveria ser aplicada em mais escolas, porque não é toda escola que tem isso em comparação a nossa*” (ELIAS, 2022). Desse modo, com base nas percepções dos alunos e na constatação das transformações decorrentes do coral, a fala do participante Elias parece apontar para um certo orgulho em relação ao trabalho realizado e que foi proporcionado, apoiado e enaltecido pela escola, levando em consideração ser a escola o contexto do coral.

À vista disso, o processo pelo qual os alunos passaram os incumbiu de tarefas que necessariamente os faziam praticar as relações. Foi com os vínculos musicais e no trabalho coletivo que os alunos puderam aflorar todos os aspectos explanados anteriormente, ou seja, habilidades sociais que configuraram a transformação percebida pelos próprios alunos. Nesse contexto, os participantes promoveram uma apreciação e contemplação de si mesmo, sobre as mudanças ocorridas neles mesmos, no percorrer dos encontros do coral. Assim, considerando esses aspectos, isso vai de encontro ao conceito de Johnson, Johnson e Holubec (1999) sobre a aprendizagem cooperativa, ao discorrer o aspecto da avaliação e reflexão. Dessa forma, ao tratar sobre a percepção de si mesmo, no sentido de efetuar uma autoavaliação, os irmãos Johnson e Holubec (1999) salientam que:

[...] o aluno (a) avalia a si mesmo, com que frequência e com que eficácia ele usou as práticas sociais e outros comportamentos direcionados, (b) avalia as ações de outros membros do grupo, percebidas como benéficas ou prejudicial [...] (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 50).

Nesse sentido, ao contemplar as próprias mudanças e/ou transformações, os alunos avaliam o grau de aprendizagem e eficiência dos conhecimentos adquiridos em um processo coletivo, caracterizado pela cooperação entre os membros do grupo. Dessa maneira, no mesmo contexto de Johnson, Johnson e Holubec (1999), Kagan e Stenleve (2006), abordam sobre a autoavaliação como forma de os alunos perceberem o que adquiriram em meio a participação de um processo coletivo de aprendizagem. Conforme os autores, Kagan e Stenleve (2006), esse aspecto faz parte da avaliação efetuada pelo próprio aluno e que “[...] dão aos alunos a oportunidade de refletir sobre suas próprias ações em relação aos outros e, assim, desenvolver uma melhor compreensão dos mecanismos que determinam se um grupo está funcionando bem ou não” (KAGAN e STENLEVE, 2006, p. 38 – tradução nossa²⁰).

Assim sendo, foi através da percepção de si mesmo, enxergando as vantagens decorrentes de uma participação direta e proativa no coral, que os alunos puderam perceber o que foi absorvido como benefícios para eles mesmos. Isso se deu por meio de uma conduta proativa, de senso coletivo e de compartilhamento, que foi trabalhado mediante atividades que cativaram e desenvolveu a aprendizagem nos alunos. Dessa forma, ao estar inseridos nesse processo de atividade musical coletiva, o aprendizado desenvolvido os deixou confiantes para empregar os conhecimentos adquiridos nas diversas situações que os alunos poderão estar ou vivenciar tendo segurança para atuarem no campo das relações. Assim, como exposto anteriormente, todos esses aspectos detalhados pelos próprios alunos se configuraram em ganhos que foram e serão aproveitados e/ou utilizados no decorrer de suas vidas e nas mais diversas áreas que possam estar.

²⁰En vigtig funktion af sådanne evalueringer er, at de giver eleverne anledning til at reflektere over deres egne handlinger i relation til andres og dermed udvikle en bedre forståelse af de mekanismer, der afgør, om en gruppe er velfungerende eller ej.

6 CONCLUSÃO

Nessa pesquisa, o objetivo foi de compreender como os alunos aprendem música a partir do concerto didático, tendo como objeto de pesquisa o Coral Vozes da ECIT, que existe na escola desde o ano de 2018, e que buscou elucidar aspectos pedagógicos-musicais que permearam a prática coral e o concerto didático, no que diz respeito à aprendizagem dos alunos que participaram do coral e, respectivamente, dessa pesquisa.

Dessa forma, a partir de um estudo de caso qualitativo e da aprendizagem cooperativa como lente, foi possível olhar para os dados e compreender aspectos ainda não elucidados, que permeavam as atividades do coral, bem como a atuação dos participantes no grupo, sendo possível o entendimento a partir do fazer musical dos alunos. Assim, distanciando-me do papel de regente do coro, o olhar se voltou para as condutas, comportamento, significados e práticas empregadas no decorrer da pesquisa e que me auxiliaram em perceber as nuances do processo de intervenção pedagógica, que necessitavam de serem verificadas para alcançar as respostas na pesquisa.

Assim, foi a partir de uma prática protagonista com o Coral Vozes da ECIT, que pude verificar como ocorreu a aprendizagem dos alunos. Mediante os dados levantados e da análise das informações captadas no decorrer do processo da pesquisa, o concerto didático se mostrou uma ferramenta que possibilitou aos alunos um fazer musical diferente da concepção dos participantes, bem como do que comumente é trabalhado em um coral, que viam tal prática como um processo de aprender um repertório, ensaiá-lo e apresentá-lo, sem que para isso não haja uma atuação direta do integrante, na perspectiva de uma construção conjunta dos próprios alunos. Assim, os alunos, partindo de uma participação diretamente ligada a construção do concerto didático, deram a sua visão sobre o que foi realizado, concebendo perspectivas, concepções e formas de enxergar o concerto didático como forma de promover aprendizagem musical.

Essa pesquisa, para além das perspectivas pedagógico-musicais, trouxe significados diversos para os participantes, assim como para a forma de condução do coro, exigindo de mim uma atuação predominantemente distanciada, cabendo a orientação dos alunos quanto ao trabalho que estava sendo realizado por eles. Tais significados, transcenderam o fazer musical, perpassando por aspectos sociais, dos quais os alunos ainda não haviam passado: conviver com perspectivas diferentes, lidar como o contrário, trabalho coletivo intenso, preparação conjunta para um só objetivo. Socialmente, conforme os dados analisados, os participantes alcançaram um nível bastante relevante, considerando como eram antes de participar do coral. Isso conferiu

aos alunos habilidades e competências para atuarem nos mais diversos ambientes que possam vir a se inserirem, utilizando assim o que foi absorvido durante o processo de intervenção pedagógica realizado no coral.

Na música, constatei um processo interventivo que amplificou os seus horizontes sonoros. A prática estabelecida provocou os alunos a buscar um objetivo comum a todos e que, embora com percepções e concepções diferentes, os alunos puderam perceber o que estavam a realizar e que para isso necessitavam de uma participação em conformidade com o coletivo, ou seja, com os demais participantes do coral. A aprendizagem na música, foi constatada através do próprio fazer musical dos alunos, que, ao serem provocados pelo objetivo do trabalho, iniciaram o processo de pesquisa, aprofundamento, compartilhamento de todos os assuntos e conhecimentos trabalhados no coral. Dessa forma, a aprendizagem musical foi algo construído pelos próprios alunos e que os deixou seguros e confiantes para as apresentações do concerto didático.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o fazer musical coletivo foi o fio condutor dessa pesquisa, que proporcionou aos alunos um processo compartilhado, no que tange a construção da proposta do coral. Tal proposta rendeu aos alunos um trabalho intuitivamente interativo, do qual os participantes foram imersos, estabelecendo as relações necessárias no decorrer da pesquisa. O estabelecimento dessas relações foi enxergado pela lente da aprendizagem cooperativa, através da concepção dos irmãos Johnson e Holubec (1999), que trazem o trabalho em grupo como uma forma de alcançar objetivos, fazendo com o que os membros atuem mediante um processo de responsabilidades, interações, autoavaliação e condutas que auxiliem os integrantes construírem o conhecimento. Contudo, cabe ressaltar que foi a partir do caráter coletivo e trabalho em grupo que os coralistas trabalharam de forma interdependente, estabelecendo a cooperação como processo que viabilizou construção do conhecimento, pertinente a proposta do coral para essa pesquisa, assim como enxergando os papéis de cada integrante no grupo.

Todavia, considerando os dados analisados, compreendi que a ênfase recaiu sobre o que essa prática musical significou para os alunos. Assim, como já explanado acima, entendi que o significado desse fazer musical teve sua relevância, no que se refere as perspectivas dos alunos, que estiveram dentro desse processo de intervenção pedagógica. A prática coral, aliada ao concerto didático como forma de se trabalhar o coral, perpassou por aspectos proativo e protagonista, que configuraram um ambiente propício para a convivência, cooperação, aprender e fazer música juntos, envolvendo nesse processo, o estabelecimento e fortalecimento dos vínculos formados pelos participantes. Dessa forma, os próprios integrantes foram responsáveis

por construir esses significados, a partir das relações estabelecidas, da afetividade e de uma prática musical que deu ênfase as relações sociais, ressaltadas pela própria conduta dos alunos no coral.

Nesse contexto, é possível enxergar o que a relação entre música e o processo de ensino pelo qual o coral caminhou, significou. Pude entender que foi a partir dessa prática coral que envolveu dimensões sonoras, sociais e interativas que os alunos puderam aprender de uma forma compromissada uns com os outros e que os resultados, gradativamente surgindo, convergiram para o crescimento musical, social e pessoal de cada integrante. Compreendi então que isso significou a construção de um modo de pensar a prática coral, com um olhar coletivo e um fazer musical que transcende a prática musical, estando os alunos em sintonia uns com os outros, se mobilizando de forma acentuada a fim de atingir o objetivo da proposta: aprender e ensinar, de uma forma antes não vivenciada, ou seja, o concerto didático.

À vista do que foi verificado, como acima exposto, espero que essa pesquisa possa contribuir para a área da educação musical, no que se refere a prática coral e o concerto didático como forma de se caminhar pedagógica e didaticamente, bem como contribuir para o fortalecimento das práticas musicais no contexto escolar. Assim, também espero que essa pesquisa contribua para ampliar os horizontes de possibilidades de práticas musicais na escola, como forma de fundamentar os posteriores trabalhos e pesquisas que venham a ser realizadas com essa natureza. Dessa forma, creio ter trazido explanações sobre a prática coral e o concerto didático, assim como o modo que foi trabalhado essa união no ambiente escolar. Contudo, acredito que essa pesquisa não se exaure nas compreensões e explicações exposta, porém, abre mais uma possibilidade de aprofundamento sobre esse tipo e forma de prática musical, parecendo a escola um ambiente propício e profícuo para práticas musicais diversas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Gean Gonçalves. **O impacto de ações musicais na formação de plateia no contexto da Escola Estadual Euclides Figueiredo**: palestras, oficina, recital e concerto didático. 2019. 250 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.
- ANDRADE, Klesia Garcia. **Coro criativo**: uma pesquisa-ação sobre a criação musical na prática coral. 2019. 262 f. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRITO, Dhemy Fernando Vieira. **Do Canto Orfeônico às práticas corais infantis**: o desenvolvimento histórico do Canto Coral no Brasil. In: *III XVIII Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical* Educação Musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos. Santa Maria, 2018.
- COCHITO, Maria Isabel Gerardes Santos. **Cooperação e aprendizagem**: educação intercultural. Lisboa: Acime, 2004. 180 p.
- CONSTANTINO, Paulo. Por uma história da apreciação musical na escola brasileira: as ideias dispostas nos manuais didáticos do canto orfeônico. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. Araraquara, v. 13, n. 4, p. 1814-1831, out./dez., 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/6198/619864542019/619864542019.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2022.
- DAVEL, Eduardo Paes Barreto; FANTINEL, Letícia Dias; OLIVEIRA, Josiane Silva de. Etnografia audiovisual: potenciais e desafios na pesquisa organizacional. **Revista Organizações e Sociedade**. Salvador, v3, n.90, p. 579-606, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/issue/view/1861>>. Acesso em: 14 mai. 2022.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004.
- FARIA, Marcio Antonio. **Canto coral**: um estudo sobre a prática do canto na escola. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.
- FERRAZ, Gabriel. Heitor Villa-Lobos e o canto orfeônico: o nacionalismo na educação musical. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. **Revista Pedagogias brasileiras em educação musical**. Curitiba: Inter Saberes, 2016, p. 29-60.
- FERREIRA FILHO, João Valter. **História e memória da educação musical no Piauí**: das primeiras iniciativas à universidade. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

FONSECA, João José Saraiva da. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. João José Saraiva da Fonseca, 2002. Apostila.

GALDINO, Suelen Ribeiro. **Educação musical no ensino médio**: a formação de um coral como atividade complementar. 2016. 35 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun. 1995.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R, organizadores. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis (RJ): Vozes; 2007. p.79-108.

GONÇALVES, Rafael Marques. **O teclado em grupo como alternativa para o ensino de música a alunos do ensino médio do Instituto Federal de Brasília** – Campus Riacho Fundo. 2020. 98 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014. p. 52.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T; HOLUBEC, E. **El aprendizaje cooperativo en el aula**. Buenos Aires: Paidós, 1999. p. 66.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Frank P. **Joining Together Group Theory and Group Skills**. United Kingdom: Pearson, 2014. p. 643.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T. *Cooperative Learning*, in: CONGRESO INTERNACIONAL INNOVACIÓN E EDUCACIÓN. I, 2017, Zaragoza. n° 1, p. 1-12, 2017.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T; SMITH, Karl A. **A aprendizagem cooperativa retorna às faculdades qual é a evidência de que funciona?**. In: Change, Jul/Aug, v.30, fascículo 4, 1998. p. 26.

KAGAN, S.; KAGAN, M. **Kagan cooperative learning**. San Clemente: Kagan Publishing, 2009. 484 p.

KAGAN, Spencer; STENLEVE, Jette. **Cooperative Learning**: 46 strukturer til alle skolens fag. Denmark: Lise Parnam, 2006. p. 192.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem. **Musicalização coletiva de adultos**: o processo de cooperação nas produções musicais em grupo. Porto Alegre, 2008. 300 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2008.

LEMOS JUNIOR, Wilson. **Práticas do ensino de música e canto orfeônico no ginásio paranaense (1931-1961)**. História da Educação [online]. 2020, v. 24 e98235. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2236-3459/98235>>. Acesso em 16 abr. 2022.

MADKE P, BIANCHI V, FRISON MD. **Interação no espaço escolar**: contribuições para a construção do conhecimento escolar. VI Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia. 2013.

MENDES, Josefa Eliane Ribeiro. **Música no programa mais educação**: um estudo sobre as práticas de canto coral em escolas paraibanas. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

MESTRE, Francisco Paulo Rodrigues. **Canto coral escolar**: uma experiência estética e social. 2018. 104 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ensino) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

OLIVEIRA, César Augusto de Souza. **Oficinas de guitarra elétrica**: materiais didáticos para o ensino de instrumento em grupo. 2020. 88 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PAVANELLO JUNIOR, Leonardo. **Contribuições do canto coral na escola para formação integral sob a ótica dos estudantes**. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2016.

PENNA, Maura; FERREIRA FILHO, João Valter. **Os limites das fontes documentais**: do samba enredo da Mangueira 2019 ao discurso oficial sobre o canto orfeônico. Opus, v. 25, n. 3, p. 602-628, set./dez. 2019.

PEREIRA, Marcus V. M. **Licenciatura em música e habitus conservatorial**: analisando o currículo. Revista da ABEM, Londrina, v. 22, n. 32, p. 90-103, 2014.

PORTELA, Girlene Lima. **Pesquisa quantitativa ou qualitativa?** Eis a questão. 2014. Disponível em: <www.uefs.br/disciplinas/let318/abordagens_metodologicas.rtf>. Acesso em: 12 set. 2021.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil**: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. Revista da ABEM, Londrina, v. 25, n. 39, p. 132-159, 2017b.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENEZES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**, p. 73-118, 2009.

SANTOS, Lilian Aparecida Sampaio dos. **O concerto didático coral como prática social**: um despertar para a escuta ativa musical. Revista Educação, Batatais-SP, v. 10, n. 2, p. 57-74, jul./dez. 2020.

SANTOS, M. A. C. **Heitor Villa-Lobos**. Recife: Massangana, 2010. 152 p.

SILVA, L. N. B.; WOLFFENBÜTTEL, C. R. **Banda do CIEP**: uma experiência em educação musical escolar. In: Seminário Nacional de Arte e Educação: o ensino da arte em tempos de crise, 26., 2018, Montenegro. Anais... Montenegro: Editora da Fundarte, 2018. p. 671-679.

SILVA, Leandro. **Canto coral**: uma proposta para o ensino médio. 2020. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Arte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Luceni Caetano da. **O canto orfeônico na Paraíba**. *Revista Claves*, n. 3, p. 41-53, maio, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/issue/view/367>. Acesso em: 20 de abr. 2023.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44, 2009.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. In: **Métodos de pesquisa**. Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo. (Org.). Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 33 – 44.

SOARES, Gina Denise Barreto. O Concerto Didático analisado à luz da Retórica. **Anais do SIMPOM**, n. 3, 2014.

SOARES, Gina Denise Barreto. **A orquestra vai à escola**: os significados de um concerto didático para alunos da educação básica. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015, 217 f.

SOUZA, Aurélio Nogueira de. **Bandas marciais escolares de Goiânia**: relações com a vida estudantil de seus integrantes. 2020. 238 f. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SOUZA, Tarita de Simone Bucchione. **O canto coral como processo criativo**: a educação musical do jovem adolescente no contexto da pedagogia Waldorf. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. Tradução: Luciane de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VECHI, Hortênsia. **O canto na formação e na sala de aula**: três estudos de caso. 2015. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa**. *Revista SOCERJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, set/out, 2007.

VIEIRA, Josélia Ramalho. **Efeitos da aprendizagem cooperativa no ensino de piano em grupo para licenciados em música**: uma pesquisa experimental. 2017. 266 f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Yin R. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2a ed. Porto Alegre: Bookman; 2001. 289 p.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração. 2ª ed. 2011. 134 p.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de Entrevista Semiestruturado

DADOS DO ENTREVISTADO

Nome do entrevistado: _____

Data da entrevista: ____ / ____ / ____ Local da entrevista: _____

Contato inicial:

- Apresentar, de forma breve, os objetivos da pesquisa.
- Explicar as informações contidas no termo de consentimento de entrevista.
- Solicitar a assinatura do termo de consentimento de entrevista.
- Entregar uma via assinada pelo pesquisador para o entrevistado.

QUESTÕES PARA ENTREVISTA

Perguntas de identificação do entrevistado:

1. Como você gostaria de ser chamado?
2. Qual sua idade?
3. Em que série você estuda?
4. Onde você mora?
5. Há quanto tempo você está no coral da escola?
6. Desde quando você estuda na escola?

Perguntas de aproximação com o coral:

1. Como você soube da existência do coral?
2. Por que você entrou no grupo?
3. O que te faz permanecer no coral?
4. Como é ser integrante do coral (o que você sente)?
5. Como é sua relação/convivência com o regente e os demais participantes?

Perguntas sobre o que e como aprendem música no coral:

1. Fale o que você faz no coral (além dos ensaios e apresentações, tem outras atividades que vocês fazem juntos?)
2. Quais músicas você canta no coral?
3. O que você aprende no coral (além disso)?
4. Fale como são os ensaios, o que vocês fazem.
5. O que é que o regente faz nos ensaios, como ele conduz as atividades?
6. Você poderia falar sobre os concertos didáticos (você participa de alguma forma desses concertos, e como?)
7. Como acontecem os concertos didáticos?

8. O que você faz nos concertos didáticos?
9. Onde vocês realizam os concertos didáticos? (vocês se apresentam na escola?)
10. Qual é a função de cada participante no concerto didático?
11. Você poderia dizer o que você aprende nos concertos didáticos? (o que mais?)

Perguntas sobre o significado do coral para os alunos:

19. O que você sente ao participar das apresentações do coral?
20. O que você percebe nas pessoas que assistem as apresentações do concerto didático? (sabe dizer como elas reagem? (nas apresentações realizadas na escola, como os alunos, professores e a direção reage?)
21. A equipe escolar (gestão, professores e colaboradores) apoia o coral?
22. Você saberia dizer como é dado esse apoio?
23. Para você o que significa participar do coral?
24. Participar do coral te ajuda, de alguma forma, em outras áreas da sua vida?
25. Como a equipe escolar vê o coral da escola? (Eles gostam? Valorizam o trabalho musical realizado por vocês? De qual forma eles valorizam o coral?)

Perguntar se o entrevistado tem algo que gostaria de acrescentar.

Características socioeconômicas dos entrevistados:

- Idade?
- Nível de educação?
- Ocupação atual?

Considerações finais:

- Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações.
- Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição dele e, se tiver interesse, deverá entrar em contato com o pesquisador (Ervetton Carlos Araujo).

Apêndice B – Termo de autorização para entrevista

AUTORIZAÇÃO

Eu _____ concordo em participar, como voluntário, da pesquisa que tem como responsável o (a) aluno(a) de pós-graduação **Ervetton Carlos Araujo**, do curso de Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, que pode ser contatado pelo e-mail _____ e pelos telefones _____, _____. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos e professores, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “**CONCERTO DIDÁTICO NA ESCOLA: uma experiência de aprendizagem musical a partir da prática coral**”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno responsável pela pesquisa providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Juazeirinho-PB, ____ de _____ de 2022

AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL

Eu _____ concordo que _____ participe, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) de pós-graduação **Ervetton Carlos Araujo**, do curso de Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, que pode ser contatado pelo e-mail _____ e os telefones _____, _____. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos e professores, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “**CONCERTO DIDÁTICO NA ESCOLA: uma experiência de aprendizagem musical a partir da prática coral**”. A participação de meu (minha) filho (a) consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim sua privacidade. O (a) aluno (a) responsável pela pesquisa providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para conhecimento do (a) entrevistado (a). Além disso, sei que posso cancelar a participação de meu (minha) filho (a) na pesquisa quando quiser e que ele (ela) não receberá nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura do Responsável

Juazeirinho-PB, ___ de _____ de 2022

Apêndice C – Termo de autorização para uso do nome real da escola

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu XXXXXX, Matrícula XXXXXX abaixo assinado, responsável pela ECIT Deputado Genival Matias, autorizo o professor ERVETTON CARLOS ARAUJO, Matrícula 185823-8, CPF 080.846.804-98, mestrando em Artes no programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, a utilizar e explicitar o nome da instituição em seu trabalho acadêmico-científico, referente à sua pesquisa de doutorado (dissertação, publicações em eventos, congressos, aulas e palestras, entre outros).

Fui informado pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Juazeirinho – PB, 07 de julho de 2022.

XXXXXX

Apêndice D – Programa do concerto didático do coral



CORAL
**Vozes da
ECIT**
TEMPORADA 2022

Concerto Didático:
A música paraibana e
seus artistas

<p>Vital Farias Veja, Margarida</p> <p>Zé Ramalho Entre a serpente e a estrela</p> <p>Genival Lacerda Severina Xique Xique</p> <p>Hebert Vianna Meu erro</p> <p>Chico César À Primeira Vista</p>	<p style="text-align: center;"></p> <p>O Coral Vozes da ECIT está promovendo apresentações didáticas com o tema: A música paraibana e seus artistas, através de uma abordagem dos aspectos históricos, biográficos e musicais dos artistas que fazem parte do repertório descrito.</p> <p style="text-align: center;"></p> <p>O público-alvo: alunos de escolas públicas da rede estadual ou municipal.</p>
---	---

CORAL
**Vozes da
ECIT**